

GARTH NIX

A SÉTIMA TORRE V

EM
GUERRA



SCHOLASTIC

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**A SÉTIMA TORRE V
EM GUERRA**

Garth Nix

SINOPSE

O Mundo das Trevas corre perigo porque o Véu está ameaçado. Em breve, haverá guerra. De um lado, Tal e os rebeldes do Povo Inferior estarão lutando bravamente pela liberdade. De outro, Milla e os Homens-do-Gelo estarão preparando o ataque ao Castelo, visando a preservar o seu mundo.

E, num terceiro lado está a mais sinistra de todas as forças — uma força maligna que só agora decidiu se revelar —, uma força tão poderosa que poderia desencadear a destruição total.

No alto da estrada que sobe a Montanha da Luz, numa tenda feita de pedaços de couro de Wreska costurados bem juntos, Milla estava sentada numa cadeira esculpida na mandíbula inferior de um filhote de Selski. O vento uivava do lado de fora, lançando gelo e neve de encontro às paredes da tenda, e provocando um tamborilar constante.

A cadeira de osso era enorme e fazia Milla parecer menor do que efetivamente era, como uma criança fingindo ser gente grande. A cadeira tinha sido levada montanha acima por oito Donzelas Guerreiras, numa operação perigosa que exigiu um esforço considerável. Era uma peça antiga e tinha gravadas, nos braços, assento e encosto, centenas de pequenas imagens das lendas e da história dos Homens-do-Gelo. Perto da mão de Milla, por exemplo, havia um retrato, do tamanho da unha do polegar, da lendária Ulla Braço-Forte em combate corpo a corpo com um Merwin e já quase arrancando-lhe o chifre.

Ao ver a minúscula gravura, Milla sentiu uma pontada do lado, onde havia a cicatriz do ferimento causado pelo chifre de um Merwin e que, por pouco, não fora fatal. Ela sabia muito bem que ninguém podia lutar assim com um Merwin mas, ao mesmo tempo, não tinha a menor dúvida que Ulla Braço-Forte o fizera.

Milla fitou algumas das outras imagens e ficou imaginando se os heróis da história dos Homens-do-Gelo teriam se sentido como ela se sentia — uma impostora que não servia para tema de lendas.

Não era mais Milla do Clã dos Caçadores. Agora era Milla Mão-de-Garra, a Espada Viva de Asteyr e Capitã-Mor dos Homens-do-Gelo. A luminosa unha violeta, de cristal mágico, que estava na mão direita, era a lendária arma de sua mais remota ancestral, Danir. Estava sentada na antiga Cadeira-de-Meditação de Grettir. Vestia as melhores peles de Ursek. Uma tiara de osso, que também trazia gravadas minúsculas cenas dos triunfos dos Homens-do-Gelo, prendia seu cabelo.

Um escudo luzidio, feito de concha-espelhada, estava apoiado no trono. Ele também era antigo, uma relíquia dos tempos remotos quando os Homens-do-Gelo tiveram de se defender da Magia da Luz. Junto dele, havia uma espada de chifre de Merwin. Não aquela que Milla deixara cravada no ombro do Vizir das Trevas, Sushin, lá no Castelo, mas uma arma mais antiga. Ela ainda tinha um brilho tênue que a tornava eficaz contra Espíritos-Sombra.

Sentada na Cadeira-de-Meditação, Milla se perguntava o que estava fazendo ali. Podia ser chamada Capitã-Mor mas, na prática, passava boa parte do tempo esperando que as Matriarcas lhe dissessem o que fazer. Uma vez que estava sob a imposição da Prece de Asteyr, não lhe restava outra escolha a não ser obedecer, e o mesmo acontecia a Odris, seu Espírito-Sombra.

— É melhor do que estar morta — disse o Espírito-Sombra, que estava debaixo da cadeira e veio pairar no ar, diante do rosto sombrio de Milla.

— Pare de ler meus pensamentos! — esbravejou Milla, mesmo sabendo que aquilo não adiantava nada. Agora, a ligação entre elas era fortíssima: tanto pelo vínculo original que se criou no Mundo dos Espíritos de Aenir, quanto pela Prece de Asteyr. Ficariam juntas até que uma das duas morresse.

— E você, pare de pensar em morte! — replicou Odris. — Não sei por que existe tanta névoa dentro de você. Você é a Capitã-Mor, líder da expedição que vai atacar o Castelo.

Provavelmente, a pessoa mais famosa dos Homens-do-Gelo. Já devem estar compondo canções a seu respeito. Ouvi uma que diz assim:

O Merwin de um olho só era possante
Mas a pequena Donzela Guerreira segue adiante
A luminosa Pedra-do-Sol reluz, brilhante,
Guiando a faca habilmente arremessada
Que seu alvo encontra na pele encouraçada
Foi assim que a história se passou
E Milla o grande Merwin derrotou.

— Está tudo errado! — interrompeu Milla abanando a cabeça. — Não sou uma Donzela Guerreira, e nunca serei. Além disso, foi Tal que cegou o Merwin com sua Pedra-do-Sol, e não eu. E mesmo que tenha matado o Merwin, o que mais fiz de bom? Infringi todas as leis, perdi minha sombra. Deviam ter me deixado morrer no Gelo.

— Você só está emburrada porque temos de ficar um tempão sentadas aqui — disse Odris. — Não se preocupe. Logo as Matriarcas estarão mandando algum tipo de alga-de-ar e, então, conquistaremos o Castelo e mandaremos todos os Espíritos-Sombra de volta a Aenir. Ai, nós também poderemos voltar para lá, e você pode... sei lá... começar uma pequena criação de animais, ou ter um barco de pesca, ou algo assim...

— Odris, sou uma Garota-do-Gelo! — protestou Milla. — Este é o meu mundo. Não quero ir viver em Aenir. E não sou fazendeira ou pescadora. Sou uma guerreira!

— Então, devia estar feliz — resmungou Odris. — Você me deixa doente com essa tristeza.

O silêncio voltou a reinar, exceto pelo vento que soprava do lado de fora. Odris deslizou de novo para o chão. Milla se aninhou na cadeira, mas apenas por uns poucos minutos.

— Já estamos sentadas aqui por tempo demais — declarou ela.

Ergueu-se, de um salto, pegou o pesado casacão que estava no encosto da cadeira e vestiu-o, cobrindo o rosto com a máscara de osso antes de pôr o capuz na cabeça e amarrá-lo bem. Pôs então a espada na cinta e pendurou o escudo de concha-espelhada às costas.

— Pelo visto, estamos indo a algum lugar — arriscou Odris, suspirando. — Que tal um pouco mais de luz?

Milla ergueu a mão e o anel de Pedra-do-Sol que usava no dedo médio emitiu luz brilhante, eclipsando a luminosidade esverdeada das lanternas-mariposas que pendiam das estacas maciças situadas nos quatro cantos da tenda.

— Por falar nisso, aonde vamos? — indagou Odris quando Milla estava abrindo as pesadas cortinas de pele que fechavam a tenda. Saíram juntas, em meio às rajadas de neve trazidas pelo vento.

— As Matriarcas já tiveram tempo suficiente para conseguir algas-de-ar — gritou Milla. — Deixei algumas na entrada dos túneis de aquecimento. O suficiente para que eu passe por eles e reúna o Povo Inferior para trazer outras algas até aqui.

Odris deu de ombros enquanto deslizava para seu lugar junto dos calcanhares de Milla. Um dar de ombros que sugeria que atravessar os túneis de aquecimento, de volta para o Castelo, não seria tão simples quanto Milla dava a entender.

Ao menos, pelo que lhe dizia respeito, Odris achava que estavam indo na direção certa. Voltando para a luz de um monte de Pedras-do-Sol e para Adras, seu irmão Pastor de Tempestades, agora também um Espírito-Sombra.

Odris nunca tinha querido deixar o Castelo. Mas Milla estava decidida a alertar os Homens-do-Gelo sobre o perigo que ameaçava o Vêu, para não falar de sua determinação em se lançar ao Gelo. Por sorte, as coisas correram melhor do que Odris temia.

Ela levou alguns segundos para se adaptar aos movimentos rápidos de Milla quando chegaram do lado de fora. Embora as Matriarcas lhe tivessem concedido uma liberdade limitada, os Homens-do-Gelo ficavam muito mais à vontade quando ela tentava se comportar como uma sombra natural. Lá em Aenir, Odris era uma nuvem, e nuvens podem assumir formas com facilidade. Em certa medida, conservara essa habilidade como Espírito-Sombra, mas nunca era rápida o bastante para adequar seus movimentos aos de Milla. Ninguém que a visse deslizar atrás ou ao lado de Milla, imitando seus movimentos com alguns segundos de atraso, teria a menor dúvida: ela era realmente um Espírito-Sombra.

Mesmo sob a luz brilhante da Pedra-do-Sol de Milla, era difícil ver todo o exército dos Homens-do-Gelo acampado pela estrada, pois a neve continuava pesada, redemoinhando junto ao flanco da montanha. A poucos trechos de intervalo, havia uma ou duas lâmpadas-mariposas presas numa estaca de osso enfiada na montanha e podia-se ver um pedaço de uma tenda, ou uma pilha de suprimentos.

Havia também muitas Donzelas Guerreiras e vários Caçadores que, de súbito, surgiam do meio dos redemoinhos de neve. O que quer que estivessem fazendo, paravam e batiam os punhos cerrados, saudando a aproximação de Milla. Como ela tinha que parar e responder à saudação, as duas levaram algum tempo para percorrer uma centena de trechos estrada abaixo desde que saíram da tenda de Milla. Enfim, chegaram ao ponto em que duas imensas cubas de óleo de Selski em chamas assinalavam a entrada dos túneis do sistema de aquecimento.

Todo um destacamento de Donzelas Guerreiras, usando armaduras de concha-espelhada, guardava a entrada dos túneis. Tinham sacos-de-sombra, garrafas-de-sombra e lanças cujas pontes eram inteiramente revestidas de algas luminosas. O equipamento e as algas luminosas provinham de depósitos secretos que havia no Navio em ruínas. As Matriarcas franquearam o antigo arsenal dos Homens-do-Gelo, pondo à disposição várias armas especificamente projetadas para combater sombras de Aenir.

Os Escolhidos do Castelo haviam esquecido a guerra que se travara, outrora, entre o Mundo das Trevas e as criaturas de Aenir, mas as Matriarcas dos Homens-do-Gelo não a esqueceram. Por séculos, conservaram tanto as armas quanto o conhecimento prontos para a guerra que, como bem sabiam, um dia recomeria.

As Donzelas Guerreiras bateram os punhos cerrados quando Milla se aproximou, mas a garota não se iludia. Havia relutância naquela saudação — elas desconfiavam de Odris e da própria Milla. Mesmo não podendo ver seus olhos, por trás das lentes cor de âmbar das máscaras, a menina podia jurar, pela postura de suas mãos, que todas estavam prontas para se defender caso ela enlouquecesse e decidisse atacá-las.

Milla podia estar comandando as Donzelas Guerreiras, mas não era isso o que queria. Sempre quisera ser uma delas, e continuava querendo. Mas sabia que era impossível. Tinha perdido sua sombra, trazido um Espírito-Sombra para o Gelo... e matara a Guerreira Mãe Arla. Não tinha como voltar atrás. Agora, só lhe restava seguir em frente.

— Nós a saudamos, Capitã-Mor — disse a Guerreira Mãe daquele destacamento. Milla não sabia como ela se chamava. Eram tantas as Donzelas Guerreiras e os Caçadores que tinham vindo com ela. E havia até mesmo três ou quatro Cavaleiros da Espada. Muitos outros ainda estavam cruzando o Gelo, embora já houvesse quase duzentos Homens-do-Gelo acampados na estrada que sai do Navio em ruínas e sobe a Montanha da Luz. Outros duzentos, ou mais, tinham ficado lá embaixo, no Gelo, caçando para alimentar o exército, e uma fileira ininterrupta de carregadores e carroceiros transportava comida e suprimentos do Navio em ruínas até os vários acampamentos montados na estrada.

— Vou entrar pelo sistema de aquecimento — declarou Milla erguendo a voz para que ela suplantasse o vento. — Digam, por favor, à Matriarca Malen que, por algum tempo, vou estar...

— Não é preciso — disse uma voz vinda de trás das Donzelas Guerreiras. Um momento depois, uma figura surgiu da neve que redemoinhava. Uma jovem esguia — talvez um circuito mais velha que Milla, usando as peles negras de uma Matriarca. Ela não portava armas nem usava máscara, apesar do vento e da neve cortantes. Tinha os olhos de um azul brilhante, com uma luminosidade fora do comum, o que mostrava que ela era uma Matriarca. A cor azul indicava que pertencia à mais jovem das três ordens. Mais tarde, seus olhos ficariam prateados e, depois, enevoados e leitosos.

— O que você pretende fazer? — indagou Malen.

Falou com toda calma, mas Milla fez uma careta ao ouvi-la. Por causa da Prece de Asteyr, tinha de obedecer às ordens das Matriarcas que falavam a uma só voz. No caso, isso significava obedecer às ordens de Malen.

A jovem Matriarca iria fatalmente impedi-la, pensou Milla. A garota ficou tensa, tentando resistir à ordem antes mesmo que ela viesse.

— Estamos demorando muito a encontrar um substituto para as algas-de-ar do Povo Inferior — disse Milla o mais calmamente que pôde. — Deixei algumas perto da entrada dos túneis. Com elas, vou atravessá-los e ir ao encontro dos Resistentes. Estou certa que eles me ajudarão a trazer muitas algas-de-ar até aqui, se concordarmos em libertá-los dos Escolhidos quando tomarmos o Castelo.

Malen ouviu aquilo em silêncio. Seus olhos se toldaram um pouco, e a luminosidade que havia neles se reduziu. Milla sabia o que isso queria dizer: ela estava se comunicando com as outras Matriarcas. Elas estavam vendo através dos olhos da jovem Matriarca, e ouvindo através de seus ouvidos. Qualquer que fosse a decisão tomada, ela viria de todas as Matriarcas ou, pelo menos, das que tivessem decidido participar. Não seria apenas uma decisão de Malen.

Mesmo assim, Milla quase odiava a outra garota. Ela tinha tudo o que Milla sempre desejara. Não ser uma Matriarca, mas ter o seu lugar entre os Homens-do-Gelo. Ter o respeito das Donzelas Guerreiras. Ser adorada por seu próprio clã.

— É — disse Malen, afinal. — Já levamos tempo demais, e não há qualquer indício de que nossa procura por algas-de-ar sob o Gelo tenha algum resultado. É melhor você ir ao encontro dos Resistentes e convencê-los a nos trazer algas-de-ar. Vou com você.

— Não tem...

Milla ia dizer “algas-de-ar em quantidade suficiente”, mas as palavras nunca chegaram a ser pronunciadas porque ela sabia que havia o bastante para duas pessoas, se fossem cuidadosas, e Malen a fitava bem dentro dos olhos. Milla sabia que a Matriarca perceberia que era mentira.

— Então, vamos — disse ela secamente.

Milla subiu até a entrada dos túneis enquanto as Donzelas Guerreiras batiam novamente os punhos cerrados. Desta vez sabia que era mais pela Matriarca que por ela mesma. Ignorou aquilo e começou a engatinhar pelo sistema de aquecimento.

Mais uma vez. Tal se instalou no sarcófago, sentindo a pedra fria às suas costas. Por alguns segundos, todo o seu corpo estremeceu. Continuava vendo o facho de luz de sua Pedra-do-Sol atingindo o teto. Via a verga de pedra que ficava acima da porta se arrebentar e desmoronar. Via o vapor que uivava, vazando pela parede rachada.

Acima de tudo, lembrou-se da expressão de terror nos olhos do Corvo enquanto a avalanche de pedras, vapor e poeira desabava sobre ele.

O rosto do Corvo o assombrava, mas não fora só ele. Era quase certo que tivesse matado também Clovil, e talvez outros membros do bando do Corvo. E, o que era mais terrível, seu tio-avô Ebbitt. Todos eles estavam bem no caminho das pedras que caíam e dos jatos de vapor escaldante.

Não havia como escapar ao desmoronamento do teto e ao estouro de um dos maiores canos de vapor que existiam no Castelo.

Aquilo tudo tinha acontecido havia apenas uma hora, mas foi a hora mais longa de sua vida. Tal tentou conter as pedras que caíam, e também o vapor, mas foi obrigado a recuar. Gritou por socorro, mas ninguém acorreu. Todos os Escolhidos estavam longe dali. Seus corpos podiam estar adormecidos em seus quartos, mas seus espíritos — seu verdadeiro eu — estavam no Mundo dos Espíritos de Aenir. Portanto, não havia ninguém que pudesse realmente fazer alguma coisa. Os Inferiores acabariam aparecendo, mas tudo o que poderiam fazer era limpar o local... fechar o registro do vapor, mais lá embaixo... e retirar os corpos dos escombros.

Uma vozinha estridente interrompeu as terríveis lembranças de Tal. O garoto ergueu o pescoço para olhar a Grande Pedra Vermelha que tinha nas mãos, apoiada sobre o peito. Ela brilhava na escuridão do sarcófago. Tal se concentrou nela e a figura de Lokar, Guardiã da Grande Pedra Vermelha, que havia sido aprisionada ali dentro, foi aos poucos se tornando mais nítida. Tal compreendeu que ela estava falando com ele. Tinha de prestar atenção no que dizia.

— Tal! Ouça... você tem de me ouvir! Precisamos chegar o mais perto possível do Território dos Escolhidos — repetiu Lokar. — Sabe como mentalizar seu ponto de chegada em Aenir?

— Não — murmurou Tal. Sabia que devia se concentrar no que Lokar estava dizendo, mas não conseguia. Sua mente estava inteiramente tomada pelo desastre que ele próprio havia causado. Lokar continuou a lhe falar, dizendo como se concentrar na Pedra-do-Sol para que seu espírito chegasse no lugar certo em Aenir.

Era de Aenir que vinham as Pedras-do-Sol e os Espíritos-Sombra. E, pensou Tal com amargura, era de lá também que vinham todos os seus problemas. Involuntariamente, vira-se envolvido numa luta secular entre os habitantes do Mundo das Trevas — Escolhidos e Homens-do-Gelo — e as estranhas criaturas do Mundo dos Espíritos de Aenir. Sushin, seu inimigo, era indubitavelmente um agente das sombras de Aenir, e tinha prendido o pai de Tal dentro da Grande Pedra Laranja, envenenado sua mãe a ponto de deixá-la em coma, aprisionado Gref, seu irmão mais moço, e deixado sua irmãzinha, Kusi, aos “cuidados” daquelas terríveis primas Lalle e Korrek.

— Tão perto, tão perto e, no entanto, distante, muito distante — murmurou Lokar, e sua voz soou tão estranha que Tal não sabia ao certo com quem ela estaria falando. Depois, a voz retomou seu tom habitual, estridente. — Tal! — ordenou Lokar. — Não há tempo a perder!

Temos de chegar até a Imperatriz e contar-lhe que as Grandes Pedras foram violadas!

Tal assentiu sem firmeza, mas não fez nada. Alguma coisa se contorcia no limite de seu campo de visão, e ele se encolheu, até que percebeu que era Adras, seu Espírito-Sombra. Em Aenir, Adras era um Pastor de Tempestades, uma criatura vigorosa, feita de nuvem e de ar. Em condições normais, teria sido um Espírito-Sombra fortíssimo no Mundo das Trevas. No entanto, tinha ficado privado de luz e quase fora destruído quando Tal cometeu um erro, ao construir um véu em miniatura para se proteger de Espíritos-Sombra hostis. O estratagema tinha dado certo mas Tal, que nunca tinha feito aquilo antes, acabou, sem querer, enredando Adras na trama do véu. Inteiramente desprovido de luz, Adras encolheu e murchou até ficar reduzido a quase nada. Mesmo agora, ele ainda estava muito fraco.

— Odris! — sussurrou Adras, bem no ouvido de Tal. Odris era sua irmã Pastora de Tempestades, companheira de Milla, a Garota-do-Gelo que deixara o Castelo e voltara para o seu mundo. — Devíamos ir ao encontro de Odris. Ela nos ajudará.

— A Imperatriz — repetiu Lokar. — A Imperatriz! A Imperatriz! Temos de fazer a passagem para Aenir e informar a Imperatriz! Precisamos fazer isso! Precisamos...

— Calem-se! — esbravejou Tal. Será que eles não podiam ficar quietos, só por um minuto? Ele precisava ficar ali deitado, em silêncio, com o reconfortante brilho alaranjado de seu anel de Pedra-do-Sol misturado ao pulsar constante da luz encarnada da Grande Pedra Vermelha.

Surpreendentemente, tanto Lokar quanto Adras se calaram. Tal ficou deitado ali, respirando calmamente, pressionando, de quando em quando, a lápide do sarcófago que estava sobre sua cabeça. Pressionar com força aquela laje de pedra ajudava a relaxar um pouco a sua tensão.

Ainda não tinha conseguido tirar da cabeça aquele segundo pavoroso em que viu o rosto do Corvo e a rocha desabando. Mas, afinal, sentiu-se forte o bastante para tomar uma decisão. Faria a passagem para Aenir, encontraria a Imperatriz e relataria tudo a ela. Faria com que ela usasse a Grande Pedra Violeta, a mais forte e mais importante de todas, para libertar seu pai da Grande Pedra Laranja. Então, Tal poderia contar tudo a ele. Ele saberia o que fazer e resolveria tudo.

Depois de tomar essa decisão, Tal sentiu-se um pouco melhor. Até que uma vozinha lá dentro dele veio lembrar-lhe que ninguém podia fazer o Corvo, Ebbitt e os outros voltarem a viver.

— Foi culpa do próprio Corvo! — disse Tal subitamente. Era como se, ficando com raiva, ele se sentisse melhor. Sua cabeça ainda estava doendo no local em que o Corvo o atingira. E o rapaz do Povo Inferior também tinha roubado a Grande Pedra Vermelha. Se o Corvo não o tivesse atacado e apanhado a Grande Pedra, nada disso teria acontecido. Ele ainda estaria vivo, assim como Ebbitt, Clovil, Fereke e Tinty.

— A culpa foi dele — repetiu Tal. O Corvo é que tinha começado. O desmoronamento da rocha foi um acidente que nunca teria acontecido, se o rapaz não tivesse feito o que fez.

— Vou ao encontro da Imperatriz — declarou Tal fitando a Grande Pedra Vermelha. Podia ver Lokar no centro da jóia: uma figurinha de mulher que parecia boiar na água, com as mãos e os pés em constante movimento. Seu Espírito-Sombra, um Saltor, girava em círculos ao seu redor, pulando sem parar. Estavam ambos encerrados na Grande Pedra, tendo sido aprisionados ali quando seu laço foi rompido. Não podiam ser libertados, a menos que alguém usasse a própria Pedra-do-Sol de Lokar ou, então, a Grande Pedra Violeta da Sétima Torre.

— Ótimo! Muito bem! Excelente! — balbuciou Lokar. — Para ter certeza de chegarmos nas proximidades do Território dos Escolhidos, você deve mentalizar uma imagem desse local. Então, deve manter nítida essa imagem, enquanto recita “O Caminho para Aenir” e se concentra nas cores certas. Você... você sabe recitar “O Caminho para Aenir”? Por favor, você tem de...

— Claro que sei — disse Tal, embora não soubesse como fazer a passagem para chegar num local determinado. Ficou pensando por um segundo. É claro que podia fazer isso. Em termos de Magia da Luz, ele era melhor que muito Escolhido adulto. Se não fosse, já estaria morto a essa altura.

Tinha que escolher o ponto certo do Território. Precisava tomar todo cuidado para não ser visto. Já que o Dia da Ascensão tinha sido na véspera, todos os Escolhidos estariam em Aenir. Inclusive Sushin, presumivelmente. Enquanto Vizir das Trevas, tinha o poder de comandar qualquer Escolhido em nome da Imperatriz. Além disso, havia vários Escolhidos que seguiam Sushin de bom grado, ou que estavam sendo enganados para obedecer a ele. Provavelmente, nenhum deles sabia que, secretamente, Sushin estava a serviço das sombras independentes de Aenir, e que seu verdadeiro objetivo era destruir o Véu que protegia o Mundo das Trevas do sol e das sombras de Aenir.

Milla achava que Sushin era uma espécie de sombra que tivesse encarnado. Mas Tal não estava tão certo disso.

— Onde acha que devemos chegar? — perguntou ele.

— Logo! — respondeu Lokar. — Ah! onde? Onde? Na borda. Na borda da cratera, de noite.

— De noite? — indagou Tal. — Isso quer dizer que também podemos visualizar o momento?

— É — respondeu Lokar. — É. Respirar fundo, duas vezes. Uma. Duas. Onde é que eu estava? Além de estar aqui. É. No decorrer de um dia, mais ou menos. Não sei o que aconteceria se você tentasse fazer a passagem para Aenir num futuro mais distante.

— Para onde vamos se ainda não for noite em Aenir?

— Sei lá. Nossos corpos vão ficar dormindo aqui, e nossos espíritos vão chegar lá. Notaremos se nossos espíritos ficarem algum tempo no meio do caminho. Isso não tem importância!

Tal não gostou nada dessa idéia. Mas já tinha tomado sua decisão.

— Faça a visualização — disse Lokar. — Depressa. Oh! com mil Escuridões! Mentalize! Mentalize o Território dos Escolhidos. Escolha um local onde você já tenha ficado por algum tempo, que você conheça bem. Lembre-se dele em detalhe. Crie a imagem em sua mente...

Tal deixou a cabeça cair para trás. A voz de Lokar, cada vez mais estridente, foi se transformando no zumbido distante de um enxame.

O menino mentalizou o Território dos Escolhidos. Viu o lugar em sua mente, imaginou como

um Pastor de Tempestades o veria de algum ponto mais acima. Viu a vasta cratera vulcânica, cuja borda se erguia milhares de trechos acima da Planície dos Abrolhos. Por dentro da borda, havia um declive menor, apenas quinhentos ou seiscentos trechos até o lago que ocupava a cratera. Mas não se tratava de um lago comum. Não era água o que havia ali, e sim uma mistura de uma cinza fininha e milhares e milhares de minúsculos cristais claríssimos.

No Lago de Cinzas viviam criaturas estranhas, a maioria delas desconhecida. Se bem que, ao longo dos anos, os Escolhidos tinham lançado redes nas partes mais rasas, e o que era capturado ia servir de Espírito-Sombra, lá no Castelo.

Originalmente, o Espírito-Sombra de Sushin era um desses habitantes do lago: uma criatura alta e esguia dotada de uma carapaça e de um bico ruidoso. Agora, porém, Sushin tinha um outro Espírito-Sombra, mais um indício de sua traição e de sua aliança com as criaturas de Aenir. Os Escolhidos não trocavam de Espírito-Sombra.

Tal tratou de se concentrar, lembrando de detalhes do Território. Em Aenir, os Escolhidos ficavam em casas construídas sobre estacas por cima do Lago de Cinzas. Essas casas eram ligadas entre si por passarelas elevadas que as mantinham a salvo de qualquer ataque por parte das criaturas do lago.

Bem no meio do lago havia uma ilha que era de verdade, e não uma plataforma construída pelos Escolhidos. Protegida por muros de pedra e barreiras de Pedras-do-Sol, a ilha era a residência imperial em Aenir. Ali havia jardins e um palácio. Mas ela não era aberta aos Escolhidos e também não era ligada à rede de passarelas e pontes.

Tal pensou na possibilidade de chegar direto na ilha da Imperatriz. Mas só a tinha visto de longe, do alto das bordas da cratera. Não podia visualizá-la com detalhes porque não conhecia nada dali.

Também era melhor não chegar em nenhuma passarela ou casa. Seria muito fácil vê-los. Lokar tinha razão: a borda da cratera era o lugar ideal. Mas em que ponto?

Tal se lembrava de ter subido ali quando era bem pequeno, antes de Gref nascer. Lembrava-se de ter choramingado e reclamado porque a subida era muito íngreme, até que seu pai o pegou no colo e o carregou nas costas a maior parte do caminho.

Mas sua lembrança mais nítida era a do ano passado. Junto com um bando de meninos, tinha subido a Rocha Pendente para espiar alguns Escolhidos mais velhos que praticavam Mergulho-de-Luz.

A Rocha Pendente era uma língua de pedra que se projetava sobre a borda da cratera, em direção ao lago. Tinha pelo menos uns cinquenta trechos de comprimento e, estranhamente, parecia inteiramente solta, sendo perfeita como plataforma para a prática do Mergulho-de-Luz. Se é que algo podia ser considerado perfeito para o Mergulho-de-Luz. Era um esporte perigoso, que os mais velhos desaprovavam. Qualquer criança que se arriscasse a praticá-lo, não sendo um Escolhido Pleno, ganharia automaticamente quatro desiluminâncias... se sobrevivesse. Quatro desiluminâncias era mais de meio caminho andado para a desgraça do rebaixamento, o começo de uma descida que podia acabar no Vermelho, ou até nas túnicas brancas do Povo inferior.

O Mergulho-de-Luz era bastante simples. Os Escolhidos tinham que tecer uma corda de luz, amarrar uma de suas pontas nos tornozelos e a outra na Cavilha, um buraco que existia na Rocha Pendente. Depois, simplesmente mergulhavam, em direção ao lago. Se a corda de luz estivesse bem feita, eles despencariam por cerca de dois terços do paredão e, então, subitamente estancariam e ficariam quicando para cima e para baixo por alguns instantes. Quando o

movimento parasse, tudo o que tinham a fazer era encolher a corda e voltar para cima.

Se a corda de luz não estivesse bem feita, o mergulhador podia cair nas cinzas e se afogar ou ser comido por alguma criatura. Às vezes, o que era menos fatal que embaraçoso, a corda não encolhia e o mergulhador ficava ali, pendurado de cabeça para baixo, até que seus amigos viessem resgatá-lo.

A Rocha Pendente seria o lugar ideal, pensou Tal. Mentalizaria para chegar lá ao anoitecer. Poderia, então, ir rastejando pela trilha, à noite, e alcançar a rede de pontes e passarelas. Havia alguns barcos no lago, e roubaria um deles para chegar até a ilha da Imperatriz.

Tal se concentrou na imagem da Rocha Pendente, banhada pela luminosidade vermelha do pôr-do-sol. Podia ver a rocha e o lago, mais abaixo, com o paredão da cratera se estendendo para ambos os lados até fechar o círculo à distância. Tudo aquilo estava bem nítido em sua mente.

Ergueu a Pedra-do-Sol e convocou a primeira das cores que dariam início à passagem. Simultaneamente, começou a recitar “O Caminho para Aenir”, e as palavras que dizia e as cores que saíam da pedra foram se misturando. Sentiu a cor se espalhar por sua pele, percebeu a diferença quando o Vermelho deu lugar ao Laranja e, depois, ao Amarelo.

O interior do sarcófago desapareceu e, em seu lugar, surgiu um turbilhão de cores. Vários arco-íris banharam o corpo de Tal, e cada um deles ia se desvanecendo à medida que um novo se formava.

Durante todo o trajeto, Tal se manteve concentrado na imagem da Rocha Pendente, com o sol começando a baixar sobre ela.

Estava a caminho de Aenir. Tivesse ou não tomado a decisão certa, o fato é que tinha escolhido as cartas. Agora, teria de jogar com a fera que criara.

Já dentro do túnel, a uns poucos passos da entrada, havia um pesado sobretudo no chão. Era o sobretudo de Tal, que tinha sido deixado ali da primeira vez que Milla entrou no Castelo. Aquilo parecia ter acontecido há muito, muito tempo, ou em sonho. Milla era uma pessoa diferente. Sentia-se honrada por estar partindo numa aventura, encarregada de conseguir uma nova Pedra-do-Sol para o seu clã. Agora não pertencia mais ao Clã dos Caçadores, e tudo tinha mudado.

— Ande logo! — sussurrou Odris. — A Matriarca ficou do lado de fora.

De um salto, Milla saiu avançando mais depressa pelo túnel. Na verdade, nem tinha percebido que havia parado e posto a mão no casaco de Tal. Essa não era uma atitude de Donzela Guerreira.

Poderia ter sido surpreendida pelo inimigo! Mesmo não sendo uma Donzela Guerreira, ainda devia tentar se comportar como uma delas.

A alga-de-ar estava bem mais à frente. Um pedaço comprido daquela erva jazia no chão. Milla o pegou e examinou os quatro nódulos bulbosos que tinham sobrado e estavam cheios de ar. Tinha usado apenas um deles quando saíra do Castelo. Embora fosse o maior de todos, certamente ainda havia bastante ar para que elas duas conseguissem atravessar os túneis.

Pegando sua faca de metal dourado — mais um dos tesouros do Navio em ruínas —, Milla cortou ao meio a alga-de-ar, com todo cuidado. Deu dois nódulos a Malen, explicando-lhe como usá-los.

— Quando chegar a hora, Odris vai nos avisar que devemos usar a alga-de-ar. Você deve fazer um furinho na extremidade, onde ela é mais macia, e tapá-lo com o dedo. Mantendo o dedo sobre o furinho, ponha a boca na alga-de-ar como se fosse um bebê mamando, e inspire. Expire pelo nariz. Fique apertando o furinho com força sempre que não estiver inspirando.

Milla fez uma demonstração, sem cortar efetivamente o nódulo. Malen a imitou.

— Você tem uma faca, não tem? — perguntou Milla. Não tinha visto faca nenhuma, ou tampouco indícios de que houvesse alguma escondida na manga ou na bota.

— Tenho, sim — disse Malen. Viu o sobretudo de Tal. — Devemos deixar os sobretudos aqui?

Milla assentiu e começou a tirar o casaco. O sistema de aquecimento não desmerecia o nome que tinha. Este túnel e a rede de outros iguais a ele eram, na verdade, vias para inspeção do sistema de aquecimento do Castelo. Usava-se lava para aquecer grandes tanques de água, e canos levavam o vapor aos mais de cem níveis e às sete torres do vasto edifício. Infelizmente, com o tempo, a lava vazara de seus encanamentos e invadira alguns dos túneis de inspeção. Era isso que provocava os gases venenosos.

— Odris, vá na frente — ordenou Milla.

— Faça isso, faça aquilo — resmungou Odris. — Você pode ser Capitã-Mor dos Homens-do-Gelo, mas não é Capitã-Mor dos Pastores de Tempestades.

— Você tem de ir na frente para poder me avisar sobre os gases venenosos — disse Milla com toda paciência.

— Como é que essa criatura pode saber? — indagou Malen.

— Essa criatura! — exclamou Odris. — Você gostaria de ser chamada de “criatura”?

— Ela pode sentir os gases — respondeu Milla. — Odris era uma Pastora de Tempestades, em Aenir. Eles têm uma afinidade toda especial com o ar, mesmo como Espíritos-Sombra.

Malen assentiu mas não respondeu a Odris, nem deu qualquer sinal de tê-la escutado. Odris ficou esperando, inflando-se até alcançar seu tamanho natural, uma imensa sombra que preencheu o túnel inteirinho.

— Odris, eu gostaria muito que você fosse andando — disse Milla já meio aborrecida com tudo aquilo. Era óbvio que Malen não ia se rebaixar falando com uma sombra independente.

— Diga a essa criatura para se manter à distância — disse Odris, entre dentes, apontando para Malen com um dedo fofo. Então, deu meia-volta e começou a avançar pelo túnel. Voltou a se encolher e sua carne-de-sombra ficou mais escura e mais densa.

Milla foi atrás dela, ignorando a Matriarca. Ela que as seguisse, ou ficasse por ali. Milla já estava se lembrando de todas as curvas e voltas do caminho. Da primeira vez que passara por ali, Tal tinha um mapa e ela memorizara cada curva. Para sair do Castelo, invertera o trajeto, e agora tinha de invertê-lo de novo. Precisava lembrar de mais de cem viradas, e várias subidas, e não podia errar. Virar para o lado errado ou qualquer outro engano do gênero poderia lançá-las nos tanques de lava ou nos reservatórios de água fervente.

Embora o calor estivesse cada vez mais forte, Milla mantinha um ritmo forçado, de início caminhando encurvada e, depois, engatinhando, quando o teto ficou mais baixo. Em geral, Odris ia apenas um pouco à sua frente e Malen, dez ou mesmo doze trechos mais atrás. Milla sabia que a Matriarca nunca havia sentido um calor como aquele e, evidentemente, estava sendo um esforço violento para ela. Mas Malen não se queixava. Tudo o que fez foi desatar os nós da gola e das mangas.

Logo estariam respirando através de um pano úmido pois o calor continuava a aumentar. Mesmo assim, Milla seguia adiante, fazendo uma pausa, de quando em quando, para refletir sobre a direção a tomar. Sua Pedra-do-Sol iluminava o túnel mais à frente, além de funcionar como fonte de força para Odris.

Depois de algumas horas, chegaram ao esqueleto quebrado onde Milla e Tal haviam encontrado uma Pedra-do-Sol que Ebbitt, tio-avô de Tal, mais tarde dividira em duas. Tempos depois, quando vinha saindo do Castelo, Milla encontrara entre os ossos a estranha unha que agora sabia ser a Garra de Danir.

Milla parou diante do esqueleto e ergueu bem alto sua Pedra-do-Sol. Malen chegou mais perto e, juntas, fitaram aqueles ossos.

— Foi aqui que você encontrou sua Pedra-do-Sol e a Garra — disse Malen. — Quem será que as estava usando? Esses ossos não me parecem particularmente velhos.

Milla franziu a testa. Não havia notado antes, mas aqueles ossos não eram tão antigos como ela pensava. É bem típico de uma Matriarca — dessa Matriarca — identificar de imediato algo que pode ser importante.

— Tal disse que ele devia ser um Escolhido — disse Milla. — Estava usando a Pedra-do-Sol num anel.

Não havia espaço suficiente para Malen passar à frente de Milla e se aproximar do esqueleto, mas a Matriarca se esticou e pegou um osso que tinha ficado bem mais afastado. Bateu com ele na parede e, depois, tirando da manga uma pequena pedra afiada, cortou uma lasquinha dele.

— Não tem mais de cem circuitos — declarou Malen, depois de examinar a lasca de osso. —

E não menos de cinquenta. Quem será que estava usando a Garra de Danir numa época tão recente?

Milla deu de ombros. A pergunta era irrelevante para a tarefa que tinham de realizar agora. O esqueleto era uma pilha de ossos, e ossos não falam.

— Provavelmente, logo o ar estará ruim — disse Milla. — Apronte sua alga.

Malen assentiu. Com um gesto, Milla disse a Odris para continuar. Mas o Espírito-Sombra não se mexeu. Em vez disso, levantou uma de suas mãos fofas e inclinou a cabeça para um lado.

— Espere — sussurrou ela. — Tem alguém vindo aí. Há movimento no ar.

Milla reagiu imediatamente, concentrando-se em sua Pedra-do-Sol para reduzir ao máximo o seu brilho. Depois, ajeitou a espada na bainha para poder sacá-la rapidamente. Mais atrás, ouviu a respiração nervosa de Malen.

Ficaram ali, na escuridão quase completa, por um tempo que pareceu muito maior do que foi na realidade, até que surgiu uma luzinha à distância. Não era clara e constante como a de uma Pedra-do-Sol, nem avermelhada como a da lava. Era amarela, e piscava.

Milla e Malen ficaram imóveis, coladas ao chão. Odris se espremeu de encontro ao teto. E todas ficaram olhando para a frente.

A luz amarela foi aumentando e Milla viu dois homens, usando a túnica branca do Povo Inferior, engatinhando pelo túnel. Cada um deles trazia uma lamparina do tipo que Milla havia visto antes, simples globos de cristal inquebrável, cheios de óleo mineral e encimados por um pavio.

As lamparinas iluminavam apenas um estreito círculo em redor dos homens. O que também os cegava para o que estivesse mais além.

A luz amarela oscilava enquanto os Inferiores engatinhavam, mas, em torno deles, havia mais sombras do que se podia esperar da luminosidade da lamparina. Milla se enrijeceu quando percebeu que aqueles homens estavam acompanhados por dois... não, três... Espíritos-Sombra. Espíritos-Sombra finos, espigados, diferentes de qualquer outro que Milla vira antes. Tinham mais ou menos o mesmo tamanho dos Inferiores, mas com seis pernas, corpos bulbosos e sem pêlos, e cabeças finas em cuja extremidade havia algo que bem podia ser um ferrão pontiagudo ou uma daquelas trombas que servem para sugar sangue em sua forma nativa de Aeniranos.

Os Inferiores fizeram uma pausa para respirar nos nódulos das algas-de-ar que traziam ao pescoço, mas os Espíritos-Sombra só permitiram que eles aspirassem uma vez. Com as patas dianteiras chicotearam os homens à altura dos ombros. Milla viu a carne-de-sombra ficar mais escura e mais densa, e os Inferiores se encolherem sob os golpes.

Milla percebeu que eram sombras independentes. Estavam usando os Inferiores para obter a luz de que precisavam. Se ao menos os homens se dessem conta que, se apagassem as lamparinas, os Espíritos-Sombra estariam perdidos... Acontece que, aqui embaixo, os Inferiores também estariam. E, talvez, os Espíritos-Sombra não desaparecessem tão depressa assim...

Os Inferiores recomeçaram a engatinhar. Idéias passaram pela cabeça de Milla. Ela tinha uma Pedra-do-Sol mas, na verdade, não sabia usá-la adequadamente contra Espíritos-Sombra. Com sua espada de chifre de Merwin, poderia cortá-los. Provavelmente, Odris seria capaz de derrotar um ou dois deles. A Matriarca também poderia ter alguma utilidade. Elas efetivamente pareciam ter alguns estratagemas que poderiam ser usados contra sombras.

Os Inferiores continuavam a engatinhar. Os Espíritos-Sombra vinham atrás deles, mas não

muito perto. Bisbilhotavam aqui e ali, enfiando o ferrão de sombra em fendas da parede e do teto, e tateavam com as patas dianteiras.

— Estão procurando algo — sussurrou Malen, no exato instante em que Milla tivera a mesma idéia.

Milla olhou para a Garra de Danir que trazia no dedo. Ela brilhava em violeta e dourado. Quando lutou com a Guerreira Mãe Arla, a Garra tinha se expandido subitamente, ferindo mortalmente a sua adversária.

Milla fechou a mão para ocultar o brilho da Garra.

— Quando chegarem mais perto, atacaremos — sussurrou ela. — As sombras, não os Inferiores.

Tal piscou os olhos, antes de abri-los. Como sempre acontecia quando chegava a Aenir, estava se sentindo mais leve, menos substancial. A primeira coisa que fez foi dar uma olhada em si mesmo. Sem dúvida alguma, sua pele tinha adquirido aquele brilho peculiar que todos os habitantes do Mundo das Trevas tinham em Aenir. Sabia que também estava menor e mais franzino, o que era mais um efeito da passagem.

Olhou a seu redor, buscando acostumar os olhos ao crepúsculo. Era exatamente como havia imaginado. Estava na ponta da Rocha Pendente, bem acima do Lago de Cinzas. Lá no meio do lago estava a ilha da Imperatriz e, formando um semi-círculo à sua volta, centenas de casas de Escolhidos, todas elas construídas sobre estacas e ligadas entre si por pontes estreitas e passarelas elevadas.

A Cavilha estava bem perto de seu pé. Por aquele furo na pedra, podia ver o lago lá embaixo.

— Consegui! — exclamou ele. Ao longe, havia uma luminosidade avermelhada, por detrás do paredão da cratera: era o sol se pondo. Tinha calculado o tempo com precisão. Em breve, o resto de claridade desapareceria e ele poderia descer rastejando pela trilha que estava atrás dele.

— Consegui, Adras! — repetiu ele.

Não houve resposta. Desnortado, Tal olhou à sua volta. Nem sinal do Pastor de Tempestades. Mas Tal sabia que ele tinha de estar ali. Adras e ele estavam inextricavelmente ligados um ao outro. Adras não podia ter ficado para trás. Morreria no sarcófago escuro, sem a luz da Pedra-do-Sol de Tal!

Ouviu um grito abafado, vindo do alto. Olhou para cima e suspirou aliviado. Adras estava lá, uma tênue mancha branca no céu que escurecia. Ainda tinha apenas um terço de seu tamanho normal, mas já não era mais uma sombra. Como Tal, ele tinha se transformado, no caso, reassumindo sua forma natural: a fofa carne-de-nuvem de um Pastor de Tempestades.

— Água — bradou Adras, com uma voz fina e aguda, como o vento soprando através das frestas de uma casa. — Preciso encontrar água. Volto logo.

Ergueu-se mais ainda no céu, e Tal sentiu um aperto no estômago. Não era exatamente uma dor, mas também não era agradável. Sabia que aquilo ia durar até que Adras voltasse, e que o Pastor de Tempestades sentiria a mesma coisa. Eles não podiam ficar muito longe um do outro.

Quando voltou a baixar os olhos, notou que ainda tinha o punho cerrado. Abriu a mão e olhou para a Grande Pedra Vermelha. Como antes, pôde ver Lokar ali, nadando, assim que se concentrou na luminosidade mais profunda da pedra.

— Chegamos — declarou Tal. — Na Rocha Pendente, ao anoitecer.

— Ótimo — respondeu Lokar. Sua voz era quase um soluço. — Oh, logo estarei livre dessa maldita prisão! A Imperatriz vai utilizar a Grande Pedra Violeta para me libertar!

— É... tão ruim assim, ficar aí dentro? Dói? — perguntou Tal. Na verdade, não estava pensando em Lokar. Seus pensamentos estavam voltados para seu pai, Rerem, aprisionado na Grande Pedra Laranja.

Lokar riu, um riso que tinha algo de histérico.

— Doer, não dói. No entanto, não consigo repousar, não consigo dormir, não posso parar de girar indefinidamente aqui dentro. A menos que alguém de fora fale comigo, estamos sozinhos,

meu Espírito-Sombra e eu, envoltos em silêncio. São anos e anos de silêncio. Alguém se espantaria por eu ter enlouquecido?

Tal a fitou. De repente, achou que não tinha sido nada sensato seguir os conselhos de Lokar. Ela acabava de dizer que tinha enlouquecido. E se estivesse louca mesmo?

— Fale! — ordenou Lokar. — Fale! Diga-me o que está acontecendo aí fora!

— Hum... Na verdade, nada.

Tal tropeçou nas próprias palavras. Não sabia exatamente o que dizer.

— Hum... Adras foi procurar água. Vou esperar que escureça um pouco mais para começar a descer.

Olhou para cima enquanto falava, para ver se ainda restava muita claridade. Qual não foi sua surpresa ao ver que a luz no horizonte estava mais brilhante do que antes. E também menos vermelha. Tal ficou olhando para aquilo, sem ouvir o zumbido da voz de Lokar.

Levou alguns segundos para compreender que tinha cometido um erro terrível. Não era o anoitecer. Era a aurora.

Em alguns minutos, o sol se ergueria acima do paredão da cratera. Qualquer um poderia vê-lo sobre a Rocha Pendente, ou descendo pela trilha.

Com certeza, seria localizado pelos comparsas de Sushin, ou até por alguns Escolhidos mais atentos.

— Eu erre! É a aurora! — balbuciu ele, dirigindo-se à Grande Pedra. Sem esperar por uma resposta, prendeu a pedra na manga da túnica e amarrou bem, para não correr o risco de perdê-la. Os dois frascos do antídoto contra o veneno das aranhas-d'água já estavam amarrados na outra manga.

Só havia uma coisa que Tal podia fazer para evitar ser capturado e preso. Precisava tecer uma corda de luz nos próximos minutos, e mergulhar no Lago de Cinzas. Mas, à diferença dos praticantes habituais de Mergulho-de-Luz, que voltavam para a Rocha Pendente fazendo suas cordas encolherem, teria de tentar se aproximar ao máximo das cinzas, livrar-se da corda e nadar para longe.

Tal conhecia os fundamentos da corda de luz. Um fio vermelho para força, um amarelo para flexibilidade, e um anil para prender tudo. Até uns poucos meses atrás, ele nunca tinha manipulado luz fora do espectro do amarelo, mas agora não pensou duas vezes. Usaria até violeta, se fosse preciso.

Ergueu o anel com a Pedra-do-Sol e concentrou-se nela. Uma tinchinha de luz vermelha brotou da pedra e foi serpenteando ao descer. Tal manteve aquele fio e acrescentou a ele um amarelo, mais fino que o vermelho. Depois, foi a vez do anil que circundou os dois outros. A corda pronta continuou a descer e a se enroscar, e Tal percebeu que tinha um outro problema.

Não sabia de que tamanho tinha de ser a corda de luz. Se fosse muito curta, ele simplesmente quicaria no ar e ficaria pendurado acima das cinzas, alto demais para saltar em segurança. Se fosse muito comprida, afundaria na cinza e, mesmo que oscilasse algumas vezes para cima e para baixo, o impacto inicial provavelmente o mataria.

Tentou desesperadamente lembrar como faziam os mergulhadores. Tentou lembrar de conversas que tinha ouvido. Seriam trezentos e cinquenta trechos? Eram trezentos e qualquer coisa... trezentos e sessenta?

Chegou à conclusão que fazer a corda mais curta era mais garantido do que fazê-la mais longa. Era melhor ser capturado vivo, balançando acima do Lago de Cinzas, do que morrer. Decidiu-se por uma corda de trezentos e cinquenta trechos. Contando uns cinco trechos para as pontas soltas, antes que a corda de luz propriamente dita se formasse, sua corda já estava quase do tamanho desejado.

Uma faixinha de sol já vinha surgindo na parte mais distante da cratera. Por trás de Tal, o sol batia no paredão mais próximo, cerca de cinquenta trechos acima dele. A cada minuto, a luz do sol vinha descendo, chegando cada vez mais perto.

Tal girou a mão e dirigiu a ponta da corda para a Cavilha, fazendo com que a luz passasse por baixo da Rocha Pendente e voltasse até a sua mão. Depois, puxou com força, como se estivesse erguendo um peso, apertando a laçada até que a corda ficasse firmemente presa à rocha. Em seguida, mentalizou um arremate, e foi pegar a outra ponta. Depois de aparar os fios soltos com um fino raio de luz vermelha, usou dois dedos de luz anil para amarrar a corda nos tornozelos com toda segurança.

O sol atingiu sua cabeça. Tal respirou fundo e foi andando, hesitante, até chegar bem na pontinha da Rocha Pendente. Olhou para baixo. O lago ficava bem lá no fundo. Vistas dali, as casas dos Escolhidos e as passarelas que as uniam eram minúsculas. O sol bateu em seus olhos.

Tal cerrou os olhos e se inclinou para a frente. Por um momento, ficou debruçado na borda da Rocha Pendente.

Então, lançou-se para a frente e despencou, enquanto a corda de luz se sacudia atrás dele.

Os Inferiores estavam mais perto. Os Espíritos-Sombra independentes vinham logo atrás deles. Quando a luz das lamparinas iluminou um osso solto do esqueleto, os Inferiores pararam e apontaram para ele. De imediato, os três Espíritos-Sombra se adiantaram, visivelmente entusiasmados. Os Inferiores estremeeceram quando os Espíritos-Sombra deslizaram por sobre eles, com a fria came-de-sombra roçando seus corpos através das túnicas.

O líder dos Espíritos-Sombra tocou o osso com aquela espécie de tromba e, depois, com as duas garras dianteiras. Olhou, então, para os outros e, por um instante, todos os três esfregaram as patas da frente.

Naquele exato momento, enquanto estavam distraídos, Milla atacou.

Agachada, investiu contra eles, com a mão esticada, confiando que a Garra de Danir faria automaticamente o que tivesse de ser feito.

Pretendia usar a unha luminosa para atingir o Espírito-Sombra que estava mais perto. Mas, assim que ela pulou para a frente, a Garra aumentou de tamanho, até ficar tão comprida quanto o seu braço. De sua extremidade, jorraram fagulhas violeta e brotou dali uma espécie de penacho, também violeta, longo como um chicote — um chicote de luz que tinha pelo menos três trechos de comprimento.

Milla baixou a mão na direção do Espírito-Sombra e o chicote de luz girou no ar, transformando-se num laço. Sem que Milla o comandasse conscientemente, ele laçou a cabeça do Espírito-Sombra e apertou bem forte. Atravessou a carne-de-sombra como se fosse manteiga, arrancando a cabeça da criatura de um só golpe.

Milla arremeteu o laço sobre o segundo, e aconteceu a mesma coisa. Quando jogou o laço sobre o terceiro e último Espírito-Sombra, os dois outros estavam pegando a própria cabeça e tentando religá-la ao corpo, enquanto corriam o mais rápido possível de volta pelo túnel.

O terceiro Espírito-Sombra foi mais rápido e o laço não o atingiu. Mas, antes que pudesse atacar Milla, a serpentina violeta desmanchou a laçada e sua ponta solta chicoteou as patas dianteiras do Espírito-Sombra cortando-a em fatias. A criatura desabou por terra e recuou, se contorcendo e deslizando por cima dos Inferiores que tinham se deitado com a cara no chão. Fez uma breve pausa e, então, fugiu a toda.

Odris tinha se precipitado para agarrar a sombra mas, assim que se estendeu para a frente, a luz da Garra chicoteou o ar para atingi-la. De imediato, Milla desviou o braço, colando a palma da mão na parede.

O chicote não atingiu Odris por um triz.

— Cuidado! — trovejou Odris. Ela parecia assustada.

Milla também estava abalada. Manteve a mão na parede até que o facho de luz violeta fosse lentamente reabsorvido pela Garra e esta se encolhesse até recuperar o tamanho normal.

— Não sabia que ela fazia isso — disse Milla. — Não admire que Danir fosse uma guerreira tão temida, e que sua lenda tenha atravessado os séculos. Ela usava uma dessas unhas mágicas em cada mão.

— Interessante — disse Malen. — A Garra parece agir por conta própria contra sombras.

— Então, vou ficar aqui atrás — disse Odris, — até que você aprenda a controlá-la.

Milla concordou e, cautelosamente, retirou a mão da parede. A Garra não fez nada. Talvez só entrasse em ação quando Milla quisesse lutar. Teria de tomar cuidado para evitar que Odris estivesse por perto quando isso acontecesse. De certa forma, era como ser um Xucro, um daqueles guerreiros esquentados que apareciam ocasionalmente nos clãs. É preciso ficar longe deles quando estão brigando, até que esfriem a cabeça e sejam capazes de distinguir amigos de inimigos.

— Podem levantar agora — disse Milla, dirigindo-se aos dois Inferiores. — Quero dizer, podem se agachar.

Rastejou até onde estavam, mas eles não se mexeram. Milla ergueu a Pedra-do-Sol e a luz jorrou brilhante, dissipando a luminosidade amarelada das lamparinas.

— Podem... — recomeçou Milla. Mas franziu a testa e se esticou para tocar o indivíduo que estava mais perto. Ele não se mexeu.

Milla tocou seu pescoço para sentir-lhe o pulso e, depois, fez o mesmo com o outro. Nada.

— Estão mortos — disse ela, lentamente. — Mas não estou vendo como.

Esgueirou-se entre os dois corpos. Só então viu que ambos tinham um minúsculo ferimento na parte posterior da cabeça. Um ferimento mais ou menos do tamanho da tromba de um daqueles Espíritos-Sombra.

— O último deles deve ter feito isso quando passou por eles — disse Milla.

Sentia-se estranhamente abalada com aquelas mortes. A morte não lhe era estranha, mesmo que fosse súbita, inesperada, ou violenta. Mas, de alguma forma, aquilo era pior que os acidentes que já vira, ou os encontros fatais com as feras do Gelo.

Levou um momento para entender por quê.

— Sombras matam — disse ela lentamente. — Acho que a idéia não tinha me passado pela cabeça antes.

— Não apenas é possível como já aconteceu várias vezes antes, há muito tempo — disse Malen. — A velha guerra recomeçou. Sabemos disso, e as sombras de Aenir também sabem, embora os Escolhidos o ignorem. Você se deu conta do que essas sombras estavam procurando?

Milla assentiu.

— A Garra — disse ela, olhando para o esqueleto. — E talvez a Pedra-do-Sol. Os Espíritos-Sombra esperavam encontrar os restos do homem — ou o que ele levava consigo — por aqui, em algum lugar. É por isso que estavam procurando com tanto cuidado.

— Eles têm razão em temer a Garra — disse Malen. — Até que ponto será que se pode ferir uma dessas sombras antes que ela consiga se recompor?

— Essa conversa está muito mórbida — disse Odris. — Pessoalmente, não quero descobrir a resposta.

Ninguém disse nada por alguns instantes. Com cuidado, Milla virou os dois Inferiores para ver seu rosto e retê-los na memória para, mais tarde, ser capaz de descrevê-los e descobrir quem eram. Será que os membros da Resistência os conheciam? Talvez fossem pessoas da família. Com certeza eram irmãos, tios ou pais de alguém.

— Não sei o que o Povo Inferior faz com os mortos — disse Milla afinal, cruzando os braços daqueles indivíduos sobre o peito e abrindo bem seus olhos para que pudessem ver o caminho que tinham pela frente. — Os Escolhidos os encerram em caixas de pedra.

— Falei com a Matriarca Mãe Panul — disse Malen. — Dei a ela as indicações do caminho. Ela vai mandar Donzelas Guerreiras para retirar esses Inferiores daqui e lançá-los ao Gelo. Não há probabilidade de gases venenosos daqui até a entrada dos túneis, não é?

— Acho que não — respondeu Milla. Apontou para a frente. — Eles comecem mais adiante. Diga a Panul que podem pegar as algas-de-ar que esses homens traziam. Ensine-lhe como usá-las.

Malen assentiu. Seus olhos se enevoaram indicando que ela tinha se conectado a mente coletiva das Matriarcas.

Milla olhou para o outro lado, na direção do túnel que se estendia diante dela. Os Espíritos-Sombra deviam ter dado o alarme. Não sabiam com quem tinham se encontrado, mas falariam do chicote mortal de luz violeta.

Várias sombras deviam estar agora vigiando os níveis mais baixos do Povo Inferior, esperando por Milla, Malen e Odris. Todos os Escolhidos deviam estar em Aenir mas, mesmo que não estivessem, Milla não tinha medo deles. Levavam uma vida tranqüila demais. Não eram guerreiros.

Já com as sombras independentes de Aenir a coisa era bem diferente.

— Venham — disse ela. — Temos de nos apressar. Agora o inimigo sabe que o ar da noite está trazendo atacantes para invadir o navio.

— O quê? — indagou Odris. — Que atacantes? Que navio?

— É só uma maneira de falar — disse Milla. — Você até parece Adras.

— Adras foi embora — suspirou Odris. — Para Aenir. E voltou a ser um Pastor de Tempestades.

— Foi embora? — perguntou Milla. — Mas Tal tinha ido apanhar a Grande Pedra Vermelha. Ele não devia estar em Aenir.

— Talvez não esteja — disse Odris tristonha. — Talvez... talvez esteja morto e Adras tenha sido libertado. Não sei.

— Quando foi isso? Por que você não me disse nada?

Odris deu de ombros.

— Há três jornadas. Ouvi sua despedida no vento. Você estava emburrada naquela cadeira idiota.

— Você tem de me dizer as coisas importantes — disse Milla zangada. — Aposto que ele se meteu em encrenca novamente.

— Adras?

— Não. Tal! Venha!

Tal foi caindo vertiginosamente, enquanto a corda ia se desenrolando. Foi caindo, caindo, de braços bem abertos e com a cabeça para trás. Viu o Lago de Cinzas chegando cada vez mais perto e continuava caindo, tendo ainda muita corda atrás de si.

A qualquer momento, a corda acabaria e ele quicaria. Só que esse momento não chegava nunca e o lago já estava muito perto — uns dez ou vinte trechos — e, desta vez, Adras não estava por ali para segurá-lo!

A corda estava comprida demais. Ia se chocar com o lago!

Tal cobriu a cabeça com os braços e cerrou os olhos. Sentiu o estômago se colar às suas costas quando, de repente, parou de cair. Abriu os olhos e viu a superfície do lago logo ali, mas voltou a subir bem depressa, pois a corda o puxou para trás.

Seu estômago parecia decidido a ficar no lago enquanto Tal quicava para cima e para baixo. Quando finalmente parou, estava a cerca de quatro trechos das cinzas, e a uns sessenta trechos da margem.

O lago estava bem tranqüilo. Embora parecesse inteiramente cinzento quando visto do alto, a essa distância os cristais deixavam ver um pouco abaixo da superfície. Era como estar olhando para uma água muito turva. Não que houvesse algo para se ver, o que, aliás, era um bom sinal pois Tal não gostaria de ver nada por ali.

Dando um impulso com o corpo para cima, Tal agarrou a corda. Usou sua Pedra-do-Sol para desatar o fio anil que a prendia a seus tornozelos. Por um momento, ficou pendurado pelas mãos e, depois, saltou. Acima dele, a corda de luz se desmanchou no ar.

Tal caiu direto no estranho fluido do lago mas, no último instante, lembrou-se de erguer os braços para não mergulhar muito fundo.

Aquela mistura de cinza e cristais minúsculos parecia até água, só que mais quente e mais seca, e era mais difícil se mover através dela. Por sorte, era bem mais fácil se manter na superfície.

Tal começou imediatamente a nadar para a praia. Logo seria dia claro em toda a cratera, e ele precisava encontrar um esconderijo.

Estava a meio caminho da praia quando se deu conta de que havia um outro ruído além do estranho farfalhar de seu próprio nado. Um som que ele tanto podia ouvir quanto sentir, como uma espécie de vibração nas cinzas. Como vinha de trás, ele se voltou para olhar, mas continuou seguindo em frente, num nado de costas bem desajeitado.

A princípio, não viu nada. Depois, alguma coisa bem grande, e nada bem-vinda, despontou na superfície, a uns cem trechos de distância, e voltou a desaparecer.

Tal viu um longo dorso coberto de escamas serrilhadas, azuis e vermelhas, vislumbrou uma imensa boca cercada por quatro longos tentáculos.

De repente, os braços de Tal estavam se debatendo nas cinzas com força e velocidade renovadas.

Sabia o que tinha visto. Era um Kortor, um dos grandes carnívoros do lago. Uma criatura que, no jogo de Criaferas, era jogada em Força ou Especial. Sua habilidade especial estava em seus seis tentáculos maleáveis. Quatro deles tinham várias vezes o tamanho de um homem, e

percebiam vibração e movimento. Os outros dois eram mais curtos, mas destilavam um veneno paralisante.

Tal voltou a olhar. Por instantes, o Kortor veio à tona, erguendo os tentáculos no ar antes de mergulhá-los de novo, à frente do corpo. Em poucos segundos, a distância entre eles tinha diminuído pela metade. Tal não tinha a menor chance de nadar mais depressa que ele.

Parou então de nadar, mas continuou mexendo os pés para não afundar. Ergueu o anel com a Pedra-do-Sol e concentrou-se nela. Em seu interior, uma luz vermelha começou a se intensificar até ficar quase ofuscante.

Um tentáculo surgiu das cinzas a apenas um trecho de distância. Um dos tentáculos sensitivos — mas o paralisante não devia estar longe.

Tal esperou. O tentáculo sondou o espaço e chegou a tocar em seu peito. Tal se encolheu e o tentáculo recuou. Surgiu então o alvo que estava esperando. Quando o Kortor veio à tona novamente, Tal pôde ver sua boca cavernosa bordeada de cílios retorcidos em lugar de dentes.

Tal disparou o Raio Vermelho da Destruição na intensidade máxima que era capaz de convocar, e mirou bem no meio das mandíbulas do monstro.

Explodiu luz por todo lado, com os cristais captando e multiplicando o clarão vermelho. Por um momento, Tal ficou ofuscado. Algo esbarrou nele e ele gritou, achando que fosse o tentáculo paralisante. Sua boca se encheu de cinzas. O Kortor tinha se erguido e voltado a mergulhar, formando uma onda enorme.

Tal cuspiu as cinzas. Quando voltou a enxergar, custou um pouco a se orientar, já que não conseguia ver nem a praia nem o monstro. Viu então que o Kortor estava boiando no lago, com os tentáculos inertes. Ou estava atordoado, ou estava morto.

Tal não esperou para descobrir. Rumou para a praia o mais rápido que pôde.

A praia era de cinza mais sólida. Não olhou para trás até estar a salvo sobre um rochedo, a uns bons vinte trechos do lago. Virou-se, então, com a Pedra-do-Sol pronta para disparar caso o Kortor estivesse vindo em seu encaixo.

Mas não estava. Tal ficou olhando e viu a criatura inerte afundar uma vez, depois outra, como se algo a estivesse mordendo.

E estava mesmo. Instintivamente, Tal recuou para ficar ainda mais longe do lago quando o Kortor inteiro — uma criatura que devia pesar dez vezes mais que ele próprio — desapareceu, com um ruído súbito, deixando no lago um profundo rodado de pelo menos uns cinquenta trechos de diâmetro.

Tal estremeceu. Ainda bem que tinha encontrado o Kortor, e não o que quer que fosse aquilo.

Agora sua prioridade era encontrar algum lugar onde pudesse se esconder para não ficar ali, à vista de todos, no sol. O paredão da cratera era cheio de cavernas. Mas será que havia alguma delas por perto?

Correu até o paredão, pulando de uma pedra para outra. Mais adiante, havia alguns pontos de sombra promissores. Um deles deveria ser a entrada de uma caverna. E, à exceção do lago, os Escolhidos já tinham verificado que não existiam criaturas na própria cratera. Portanto, não havia perigo de encontrar um Bocaverna, ou qualquer outro daqueles horrendos habitantes do resto de Aenir.

Pelo menos, pensou Tal, não devia haver qualquer perigo. Mas, até então, jamais tinha

entrado em cavernas que não ficassem ao longo da trilha...

Não havia nenhum Espírito-Sombra esperando por Milla, Odris e Malen. Ao chegar ao nível mais baixo do Povo Inferior, rastejando cautelosamente para fora do sistema de aquecimento, Milla ficou imaginando se aqueles três Espíritos-Sombra trombudos teriam morrido em consequência de seus golpes, ou da falta de luz. Talvez tivessem se perdido, ou não houvessem relatado o que tinham descoberto.

Ela estava feliz com isso, fosse lá o que tivesse acontecido. Não que tivesse medo de enfrentar as sombras. Simplesmente, preferia que a luta ocorresse quando contasse com um grande exército de Homens-do-Gelo bem armados e equipados.

Essa primeira investida era mais um reconhecimento de terreno, e a recompensa que buscavam eram as algas-de-ar. Na verdade, não poderiam voltar sem elas, já que suas próprias provisões tinham se esgotado.

Milla custou um pouco a se reorientar. Enquanto isso, Malen vinha saindo do túnel atrás dela. A menina tinha tomado todo cuidado para memorizar as curvas e voltas do sistema de aquecimento, mas não tinha prestado tanta atenção aos níveis do Povo Inferior. Mesmo assim, subconscientemente, tinha mapeado aquilo tudo na cabeça, como boa Garota-do-Gelo que era.

— Por aqui — disse ela, decidida, indicando o modesto corredor de paredes caídas. No teto, viam-se umas poucas Pedras-do-Sol bem pequenas e fracas, razão pela qual havia muitas sombras por ali. Milla tinha quase certeza que eram sombras naturais, embora estivesse pronta para usar a Garra se fosse preciso.

Odris reparou a tensão na mão de Milla e ficou para trás, junto com Malen. A Matriarca não gostou nada daquilo. Ficou tentando se afastar, só para evitar o contato com Odris.

— Temos de seguir por aqui e, depois, descer uma escada, no meio de uma floresta de raízes Belish. De lá, passamos por um túnel íngreme até chegar ao lago onde crescem as algas-de-ar. Depois, é bem fácil alcançar a Fortaleza da Resistência — explicou Milla, em voz baixa, verificando o entroncamento que ficava à frente.

Dobram a esquina mas Milla não foi adiante. Em vez disso, parou e franziu a testa, pensativa.

— Se bem que deve existir um caminho mais fácil, desde que a gente consiga encontrar um dos membros da Resistência. Talvez seja melhor esperar um pouco por aqui. Da outra vez, eles nos encontraram com a maior facilidade.

— Não seria má idéia descansar um pouco — disse Malen. Como antes, não se queixava. Mas era evidente que o calor, os gases venenosos e o ritmo que Milla imprimira tinham o seu preço. O cabelo dourado da Matriarca, em geral impecável, estava encharcado, e seu rosto afogueado. Só seus estranhos olhos não tinham se alterado: eram daquele mesmo azul luminoso e profundo.

— Então, descanse — disse Milla. Aliviada, Malen deslizou para o chão, apoiando as costas na parede. Odris sentou-se perto dela, ignorando o olhar furioso da Matriarca.

Milla não se sentou. Ficou andando lentamente, para frente e para trás, de olho nos dois corredores enquanto calculava de quantas algas-de-ar iriam precisar. Admitindo que cada pessoa precisava de uma média de dois nódulos bulbosos para atravessar os locais onde havia gases venenosos, um contingente de dois mil Homens-do-Gelo precisaria de quatro mil nódulos.

Era uma quantidade considerável a ser transportada por toda a extensão do sistema de aquecimento, principalmente porque quem as carregasse também teria de utilizar quatro nódulos, na ida e na volta. Mas, provavelmente, uma pessoa podia carregar vinte ou trinta tiras, com seis nódulos cada uma. O que dava por viagem descontando-se os quatro nódulos de que a própria pessoa ia precisar...

Milla continuou a calcular. Bem que gostaria de ter uma tábua-de-cálculo, um pedaço de osso achatado, com furos e pinos, que os comandantes dos navios e os chefes dos clãs usavam para fazer suas contas.

Comandar os Homens-do-Gelo numa batalha não era tão simples quanto imaginara. Sempre achara que tudo se resumia a assumir a frente do exército nas batalhas, e que outras pessoas é que teriam de se preocupar com comida, suprimentos e coisas do gênero.

Um ruído distante interrompeu seus cálculos. De imediato, Milla se pôs em alerta. Malen também ouviu, e se levantou de um salto. Só Odris continuou sentada. Na verdade, bocejou.

Embora não tivesse identificado o som inicial, Milla conhecia o ruído que se seguiu a ele. Passos. Passos furtivos. Só conseguia, de quando em quando, distinguir um leve roçar ou uma pisada um pouquinho menos cautelosa. Alguém... ou várias pessoas... vinham pelo corredor que levava ao sistema de aquecimento.

Milla se ajoelhou junto da quina da parede e, escondida, olhou naquela direção.

Viu quatro silhuetas que se arrastavam por um lado do corredor, tentando ao máximo parecer sombras. Milla sorriu ao vê-los. À frente de todos, vinha um rapaz alto com cabelo ruivo preso para trás com um pente de osso. Logo atrás, vinha uma menina loura e, um pouco mais atrás, um menino menor que tinha um andar hesitante. Por último, uma menina robusta que usava um avental grande demais sobre a túnica encardida do Povo Inferior que todos eles vestiam, e que trazia uma tira de alga-de-ar no ombro esquerdo.

Em todas as túnicas havia sido pintada a letra R.

Eram Clovil, Gill, Fereke e Tinty.

Milla continuou olhando para ver se eles estavam sendo seguidos por alguém. Sempre havia a possibilidade de terem sido apanhados pelo inimigo, ou estarem sendo forçados a fazer o jogo de Sushin.

Mas Milla não viu ninguém atrás deles. Quando chegaram à abertura por onde Milla tinha saído, espalharam-se ao redor dela e sacaram as facas. Clovil espiou lá para dentro e logo recuou.

— Não tem ninguém — disse ele, baixinho. — Acho que é melhor entrarmos para dar uma olhada.

Milla saiu de seu esconderijo.

— Para quê? — perguntou ela.

Os quatro pularam de susto, e Fereke soltou um guincho nervoso.

— Você! — exclamou Clovil.

— Milla! — gritou Gill. — Você não morreu! — Foi Gill quem guiou Milla até o sistema de aquecimento, e elas conversaram bastante durante o trajeto. Agora, ela parecia feliz por ver novamente a Garota-do-Gelo.

Fereke estremeceu e ficou calado. Tinty amarrou a cara. Pelo que Milla sabia, Tinty nunca

dizia nada.

Milla bateu os punhos cerrados, saudando-os. Os membros da Resistência inclinaram a cabeça, ou fizeram um gesto, ou não fizeram nada, conforme o temperamento de cada um.

— Onde está Odris? — perguntou Gill.

— Estou aqui — respondeu Odris, surgindo por trás de Milla mas mantendo uma boa distância da mão esquerda da menina, e da Garra.

— Tem outra pessoa comigo — disse Milla. — A Matriarca Malen. Ela também é do Gelo.

Malen se adiantou e bateu os punhos. Os membros da Resistência não tiveram qualquer hesitação diante de Odris, mas ficaram visivelmente intimidados com Malen. Milla tentou lembrar o que havia dito a eles sobre as Matriarcas.

— Eu os saúdo — disse Malen. — Bem como todas as Matriarcas dos Clãs.

Os Resistentes foram se aproximando cautelosamente, embora tivessem guardado as facas.

— Que coroa é essa? — perguntou Clovil, apontando para a tiara de osso que Milla trazia na cabeça. — E, que eu saiba, você ia se congelar até morrer ou coisa semelhante, não ia?

— Não permitiram que eu me lançasse ao Gelo — respondeu Milla com uma voz abafada. — É difícil de explicar... A tiara é porque eu me tornei... bem, ou é porque sou a Espada Viva de Asteyr, ou porque sou a Capitã-Mor dos Homens-do-Gelo... Não sei muito bem.

Clovil e Gill estavam nitidamente impressionados com aquelas notícias. Ferek parecia apavorado. Tinty estava como sempre. Imperturbável.

— Hã... o que quer dizer isso? — perguntou Gill. — E por que você voltou para cá?

— Vou explicar tudo — disse Milla. — Mas devíamos ir para a Fortaleza de vocês. Havia Espíritos-Sombra no sistema de aquecimento e talvez eles tenham alertado Sushin ou os outros sobre nossa presença.

— Espíritos-Sombra? — perguntou Clovil aflito. — Independentes? Sem Escolhidos? Eles estavam com alguns Resignados, quer dizer, Inferiores? Ouvimos dizer que dois Batedores-de-Água tinham sido obrigados a carregar lamparinas para eles, e um dos alarmes de Ebbitt disparou. Por isso achamos que eles tinham ido por aqui. Na verdade, quando o alarme disparou de novo, achamos que eram eles que estavam voltando.

— Eles não vão voltar — disse Milla. — Os Espíritos-Sombra os mataram.

— Mataram! — exclamaram Gill e Clovil, enquanto Ferek estremecia ainda mais. — Mas por quê?

— Não sei — disse Milla. — Venham, não devemos ficar por aqui. Temos de ir para sua Fortaleza, e falar com Ebbitt e com o Corvo.

— Então você não está sabendo? — perguntou Gill, hesitante.

— Sabendo de quê? Acabamos de sair do sistema de aquecimento!

Gill não conseguia encontrar as palavras. Olhou para Clovil. O rapaz abriu a boca, mas não disse nada. Todos se espantaram quando Tinty falou.

— Seu amigo Tal lutou com o Corvo — disse ela, com uma voz profunda e rouca. — O Corvo atirou a faca. Tal fez o teto desabar em cima dele — e de nós — e estourou um cano de vapor. Ebbitt chegou bem a tempo de fazer um escudo de luz à nossa volta. Mas o Corvo já tinha sido atingido na cabeça, e o encantamento exigiu demais de Ebbitt. Ambos estão inconscientes, lá na

Fortaleza. Jarnil acha que vão morrer.

A primeira caverna que Tal encontrou era pequena demais. A segunda, úmida demais, com a água pingando ali o tempo todo. A terceira era ótima. Comprida e estreita, ia ziguezagueando paredão adentro por uns cinqüenta trechos. Depois de ultrapassar o segundo ziguezague, Tal viu uma prancha de pedra que daria uma cama bem desconfortável. Mas era melhor do que nada, e infinitamente melhor do que ser encontrado.

Tal se sentou na pedra. A luta com o Kortor o deixara exausto. Com o cansaço, veio uma sensação de culpa renovada. O sono acenava para ele como uma tentadora possibilidade de não pensar em nada.

Só que não seria uma atitude muito sensata, concluiu Tal enquanto lutava para ficar acordado.

A caverna continuava seu caminho, sabe-se lá até onde. Ele não estava tão seguro quanto ao paredão da cratera não ser habitado por qualquer criatura. Ainda por cima, essa era uma caverna estreita, que só tinha uma saída para o exterior onde ele seria localizado pelos comparsas de Sushin.

Precisava de Adras para ficar de guarda. Mas onde estaria o Pastor de Tempestades? Já fazia um bom tempo que se fora. Nada podia ter lhe acontecido, caso contrário Tal estaria se sentindo bem pior, e tudo o que tinha era uma leve dor no estômago. Parte dessa dor era provavelmente fome, pensou Tal subitamente. Há séculos que não comia. Não era de se espantar que estivesse tão cansado.

— Adras, volte — sussurrou Tal. Imaginou-se mandando uma mensagem ao Pastor de Tempestades. Mentalizou sua mensagem como um pequeno pássaro, saindo pela boca da caverna e voando para o céu à procura de uma nuvem que estivesse se movendo contra o vento. — Volte, Adras, volte.

Ficou mentalizando aquilo por vários minutos, mas não tinha a menor idéia se podia funcionar. O certo é que não captou nenhum pensamento ou sentimento de Adras, como acontecia às vezes, quando o Pastor de Tempestades estava por perto.

Um momento depois, sua cabeça tombou. Tinha cochilado!

— Tenho de ficar acordado — sussurrou Tal, beliscando-se em redor dos pulsos. — Até que Adras apareça.

Talvez pudesse conversar com Lokar, pensou ele. Desfez o nó da manga e tirou dali a Grande Pedra Vermelha. Mas, quando se concentrou nela, tudo o que pôde ouvir foi um riso enlouquecido que não parava. Estava vendo Lokar, mas ela não olhava para ele em seu contínuo circular ali dentro. E, por mais que Tal lhe falasse, ela não parou de dar aquela risadinha louca por um segundo sequer. Tal desistiu da Grande Pedra. Ia conseguir se manter acordado sozinho.

Mas, poucos minutos depois, lá estava ele cabeceando outra vez. Sacudiu a cabeça, pulou da saliência de pedra e experimentou ficar andando de um lado para o outro. Era mais difícil do que nadar no Lago de Cinzas. Simplesmente, estava exausto.

Em pouco tempo, apenas cambaleava uns poucos passos, dava meia-volta e cambaleava de novo. E cada vez que se virava, quase caía.

— Venha, Adras, venha — suspirou ele quando deu meia-volta.

Desta vez caiu mesmo porque, ao se virar, esbarrou com o frio corpo de nuvem do Pastor de

Tempestades. Como mal cabia na caverna, e seu corpo estava com uma saudável aparência branca e fofa, era evidente que Adras estava cheio de água e completamente revitalizado.

— Cheguei! — trovejou ele. E falou tão alto que Tal teve certeza que todos os Escolhidos que estivessem no lago poderiam ter ouvido. Por sorte, achariam que era um trovão distante.

— Ótimo — disse Tal sonolento. — Vigie. Por favor. Cansado demais.

Dito isto, desabou na saliência de pedra e caiu num sono mais profundo que qualquer Mergulho-de-Luz.

Adras bocejou e ficou flutuando junto daquela saliência.

— Por que é que sou sempre eu que tenho de ficar acordado? — disse ele, num tom um pouco mais baixo do que antes. — Quando vai ser minha vez?

Quando Tal acordou, estava tudo escuro, embora o sol estivesse penetrando na caverna antes de ele adormecer. Por um instante, o menino ficou em pânico mas, depois, ergueu a Pedra-do-Sol e fez surgir uma luz suave e branda.

Adras ainda estava flutuando a seu lado, com o grande peito de nuvem subindo e descendo num ritmo bem regular. De quando em quando, o estampido de um trovão saía de seu nariz. Estava dormindo a sono solto.

Tal desceu da saliência rochosa e, encobrindo a Pedra-do-Sol, rastejou até a entrada da caverna.

Era noite, mas a lua estava no quarto crescente e lançava sua luz prateada, fria e calma, sobre o Lago de Cinzas.

Outras luzes brilhavam por entre as casas do Território dos Escolhidos e ao longo das pontes e das passarelas. Como no Castelo, havia muitas Pedras-do-Sol instaladas por ali, pedras programadas para só brilhar quando reinasse a escuridão.

Uma brisa leve e suave roçou o rosto de Tal. Por um instante, o menino ficou sentindo aquele toque suave e, depois, voltou para dentro da caverna. Tinha de descobrir um meio de chegar até a ilha da Imperatriz e, para isso, precisava consultar Lokar.

Tal se sentiu um tanto culpado quando desfez o nó de sua camisa para pegar novamente a Grande Pedra Vermelha. Quem sabe não devia ter se esforçado mais para interromper aquele louco acesso de riso. Era imperdoável que não tivesse feito, já que ele agora sabia muito bem como era horrível ficar aprisionado.

— Lokar — disse ele, fitando as profundezas luminosas da Grande Pedra.

A Guardiã da Grande Pedra Vermelha continuava a dançar em círculos, com seu Espírito-Sombra saltando sem parar ao seu redor. Mas ela não respondeu ao chamado de Tal, pelo menos de início. No entanto, estava fazendo um ruído e não eram as gargalhadas loucas de antes. Tal se concentrou mais e procurou ouvir o que era.

Percebeu que Lokar estava cantando. Cantando e cantando várias vezes a mesma canção. Era uma cantiga de ninar dos Escolhidos.

Sol, continue a brilhar e venha me abraçar

Faça do dia inteiro uma alvorada, até eu bocejar

Estrelas, venham à noite.

Lua, dê-me o luar

Até o sol voltar, até o sol voltar, até o sol voltar.

Tal ficou ouvindo ela cantar duas vezes. Nunca tinha prestado muita atenção naquela música antes, mas era uma canção bem esquisita para um Escolhido do Castelo. Embora eles conhecessem o sol em Aenir, aquilo ali era um lugar de férias, e não a terra deles. A terra deles era coberta pelo Véu. Tal nunca tinha ouvido nenhum Escolhido se queixar da falta do sol, das estrelas ou da lua. E, no entanto, era o que dizia a letra daquela absurda cantiga de criança.

Devia ser uma música muito antiga, do tempo em que o Véu não existia. Não era fácil pensar que os Escolhidos de um passado remoto haviam erguido o Véu para se defender das sombras de Aenir. De volta a seu mundo, não tinham para onde ir, já que as viagens para Aenir haviam sido proibidas. Não é de admirar que cantassem uma música falando do sol...

Lokar recomeçou a cantar. Aquilo o fez lembrar do problema imediato.

— Lokar! Lokar!

Afinal, a mulher respondeu.

— O que é? Tal?

— É claro que sou eu.

— Quanto tempo faz que você falou comigo pela última vez? — perguntou Lokar. — Um dia, uma semana, um mês?

— Menos de um dia — respondeu Tal, um tanto aflito.

Lokar murmurou algo com seus botões e, depois, perguntou:

— Onde é que nós estamos?

Tal lhe disse onde estavam e lhe perguntou o que ela sugeria para chegarem até a ilha da Imperatriz.

— Não podemos atravessar a Grande Ponte Sul — respondeu ela, rapidamente. — Não, não, não. Talvez ir rastejando por um dos Rolamentos de Carga? Não. É noite. Mas, onde é que fica escuro? Nas pontes não fica, nem nas passarelas, nem perto das casas. Onde é que fica escuro?

— Onde fica escuro? — repetiu Tal. — O que você quer dizer com isso?

— Para chegar até a ilha sem ser visto — explicou Lokar —, você precisa estar no escuro. Todas as pontes e passarelas são iluminadas por Pedras-do-Sol. Como você poderia passar sem ser visto?

— Ah, não — disse Tal. Estava começando a perceber aonde ela queria chegar.

— É isso mesmo — sussurrou Lokar. — Você tem de passar pelo fundo do lago. Por baixo das cinzas.

A Fortaleza da Resistência não tinha mudado nada. Milla não esperava por isso. A não ser pela entrada, atravessando a sombria fenda, com o fluxo da lava lá embaixo, a imagem do local era patética. Simplesmente, uma grande caverna com sete cabanas caindo aos pedaços, construídas em redor de um poço central. Mesmo o fato de as cabanas possuírem salões maiores e mais bem conservados encravados na rocha abaixo delas não impressionava Milla.

Um velho baixinho, todo encarquilhado e de cabelo grisalho cortado bem curto estava tirando água do poço com uma mão só. Ergueu a cabeça quando Milla e os outros chegaram, e deixou cair o balde.

— Este é o ex-Brilho Jarnil Yannow-Kyr, da Ordem Anil, que foi outrora Professor Titular, não é? — sussurrou Malen, dirigindo-se a Milla. — E que agora se autodesigna líder da Resistência?

— É — confirmou Milla, lacônica. Como todas as Matriarcas, Malen não apenas tinha ouvido tudo o que acontecera a Milla, mas também tinha penetrado em sua mente e visto boa parte de suas recordações.

Jarnil não parecia lá muito feliz em rever Milla, especialmente acompanhada de gente do Povo do Gelo. Mesmo assim, veio cumprimentá-las. Milla reparou que ele agora usava abertamente uma Pedra-do-Sol, presa numa corrente de ouro que trazia no pescoço. Ela não a tinha visto antes. Era uma pedra grande, mais ou menos do tamanho do punho de um bebê, e que irradiava uma luz anil.

— Milla do Clã dos Caçadores — disse Jarnil, inclinando-se com toda formalidade e oferecendo um brevíssimo clarão de luz de sua Pedra-do-Sol. — A que devemos a honra de seu retorno?

— Vim buscar algas-de-ar — disse Milla secamente. — Gostaria de arrebanhar os Resistentes para me ajudar a transportá-las através do sistema de aquecimento.

— O quê? — exclamou Jarnil, com voz rouca, e a cor lhe fugiu do rosto. Seu braço lesado se contorceu e estremeceu. — Algas-de-ar? Para quê?

Foi Malen quem respondeu. Adiantou-se a passos largos e segurou aquela mão trêmula.

— Há muitos anos, nossos povos se uniram para derrotar as criaturas de Aenir. Para evitar que as sombras viessem até aqui, erigimos o Véu e impusemos o Esquecimento em Aenir. Mas os seus Escolhidos não respeitaram o pacto que se firmou outrora. Vocês voltaram a Aenir e trouxeram sombras para cá. Agora, as criaturas de Aenir infringiram o Esquecimento e estão tentando desmanchar o Véu. É preciso impedi-las. Como foram os Escolhidos que erraram, cabe aos Clãs fazer o que deve ser feito.

— Quem é você? — sussurrou Jarnil. Ele não podia desviar os olhos daquele olhar profundo e luminoso da Matriarca. — O que está fazendo com meu braço?

— Sou Malen, filha de Arla, filha de Halla, filha de Luen, filha de Rucia, filha de Nuthe, da linhagem de Grettir desde a Ruína do Navio. Seu braço foi retorcido em sua mente. Estou desfazendo isto.

Milla sufocou um grito ao ouvir Malen declinar sua linhagem completa. Não admira que não tivesse havido uma apresentação formal entre elas antes. As Matriarcas tinham o privilégio de

dizer ou não seu nome completo, e as Matriarcas Mães eram conhecidas simplesmente por seu título. Mesmo assim, Milla gostaria de ter sabido aquilo antes. Malen era filha de Arla, a Guerreira Mãe que Milla tinha enfrentado e matado em sua corrida desesperada para chegar ao Navio em ruínas e alertar as Matriarcas.

— Solte-me — protestou Jarnil. Ele estava quase chorando. O que quer que Malen estivesse fazendo, era nitidamente muito doloroso. Junto de Milla, os Resistentes se remexeram nervosamente, mas não fizeram nada.

Finalmente, Malen o soltou. Jarnil caiu a seus pés. Mas, quando apoiou as mãos no chão para se levantar, ambos os braços se moveram normalmente. Jarnil ficou de pé, fitando as mãos espalmadas, mexendo os dedos e girando os pulsos.

— Muito... obrigado — murmurou ele. — No entanto, não posso admitir o que você está pretendendo. Não está certo que o Castelo... Vou proibir os Resistentes de ir colher algas-de-ar. E tenho dito! Vocês não terão algas-de-ar!

Só Milla estava ouvindo o que ele dizia. Os Resistentes estavam pasmos, olhando para Malen.

— Isso foi fantástico! — disse Clovil.

— Você acha que pode curar o Corvo? — perguntou Gill. — E Ebbitt?

— Bennem — disse Tinty, surpreendendo a todos novamente. — Cure Bennem.

Bennem era o irmão mais velho do Corvo. Tinha ido duas vezes para a Câmara dos Pesadelos e, agora, sua mente vagava sabe-se lá onde.

— Vamos ver — disse Malen. — Levem-me até eles.

— Sem algas-de-ar — repetiu Jarnil. Sua voz, habitualmente suave, tinha outro tom.

— O mundo está mudando — disse Milla. — Não se pode deter um Selski. Ou você o mata, ou sai do seu caminho. E, mesmo que o mate, ainda assim tem de sair do seu caminho.

— Não entendi — murmurou Jarnil.

— Vamos pegar algas-de-ar — disse Milla. — Os Homens-do-Gelo estão vindo aí. Garanto que nenhum mal vai lhes acontecer.

Jarnil suspirou e, com algum esforço, empertigou-se todo — era bem um palmo mais baixo que Milla. Inclinou-se novamente, desta vez com os dois braços se movendo graciosamente, do jeito certo. Mas não ofereceu luz de sua Pedra-do-Sol.

— Faça o que deve fazer — disse ele, e foi embora.

— Não saia daqui — recomendou Milla.

Jarnil não respondeu, mas deixou a ponte e dirigiu-se para sua cabana, fechando a porta delicadamente atrás de si.

Milla ficou olhando ele se afastar e se perguntou se deveria tê-lo matado. Achava que não, muito embora ele estivesse, sem dúvida alguma, planejando algo contra ela e os Homens-do-Gelo.

Nada estava sendo tão fácil como ela imaginara. Sempre tinha pensado que, quando a gente encontra um inimigo, ou acha que alguém é inimigo, a gente o mata.

Mas, pensando bem, Milla se lembrava de muito poucas mortes entre os Clãs porque, na verdade, os inimigos reais eram poucos. Havia muitas lutas, e muito sangue era derramado, mas raramente aquilo terminava em morte. As mortes que ocorriam eram sempre no calor da

batalha. Por uma questão de princípio, parecia-lhe errado matar um velho que era muito mais como uma Matriarca do que como algum guerreiro do Gelo.

Talvez Jarnil a atacasse, pensou Milla. E, nesse caso, ela o mataria sem pensar duas vezes.

Abanou a cabeça, e dirigiu-se a passos largos até a cabana para onde os outros tinham ido. Se Malen — a expressão filha de Arla ecoava em sua mente — pudesse ajudar o Corvo e Ebbitt, eles talvez pudessem lhe dizer o que tinha acontecido com Tal. Milla não acreditava que o Corvo o tivesse matado. De certo modo, ela estava ligada a Tal, não apenas pelos juramentos dos Homens-do-Gelo, mas também pela magia que tinham vivenciado juntos. Se ele estivesse morto, achava ela, saberia.

Odris foi atrás dela, mantendo-se a uma boa distância, e ficando sempre à direita, longe da Garra.

— Não posso ir andando pelo fundo do lago — exclamou Tal. — Serei comido num minuto!

— Há um jeito — respondeu Lokar. — É ótimo que você tenha um Pastor de Tempestades à mão. Primeiro, você vai ter de fazer uma Armadura Cromática. Ela deve ter um palmo de largura a mais, em todos os sentidos, para que o Pastor de Tempestades possa se enfiar nela junto com você.

— Uma Armadura Cromática? — perguntou Tal. — O que é isso?

— Os professores não ensinam mais nada hoje em dia? — resmungou Lokar. — Uma armadura feita de luz, é claro. Neste caso, você tem de se assegurar que ela seja hermeticamente fechada.

— Mas como faço isso? — perguntou Tal. Ele estava absolutamente fascinado com aquela idéia. — E como é que vou respirar?

— O Pastor de Tempestades — disse Lokar. Fez uma pausa e, então, como era evidente que Tal não tinha entendido nada, continuou: — Ele é quase todo feito de ar concentrado e vapor de água.

Tal franziu o nariz.

— Então, vou respirar Adras? — perguntou ele. — Que nojo!

— Você nem vai notar — disse Lokar. — Nem ele. Contanto que você não fique dentro da armadura mais que umas poucas horas.

Tal pensou um pouco. Aquilo tudo era bastante repugnante, mas parecia ser a única maneira de passar pelo fundo do lago. Foi então que lhe ocorreu uma outra idéia terrível. Lembrou-se do Kortor sendo sugado para debaixo da água.

— Tudo bem. Vou estar usando a armadura — disse ele. — Mas, e se alguma coisa me engolir inteirinho?

— É possível fazer com que a Armadura Cromática irradie um calor intenso. Dentro dela, você vai estar confortável mas, para o que quer que esteja do lado de fora, você vai parecer uma raiz Belish ardida. Nenhuma criatura vai querer comer você, garanto.

— É melhor perguntar a Adras — disse Tal. O Pastor de Tempestades continuava roncando em pleno ar. Tal cutucou seu braço. Nada. Deu-lhe, então, um soco bem de leve, e seu punho afundou naquele ombro de nuvem.

— O que foi? — trovejou Adras, sentando-se sobressaltado. — Estou acordado! Não dormi!

— Dormiu, sim. Só que isso não tem importância já que, aparentemente, sobrevivemos. Diga-me o que você acha de atravessar o fundo do lago dentro de uma armadura de luz enquanto eu uso o seu ar para respirar?

— O quê? — perguntou Adras de novo. Sacudiu a cabeça e limpou um dos imensos ouvidos com o dedo fofo. — O que foi que você disse?

Tal explicou tudo. Três vezes. Explicou que não podiam voar porque seriam vistos. Para Adras, o maior problema com relação ao plano era ir por debaixo das cinzas. Não gostava nada da idéia.

Quando finalmente Adras concordou em tentar, Tal voltou a fitar a Grande Pedra Vermelha.

Lokar estava suspirando outra vez.

— Há quanto tempo você foi embora? — perguntou a Guardiã.

— Há uns quinze minutos, no máximo.

— Quinze minutos... — Lokar abanou a cabeça. — Foram-se as horas, foram-se os dias. Ouça, Tal. Vou explicar como fazer uma Armadura Cromática. Você sabe lidar com Técnicas Anil e Solda Azul?

Tal teve de admitir que não.

— E com Ligas Violeta? Com Dobraduras Amarelas? Deslocamentos Vermelhos? Ondas Laranja?

Tal só conhecia os dois últimos. Disse isso a Lokar, e ela suspirou mais uma vez.

Durante as seis horas que se seguiram, Tal trabalhou sob o comando de Lokar. Várias vezes começou errado, e várias vezes teve de recomeçar tudo de novo. Lentamente, porém, a Armadura Cromática começou a ser construída na caverna. Parecia um sarcófago com forma humana, feito de arco-íris, com todas as sete cores redemoinhando ali dentro. Tinha duas partes, uma das quais se fechava sobre a outra, permitindo que Tal entrasse ali e puxasse a tampa.

Finalmente, a Armadura Cromática estava pronta. Ficou brilhando no chão, com as cores seguindo-se incessantemente umas às outras, e se misturando em sua superfície. Parecia sólida e pesada, mas Tal não teve a menor dificuldade em levantá-la e abri-la um pouco mais para que ficasse de pé sozinha.

— Como é que eu posso enxergar, usando isso? — perguntou ele a Lokar. Pelo que podia ver, aquele traje era um arco-íris de luz, sem qualquer pedaço transparente, nem mesmo no elmo.

— Você poderá enxergar, de dentro para fora, quando ela estiver fechada — disse Lokar. — Desde que tenha feito tudo certo. É especialmente importante que o Cordão de Desmanche esteja no lugar certo, pelo lado de fora.

Tal fitou aquele traje. Por entre os arco-íris movediços, bem no meio do peito, havia efetivamente um sólido círculo de luz violeta. Quando chegasse a hora de abrir a armadura, teria de segurar aquela alça e puxá-la, fazendo a tampa se abrir imediatamente. O Cordão de Desmanche era fundamental. Tal se lembrava bem que por pouco não provocou um desastre ao construir o véu em miniatura, quando aprisionou Adras dentro dele e quase asfixiou a si mesmo e ao Corvo.

— Acho que é melhor irmos — disse ele. — Falo com você assim que puder, Lokar.

Lokar não respondeu. Estava cantando aquela cantiga novamente. Tal desviou os olhos, interrompendo o contato. Voltou a prender a Grande Pedra Vermelha na camisa, por garantia.

— É hora de entrar nisso — disse Tal, dirigindo-se a Adras, que estava flutuando perto do teto.

O Pastor de Tempestades resmungou com um ruído baixinho de trovão mas esticou as pernas até o chão.

Tal separou um pouco mais as duas metades da armadura e entrou ali dentro, ajeitando os pés e encaixando os ombros na posição certa. De acordo com as instruções de Lokar, o traje era grande demais. Quando estivesse fechado, haveria um bom palmo de distância entre Tal e as paredes da armadura.

Adras se aproximou e ficou olhando para ele.

— Onde é que eu vou entrar?

Tal não tinha pensado a esse respeito. Refletiu um pouco e, depois, saiu dali.

— Entre você primeiro e, então, eu me aperto por cima de você — disse ele.

— É bem pequeno — objetou Adras.

Começou a entrar de frente, mas Tal o fez entrar de costas. Embora de início Adras fosse grande demais para caber ali dentro, acabou se ajeitando bastante bem na armadura. Seu corpo-de-nuvem podia se encolher e se expandir muitíssimo.

— Encolha-se um pouco mais — recomendou Tal enquanto ia entrando, também de costas. — Temos de caber os dois aí dentro.

— Não gosto nada disso — disse Adras. — É uma prisão.

— Não é, não! — exclamou Tal. — É só por umas poucas horas. Passa logo!

Pronto. Era esquisito estar espremido contra o Pastor de Tempestades. Ele parecia uma esponja úmida. Tomara que Lokar estivesse certa quanto a ele poder respirar parte do ar de que Adras era feito.

Esticou a mão e segurou um círculo azul Aninho que se mantinha inalterado em meio ao arco-íris da outra metade da armadura. Puxou-o, e ele se soltou em sua mão, partindo-se em mil farelinhos de luz azul.

— Com mil Escuridões! — praguejou Tal, pensando que o tinha quebrado. Então, a armadura começou a se fechar. Tal recuou rapidamente o braço e ficou absolutamente imóvel. Adras se mexeu um pouco a seu redor.

— Fique quieto!

Lentamente, a outra metade da armadura se fechou sobre Tal. Ele ficou olhando aquela tampa que se fechava inexoravelmente, e teve um momento de pânico. E se tivesse feito alguma coisa errada, e a armadura o esmagasse? E se não pudesse respirar? E se Adras estivesse muito cheio de vapor de água e com pouco ar, e eles ficassem sem ar no meio do caminho?

A armadura se fechou. Arco-íris dançavam diante do rosto de Tal. Ele fez várias inspirações e ficou aliviado ao ver que, aparentemente, havia o que respirar.

Aos poucos, os arco-íris diante de seu rosto foram desaparecendo. Pôde, então, enxergar a caverna, embora lampejos de luz azul e vermelha continuassem a atravessar seu campo de visão.

Tal experimentou erguer um braço. Podia movê-lo com bastante facilidade. Viu seu braço se erguendo enquanto arco-íris faiscavam por todo lado. Mas, quando tentou erguê-lo mais, o movimento foi ficando difícil, até que emperrou e não houve meio de fazer o braço se mover novamente.

Tentou mover o outro braço. Ele se ergueu um pouco e depois também ficou imobilizado.

Tal se apavorou outra vez. Tinha feito alguma coisa errada e, agora, não podia nem mesmo agarrar o Cordão de Desmanche.

Estavam presos ali dentro para sempre!

Ebbitt e o Corvo estavam num dos quartos do porão, deitados em camas instaladas sob a única Pedra-do-Sol bem fraca que havia no teto. A cabeça do Corvo estava coberta de ataduras. Ebbitt não parecia ferido, mas também estava inconsciente. Seu grande gato Espírito-Sombra estava estirado ao pé da cama. Ergueu a cabeça quando Milla e Odris entraram, mas não se levantou.

Malen já estava examinando Bennem. O homenzarrão estava quieto, sentado num banquinho aos pés da cama do Corvo. A Matriarca o fitava nos olhos, com uma das mãos pousada em sua testa. Gill, Clovil, Fereke Tinty estavam ao lado da cama, observando atentamente a Matriarca.

Malen retirou a mão. Bennem sorriu e se virou para olhar o Corvo.

— Ele se aprofundou demais — disse Malen. — Acho que pode ser trazido de volta, mas não tenho condições de fazer isso. Talvez, quando uma das Matriarcas Mães estiver aqui, ou uma das que conhecem melhor do que eu as técnicas de cura.

— E quanto ao Corvo? — indagou Milla. Ela queria falar com ele sobre Tal e, também, pedir sugestões sobre como atacar o Castelo. O Corvo tinha passado anos a fio fazendo planos para derrotar os Escolhidos. Seus conhecimentos deveriam ser úteis.

— Ainda não o examinei — disse Malen. Dirigiu-se à cabeceira da cama e, inclinando-se, pôs o ouvido em seu peito. Depois, apalpou seu pescoço, para sentir-lhe o pulso, e ergueu uma de suas pálpebras. Os outros membros da Resistência continuavam acompanhando cada um de seus movimentos, visivelmente fascinados.

— Quem fez essas ataduras? — perguntou ela. — Preciso removê-las.

— Foi Jarnil — disse Gill. — Ele sabe muito sobre cura. Aplicou luz mágica nos cortes da cabeça do Corvo e, com isso, estancou o sangramento. Mas ele não voltou a si.

Malen assentiu, pensativa. Começou a desenrolar a bandagem mas parou quando Bennem se levantou do banquinho, nitidamente aflito ao ver o que ela estava fazendo com seu irmão.

— Preciso ver isso — disse-lhe Malen. Olhou bem dentro de seus olhos e repetiu as mesmas palavras. Tenha ele entendido ou não, o fato é que Bennem se acalmou, e voltou a sentar-se.

Malen desfez a última das ataduras, revelando uma cicatriz bem recente, repugnante e repuxada, que atravessava o alto da testa do rapaz. Embora parcialmente fechada, estava vermelha e parecia inflamada. Milla já tinha visto ferimentos como aquele. Em geral, as pessoas morriam se as Matriarcas não chegassem a tempo.

Malen observou o corte bem de perto. Milla o examinou também. Conhecia algumas curas com Luz Mágica, mas não disse nada a respeito. Quem tratava de ferimentos na cabeça eram as Matriarcas, e não alguém que tinha apenas conhecimentos rudimentares sobre cura usando uma Pedra-do-Sol.

— Preciso limpar isso e fazer um curativo — disse Malen. — Tenho aqui alguns dos remédios necessários, mas vou precisar de água fervendo e de Kriggis.

— Água fervendo é fácil — respondeu Clovil. — Mas o que são Kriggis?

— Ah, são larvazinhas brancas que comem carne — disse Malen. — Sabe o que é?

— Caruncho — disse uma voz vinda da outra cama. — Vermezinhas retorcidas. Experimentem procurar nos túneis de adubação, que ficam na extremidade sul do Nível Cinco do

Povo Inferior. Todos se viraram para olhar. Era Ebbitt que tinha dito aquilo. Todos, exceto Malen, conheciam sua voz. Só que ele continuava deitado ali, aparentemente adormecido.

— Ebbitt — disse Milla.

Ele entreabriu ligeiramente um dos olhos. A pupila se moveu até ficar olhando diretamente para Milla.

— Bela coroa — disse Ebbitt. — Interessante essa unha. Onde você conseguiu isso?

— Nos túneis de aquecimento — disse Milla. — Com o mesmo esqueleto que tinha a Pedra-do-Sol que você dividiu em duas, para Tal e para mim. Você está bem?

— Cansado — disse Ebbitt. Fechou aquele olho e abriu o outro. — Arrasado. Exausto. Estou velho demais para utilizar Luz Mágica de emergência.

— Mas você nos salvou — disse Clovil. — Estamos gratos por isso.

Ebbitt sacudiu os ombros ligeiramente.

— Não suportou a idéia da confusão causada — disse ele. — Aliás, Tal não fez de propósito. Acidente.

— Tinty me disse que o Corvo atirou a faca em Tal — disse Milla. — Sabe o que aconteceu a ele?

— Errou — disse Ebbitt. — Devia ter também um garfo. Quem sabe uma colher. Talher completo.

Milla estava acostumada com Ebbitt e o seu jeito peculiar de dizer as coisas. Continuou perguntando.

— Sabe onde Tal está agora? Odris disse que Adras voltou para Aenir. Tal pode ter ido junto?

— Talvez — disse Ebbitt. — Ele estava com a Grande Pedra Vermelha. Devia ter trazido ela para mim. Mas com certeza está achando que fui esmagado. Quem sabe para onde vai a cavarata? Pergunte ao Corvo quando sua encantadora companheira tiver aberto a cabeça dele. Devia usar Magia de Cura... mas... cansado demais. Veja se Lokar faz tudo certo dessa vez. Alguém viu o Códex?

Todos abanaram a cabeça. Malen olhou para Milla, achando, evidentemente, que o velho estava doente e delirando. Milla sussurrou que Ebbitt era sempre assim.

— Eu vi — acrescentou Ebbitt. Virou-se, então, cerrando bem os dois olhos, e recusou-se a responder a qualquer outra pergunta.

Gill foi buscar água quente enquanto Malen tirava um pequeno estojo de Wreska de dentro de suas roupas de pele. Abriu-o sobre a cama, revelando milhares de minúsculos bolsos contendo remédios feitos de algas e dos vários animais do Gelo. Milla só reconheceu uns poucos, tais como chifre de Merwin em pó, que ainda brilhava suavemente, e um frasco das raríssimas lágrimas de Ursek.

Enquanto prosseguiam os preparativos para a cura, Milla explicou a Clovil seu plano de arrebanhar os membros da Resistência para transportarem algas-de-ar até a metade dos túneis do sistema de aquecimento. Clovil escutou atentamente mas disse que não assumiria nenhum compromisso, nem em seu nome, nem em nome de qualquer Resistente ou Inferior, até poderem falar a respeito com o Corvo. Entretanto, Milla queria que ele tomasse uma decisão independentemente do Corvo.

— Precisamos agir depressa — insistiu Milla. — Tem de ser agora, quando todos os Escolhidos estão em Aenir e seus corpos dormindo aí em cima. Se eu conseguir trazer para o Castelo uma quantidade suficiente de Homens-do-Gelo equipados com sacos-de-sombra e outras armas do gênero, poderemos capturar ou destruir os Espiritos-Sombra que estão de guarda antes que os Escolhidos possam voltar de Aenir. Um ataque surpresa significa menos danos para o Castelo — e muito menos gente vai morrer, inclusive entre os Inferiores. Pense no que uma batalha de grandes proporções vai significar para seu povo, mesmo que eles estejam tentando se manter fora disso.

— E quando tivermos vencido — acrescentou ela —, sua ajuda vai assegurar um tratamento adequado para o Povo Inferior. Os Homens-do-Gelo são fiéis a seus aliados.

— O Corvo é o líder — respondeu Clovil, constringido.

— Acho... acho... devíamos ajudar Milla — disse Ferek olhando aflito para o Corvo. — Os Homens-do-Gelo vão entrar aqui, de uma maneira ou de outra. É melhor estar do lado deles desde o começo.

— O que está havendo? — perguntou Gill, que voltava andando com a maior dificuldade e carregando uma imensa tina de cristal cheia de água quente. Seu rosto estava vermelho do calor que subia dali e do esforço que estava fazendo. Pôs a água junto da cama.

— Achei também uns biscoitos velhos — acrescentou, tirando do bolso um punhado deles e botando em cima da cama. Caiu um monte de carunchos sobre o cobertor. — São Kriggis?

Malen assentiu e fez uma pilha com os carunchos que se retorciam, deixando-os à mão para quando fosse usá-los. Pingou, então, alguns daqueles remédios na vasilha com água fervente, mexendo a mistura com a faca. Quando a lâmina saiu da água, tinha uma cor de púrpura brilhante.

Todos, exceto Milla, desviaram os olhos quando a Matriarca começou a cortar.

Depois de alguns segundos de um silêncio tenso, em que todos tentavam não ouvir a Matriarca trabalhando, Clovil contou a Gill o assunto que estavam discutindo.

— E já devíamos estar nos mexendo — disse a menina. Ela não parecia ver nenhuma dificuldade em se aliar aos Homens-do-Gelo. — Não há motivo para esperar pelo Corvo, Clovil. Ele vai levar séculos para melhorar. Tenho certeza que podemos fazer Korvim voltar para nos ajudar nisso, e ele trará outros consigo!

— É uma decisão séria — alertou Clovil.

— Claro que é — disse Gill. — Mas, durante todo esse tempo, não estivemos à espera de fazer algo importante? Pronto! É nossa chance. Tudo vai ser diferente. Nada de Escolhidos mandando na gente. Nada de Câmara dos Pesadelos! Liberdade para o nosso povo!

— Assim espero — disse Clovil. Virou-se para Milla. — Talvez só estejamos trocando de patrão.

— Você é livre para escolher — disse Milla. — Prometo que vamos ajudá-lo a decidir sobre seu próprio destino no futuro.

Clovil a fitou bem dentro dos olhos. Seja lá o que tenha visto ali, aquilo o fez se decidir.

— Vamos buscar as algas-de-ar. Diga-nos aonde devemos levá-las.

— Ótimo — disse Milla. — Vou fazer um mapa para vocês. Quando Malen tiver terminado de tratar do Corvo, ela dirá às Matriarcas para esperarem por vocês e prepararem o ataque!

— Adras! — berrou Tal. — Estamos entalados aqui dentro!

— Não grite — resmungou Adras, e falou incrivelmente alto, bem no ouvido de Tal. — Você está querendo dizer que não devo ficar quieto?

De repente, os braços de Tal se esticaram e suas pernas se moveram de um modo bem desajeitado. A armadura tombou para a frente. O reflexo imediato de Tal foi tentar aparar a queda com as mãos, mas seus braços foram puxados na outra direção.

Quicaram no chão uma vez, voltaram a subir um pouco e, então, Tal viu seus joelhos se dobrarem e seus braços girarem. Finalmente, compreendeu o que estava acontecendo. Antes, Adras tinha travado o movimento de Tal e, agora, os movimentos do Pastor de Tempestades é que estavam fazendo a armadura andar. Tal era tão mais fraco que ele que se tornava um simples passageiro dentro daquele traje.

— Adras! — exclamou ele. — Fique quieto por um instante. Temos de trabalhar em conjunto.

Adras obedeceu e, lentamente, a armadura se estabilizou.

— Tudo bem. Por favor, Adras, acompanhe meus movimentos, mas não use muita força e não exagere. Agora, vou erguer o braço esquerdo.

Começou a erguer o braço, sentiu que Adras fez o mesmo mas, logo, seu braço estava se sacudindo todo ali dentro.

— Ei! Ei! Devagar! — exclamou Tal. — Agora, o braço direito.

Precisaram treinar muito, mas finalmente conseguiram descobrir como se mover dentro daquela armadura. Tal começava e, então, Adras fazia o mesmo, usando apenas uma fração de sua força.

Ainda bem que ninguém estava ali para vê-los se sacudindo pela caverna e, de vez em quando, esbarrando nas paredes e caindo no chão. Mesmo depois de descobrirem o jeito certo, seus movimentos continuavam rígidos e desajeitados.

Dirigiram-se para a boca da caverna. Antes de sair, Tal queria parar para dar uma olhada nos arredores, mas calculou mal a parada e, com isso, cambalearam e perderam o equilíbrio. Quando estavam se levantando, Tal praguejou e Adras se lamentou, até que o menino se deu conta que não sabia se o som atravessava a armadura ou não.

Ambos se calaram. Por sorte, parecia que não tinham chamado a atenção de ninguém. Pelo menos, não por causa do barulho. Tal ficou mais assustado ao ver como a armadura brilhava na noite. Não como uma Pedra-do-Sol, mas a superfície de arco-íris brilhava efetivamente, mesmo antes de ele começar a invocar os encantamentos que a fariam arder como brasa.

Precisavam ir para debaixo da cinza o mais rápido possível. Tal se pôs a caminho do lago e penetrou nele bem depressa. Por um momento, ficou aflito, quando a cinza se fechou sobre ele, mas a armadura era à prova de água. Ou, pelo menos, de cinzas.

Embora a cinza fosse misturada com cristais transparentes, era muito difícil enxergar mais que uns poucos trechos à frente. Tal já tinha dado alguns passos no fundo do lago, que formava um declive íngreme, quando pensou em outro problema.

Sem saber aonde estava indo, podia perfeitamente se perder ou ficar rodando em círculos. Como ia encontrar a ilha da Imperatriz?

Lembrou, então, de Milla e seu infalível senso de direção no Gelo. O que Milla faria se estivesse aqui?

Siga uma ponte, foi a resposta que lhe veio.

Tal sorriu ao pensar em Milla lhe dizendo o que fazer, mas o sorriso se desvaneceu quando lembrou que, provavelmente, ela também estava morta, tendo se lançado ao Gelo. Mais alguém que tinha morrido por causa de alguma coisa que ele tinha feito.

Estava sozinho.

— Pare com isso — resmungou Adras.

— Com o quê?

— Essa sensação na sua cabeça, fazendo ela ficar pesada e seu coração doer — respondeu Adras. — Fico péssimo.

Tal não respondeu. Em vez disso, começou a se deslocar junto da praia, mantendo um pedacinho do elmo fora da cinza. A Grande Ponte Sul — uma das principais pontes do núcleo central das casas dos Escolhidos — ficava a uns oitocentos trechos de distância. Ia acompanhar a orla até chegar perto dela e, depois, seguir os seus pilares.

Quando se aproximou da ponte com toda aquela iluminação de Pedra-do-Sol, Tal afundou mais na cinza para evitar ser notado.

Ficou espantado ao descobrir que o fundo do lago não era liso como imaginava. Era rachado em muitos pontos, e havia fendas e buracos profundos. Tinha de olhar muito bem onde pisava e, várias vezes, quase caiu em buracos que bem podiam ser poços fundíssimos. O maior problema era que só podia vê-los no último segundo porque a visibilidade era muito ruim.

Pelo menos, este era o maior problema imediato. Tal não podia se impedir de pensar no súbito desaparecimento do Kortor atordoado. Algo grande para valer, e faminto para valer, estava por ali no meio da cinza. Tomara que aquela coisa não estivesse querendo uma sobremesa para o seu jantar de Kortor.

Tal levou um bom tempo, que pareceu serem horas, até chegar à Grande Ponte Sul. Na verdade, quase passou direto por baixo dela, e seguiu em frente, mas esbarrou em alguns blocos de pedra talhados. Diante disso, voltou para uma parte mais rasa e tirou a cabeça das cinzas para conferir sua localização.

Estava debaixo da ponte. A luz de Pedras-do-Sol se derramava de ambos os lados. Descobriu que podia ouvir de dentro da armadura, pois havia passos firmes lá em cima, e o som de vozes. Tal tentou ouvir o que diziam mas a distância era muito grande. Todas as pontes e casas ficavam pelo menos quarenta trechos acima do lago, provavelmente para garantir que os Escolhidos estivessem a salvo de criaturas dotadas de longos tentáculos.

Tal recomeçou a descer por aquele solo em declive esperando estar seguindo a direção da ponte. E estava, como não tardou a descobrir quando quase colidiu com um dos pilares feito de blocos maciços de pedra talhada. Era difícil afirmar, já que a luz da armadura estava constantemente se alterando, mas pareceu-lhe que aquela pedra era de um verde escuro — e não cinza ou negra como as rochas vulcânicas —, o que significava que os blocos teriam sido talhados em algum outro lugar e transportados para a cratera.

Lentamente, Tal foi caminhando até chegar do outro lado do pilar. Estava prestes a afundar ainda mais no lago, na esperança de que o pilar seguinte não estivesse muito longe, quando viu uma luzinha tênue à sua direita. Uma luz violeta suave que se espalhava pela cinza.

Hesitou por um momento e, então, decidiu investigar. Por via das dúvidas, ficou com um dedo na alça vermelha que havia em seu peito e que tornaria a armadura quantíssima pelo lado de fora — só pelo lado de fora. Era o que esperava.

Chegando mais perto. Tal viu que a luz vinha de um punhado de Pedras-do-Sol. Estavam reunidas no alto de um longo mastro profundamente fincado no fundo do lago. Tal se aproximou ainda mais e viu que aquilo não era um mastro. Na verdade, era um arpão gigantesco, feito do cristal dos Escolhidos, um dos poucos materiais que ficava idêntico tanto no Mundo das Trevas quanto em Aenir. A haste era inteiramente recoberta de Pedras-do-Sol, embora a maior parte delas já estivesse extinta há muito tempo. Só a penca presa na extremidade do arpão e algumas Pedras-do-Sol encravadas na parte da ponteira que ficava exposta ainda continuavam brilhando.

— Que estranho — disse Tal. Por que teriam espetado um arpão gigante no fundo do lago?

— Quanto tempo vamos ter de ficar aqui? — perguntou Adras em tom queixoso. — Quero voar. Preciso ver o céu.

— Daqui a pouco — tranqüilizou-o Tal. O arpão era um mistério interessante, mas Adras tinha razão. Não deviam perder tempo. Desviou-se dali e recomeçou a caminhar.

Felizmente, os Escolhidos que construíram a ponte também aplanaram o fundo do lago debaixo dela. Tal percebeu que aquilo facilitava muito seu deslocamento. Sempre que deparava com pedras caídas ou fendas no solo, voltava para o ponto em que o fundo do lago estava intacto.

Mesmo no terreno mais liso era difícil avançar. Adras tentava ajudar mas ambos tinham atingido o máximo de destreza dentro da armadura, e continuavam oscilando, cambaleando e tropeçando. Aquela Armadura Cromática andando seria um belo espetáculo para as crianças Escolhidas, pensou Tal, quando Adras e ele se atrapalharam com o movimento das pernas e foram obrigados a parar, quase caindo.

Ao recomeçarem a andar. Tal viu outra luz mais adiante. Parecia a mesma que tinha visto uns cem trechos atrás. Será que estavam rodando em círculos?

Dirigiu-se para lá e, por alguns segundos, teve a certeza de que tinham voltado para o ponto onde já haviam estado. Havia um outro arpão, brilhando à luz de Pedras-do-Sol.

No entanto, observou Tal, esse arpão tinha um desenho diferente. Não era o mesmo e, portanto, pelo menos não estavam rodando em círculos.

Desta vez, foi direto até o arpão e tocou o cristal com todo cuidado. Ele não se moveu nem um pouco, nem mesmo quando o menino empurrou com bastante força. Tal já ia retirar a mão dali quando, de repente, Adras resolveu ajudar, passando a carne-de-nuvem em redor da testa de Tal e usando toda a sua força.

O arpão se deslocou ligeiramente. No mesmo instante, as Pedras-do-Sol que restavam ali emitiram luz brilhante e Tal sentiu uma vibração percorrer o fundo do lago e subir por suas botas.

— Pare! — gritou ele. Recuou a mão, mas tudo o que conseguiu foi fazê-la se sacudir dentro da luva. Adras parou, mas não de imediato. Naquele curto espaço de tempo, o arpão se deslocou mais um dedo e as Pedras-do-Sol brilharam novamente.

Desta feita, a vibração que percorreu o fundo do lago foi tão forte que os dentes de Tal tremeram. Ele baixou os olhos e viu pequenas rachaduras que iam se formando na pedra, em

torno da ponta do arpão.

— É melhor deixarmos isso — disse Tal. Qualquer que fosse o esquema de que o arpão fazia parte, ali havia magia da boa, e ele tinha sido um idiota de mexer naquilo.

— Você não quer que eu tire ele daí? — indagou Adras. Tal teve a desagradável visão do globo ocular do Pastor de Tempestades fluando sob sua face porque Adras queria dar uma olhada naquilo. — Podia ser bem útil. Poderíamos espetar Sushin com isso, como Milla fez.

— Não — respondeu Tal rapidamente. — Venha.

Recuaram, quase caindo, e fizeram um amplo círculo em torno do arpão. Como Tal desconfiara, havia outro pilar logo depois do arpão. Circundou-o e, quando viu uma luz familiar do outro lado, não foi ver o que era.

— Concentre-se no que está fazendo — sussurrou Tal para si mesmo enquanto ia pondo um pé diante do outro.

— O quê? — perguntou Adras. Aparentemente, o Pastor de Tempestades não conseguia andar e falar ao mesmo tempo, pois o passo seguinte estancou a meio caminho, já que Tal moveu a perna e Adras não. Para recuperar o equilíbrio, tiveram de dar uma série de passinhos saltitantes que, como Tal bem sabia, tinham uma aparência particularmente ridícula.

— O que você disse? — perguntou Adras novamente.

Tal respirou fundo. Adras era a única criatura que realmente queria que estivesse fora daquela armadura.

— Não estava falando com você — disse Tal, o mais calmamente que pôde. — Estava falando sozinho.

Adras bufou, quase estourando os tímpanos de Tal.

— Ainda falta muito?

— Não sei!

Depois disso, Adras ficou um bom tempo sem falar. Nesse ínterim, encontraram e contornaram mais dois pilares. Infelizmente, o seu silêncio não era nada amistoso. Era um semi-silêncio de birra, pontuado de bufadas e de suspiros resignados. Além disso, Adras continuou a fazer seus olhos fluuarem nas margens do campo de visão de Tal, bem diante dos ouvidos do garoto, embora pudesse enxergar perfeitamente deixando-os sobre os ombros de Tal.

Tal estava pensando que logo, logo deviam estar chegando ao sexto pilar quando Adras voltou a falar.

— O que é aquilo?

— Não sei!

Tal respondeu automaticamente, antes mesmo de ter visto a que Adras estava se referindo. Quando viu aquilo, levou instantaneamente a mão à alça vermelha e puxou-a.

Desta vez, a cooperação de Adras foi perfeita. Infelizmente, deviam ter parado antes. O último e fatídico passo que deram levou-os diretamente para a coisa que Adras apontara um segundo mais cedo.

Uma muralha de escamas brancas, mais alta que Tal, e que se estendia, para a esquerda e para a direita, até onde seus olhos podiam ver.

Quando encostaram ali, a carne escamosa ondulou, mas a criatura não se moveu. Tal olhou

para ela, de alto a baixo, com o coração aos pulos. Era alguma espécie de verme ou de cobra, muito maior, porém, do que seria razoável. Ao que tudo indicava, ela estava enrolada no pilar seguinte.

As escamas ondularam outra vez. O verme se curvou um pouco e a parte que estava diante de Tal deslizou uns poucos trechos, formando ondas nas cinzas.

— A cabeça deve estar desse lado — sussurrou Tal. Mas não sabia por que estava sussurrando.

Começou a andar na outra direção mas, no que ele se mexeu, a criatura se mexeu também. Ela parecia irritada, com o corpo coleando para os lados e se movendo para a frente.

Tal olhou para a parte frontal da armadura. Ela não era mais como um arco-íris, mas sim de um vermelho profundo que beirava o negro. Tal não percebia qualquer diferença mas, sem dúvida alguma, a armadura estava funcionando como Lokar prometera. Estava virando uma brasa ardente.

E isso acontecia exatamente quando eles estavam bem perto de um gigantesco verme que, a qualquer instante, poderia se aborrecer e sacudir o corpo, esmigalhando Tal e Adras, com ou sem armadura.

— Recue — disse Tal aflito, porque a criatura estava ficando cada vez mais agitada. Arrastava-se para a frente e para trás, e revirava o corpo, erguendo as escamas como se quisesse se refrescar ali debaixo.

O verme se revirou novamente e seu corpo enorme desabou exatamente onde Tal havia estado um momento antes.

— Recue! Mais depressa! — berrou Tal. Estava agitando os braços para ficar de pé enquanto recuavam a toda. Se caíssem agora, seria o fim.

Foi então que esbarraram em outra coisa. Tal tentou se virar para a esquerda e Adras, para a direita. Adras venceu, mas a armadura girou descontrolada, derrubando-os no fundo do lago.

Caíram de barriga para cima. Tal ficou olhando enquanto o verme vinha chegando cada vez mais perto. Virou-se, então, para ver em que tinham esbarrado.

Num relance, avistou uma imensa boca cavernosa, grande o bastante para engolir de uma só vez uma dúzia de armaduras.

E, então, ela se fechou sobre eles.

O que quer que fosse aquilo que tinha surgido de repente e abocanhado eles dois, saiu em tamanha disparada que, por alguns momentos, Tal ficou meio inconsciente. Depois, começou a lutar, dando socos ferozes e pontapés até que Adras resolveu ajudá-lo e tornou tudo muito mais difícil.

Em seu pânico inicial, Tal nem olhou em volta. Agora, via que continuavam dentro da boca da criatura. E aquela coisa não parecia absolutamente incomodada pelo calor, possivelmente porque a armadura estava envolta nas cinzas que tinham vindo junto.

Tal tentou sentar, mas caiu quando a criatura se inclinou de repente para um lado e, depois, para o outro. Ela parecia continuar se movendo bem rapidamente, embora fosse difícil avaliar isso estando lá dentro.

— Ao menos, essa coisa não engoliu — disse Tal alguns instantes depois. Continuava impossível sentar. Por duas vezes, deram uma cambalhota completa e, se Adras não tivesse amortecido o impacto, Tal poderia ter se machucado seriamente dentro da armadura.

— Quero sair daqui — exclamou Adras. — Sair do monstro, sair da armadura... quero sair!

— Eu também! — disse Tal.

O menino estava dando tratos à bola. Como era mesmo aquela história que Milla tinha lhe contado? Sobre Ulla Braço-Forte, que fora engolida por um Selski de mandíbula quebrada? Ela conseguiu sair de lá cortando a barriga do Selski. Mas ele não tinha espada. Talvez pudesse abrir caminho queimando...

Começou a nadar naquela cinza para chegar até as paredes da boca da criatura. Mas, todas as vezes que conseguiu chegar perto, não tinha nada em que se segurar e, na primeira curva ou virada que o animal fazia, era lançado de volta ao ponto de partida, solto, lá no meio daquela boca.

De repente, Tal viu umas protuberâncias de carne mais no fundo. Eram quase do seu tamanho. Embora ficassem estremeendo o tempo todo, podia ao menos tentar agarrar-se a elas.

Não eram amídalas mas, pensou Tal, podiam ser o seu equivalente no monstro. Se pudesse fazer cócegas, irritá-las, ou queimá-las, talvez o monstro vomitasse.

— Vamos agarrar o que quer que seja isso, e ver o que acontece! — disse ele, apontando para ali. Logo depois, foi jogado de um lado para o outro dentro daquela boca, porque a criatura fez um súbito ziguezague, mas Adras entendeu o que ele pretendia. Juntos, lutaram para nadar até os apêndices de carne.

A cada duas braçadas para a frente correspondia uma volta para trás, mas finalmente chegaram perto o bastante. Tal hesitou. Por um breve instante, se perguntou se aquilo não poderia piorar as coisas. Depois, agarrou o apêndice mais próximo com os dois braços que estavam agora negros de tão quentes.

A protuberância se retorceu e se sacudiu quando Tal a segurou, mas aquela carne cinza-azulada não pareceu se queimar. O menino agarrou-se ali com mais força e tentou se balançar para a frente e para trás. Mas era como estar agarrado a um tronco de árvore numa ventania. Aquela coisa ia para onde bem entendia, e o máximo que Tal podia fazer era manter-se pendurado ali.

Então, a boca se abriu um pouquinho, e uma nova corrente de cinza invadiu o local. Tal soltou um grito de triunfo, e preparou-se para largar aquele apêndice para serem vomitados.

Mas o monstro não vomitou. A boca se escancarou e uma imensa onda de cinzas irrompeu por ela adentro. Tal foi apanhado e lançado além daquelas espécies de amidalas, passando por um túnel que só podia ser a goela do animal.

No meio do caminho, a armadura foi apanhada por uma tremenda sucção e atirada por um tubo como se fosse um projétil. Tal e Adras viram-se rolando, girando, rodopiando por ali afora, a ponto de mal poderem ver onde estavam.

Foram lançados num vasto aposento que Tal imaginou ser o estômago da criatura. Ele só estava parcialmente cheio de cinzas e de cristais e, além de Tal e de Adras na armadura, havia várias coisas boiando ali. Coisas que, evidentemente, tinham algum dia vivido algum tipo de vida no lago.

Dois longos tentáculos saíram da parede do estômago, estenderam-se para baixo e apanharam um grande naco de algo que parecia um Kortor. Os tentáculos ficaram segurando aquilo acima da cinza enquanto um outro, mais delgado, girava a seu redor recobrimdo tudo com uma substância amarela viscosa. Então, os dois primeiros tentáculos empurraram aquela guloseima com toda força de encontro às paredes do estômago. Um furinho que havia ali foi se expandindo para acolher aquele bocado. Os tentáculos o empurraram lá para dentro, e o buraco se fechou.

— Estou enjoado — disse Tal.

Os tentáculos voltaram à atividade. Quase encostaram em Tal, mas recolheram-se no último minuto. O terceiro tentáculo ficou ali perto, mas não tocou na armadura, nem despejou aquele muco amarelo.

Então, recomeçou a sucção. Muita cinza se ergueu em torno de Tal e de Adras: quase só cinza, sem os cristais que permitiam ver através dela. A cinza recobriu o elmo da armadura e, com isso, eles não podiam enxergar mais nada.

Um segundo mais tarde, Tal foi arremessado para uma extremidade da armadura que tinha sido apanhada por um poderoso movimento de sucção. E a sucção só fazia aumentar. A armadura estava sendo fustigada e, à medida que o ritmo se acelerava, Tal era jogado para cá e para lá, como um grãozinho num misturador. Houve, então, uma explosão que deixou Tal surdo e fez seus dentes chocalharem. Ficaram girando, pernas para cima, cabeça para baixo, até colidirem com alguma coisa, o que teria provavelmente matado Tal se Adras não estivesse todo enrolado nele, amortecendo o choque.

Tal levou alguns segundos tentando imaginar o que teria sido aquilo e, então, começou a esfregar o elmo com a mão, para limpar a cinza. Depois de algumas tantas esfregadelas, pôde ver que tinham colidido com um imenso bloco de pedra.

Estavam fora do monstro, livres e desimpedidos dentro do lago. Tal fechou os olhos e deu um suspiro de alívio. Não foi isso que Ulla Braço-Forte fez, e aquilo não daria um tema digno de lendas. Mas pouco importava.

Olhou para a pedra. Era menor que os pilares da ponte, mas era um bloco talhado que ia direto para a superfície. Provavelmente, eram os alicerces de uma casa de Escolhido.

— Vamos subir para ver onde estamos — disse ele, dirigindo-se a Adras. — Quanto mais cedo sairmos desse lago, melhor.

Foi uma longa subida. Evidentemente, a criatura que os havia engolido era um habitante da parte mais profunda do lago.

Foi também uma subida tensa. Tal precisou de toda a sua força de vontade para se concentrar na escalada e não olhar para trás por uns poucos minutos. Continuava esperando ver a sombra daquelas mandíbulas gigantescas. E se a coisa decidisse não liberá-los da próxima vez?

Quando estavam chegando ao topo, Tal já tinha praticamente decidido não voltar para o fundo. Quaisquer que fossem os riscos de ser descoberto, eles sairiam daquela armadura e rastejariam pela ponte. Então, roubaria um barco para chegar até a ilha da Imperatriz. Não agüentaria ser comido e... ejetado... por um monstro novamente.

No entanto, quando chegaram ao alto da pedra, Tal percebeu que ela não estava ligada a nenhuma ponte ou casa. Simplesmente acabava ali, abaixo da superfície, a uma distância correspondente a metade de sua própria altura.

Tal se agachou ali em cima e correu os olhos à sua volta. Ainda era noite, o que era muito bom. Sem poder usar sua Pedra-do-Sol para saber as horas, estava com medo que já tivesse amanhecido. Entretanto, no céu havia uma lua quase cheia, que brilhava demais para o gosto dele.

O menino custou um pouco a se localizar. O monstro os tinha trazido para o outro lado do lago, o lado menos habitado. À distância, viam-se o aglomerado de casas dos Escolhidos e a Grande Ponte Sul. Lá estavam também a Ponte Leste e o Centro Social Laranja, que ele conhecia tão bem.

E, logo ali, a não mais de duzentos trechos de distância, estava a massa negra da ilha da Imperatriz. Tal só via os brilhantes halos de luz de umas poucas Pedras-do-Sol, a maioria delas instalada do lado que ficava mais perto da parte principal do Território. Na margem diante do ponto em que ele estava não havia luz alguma.

Tal ficou olhando para lá, cauteloso. Há algum tempo atrás, teria simplesmente se encaminhado direto para o local. Hoje em dia, refletia mais. Por que a ilha e a praia mais próxima eram os únicos lugares que não estavam iluminados? Como se defendiam de todas as criaturas que podiam se arrastar por aquelas praias, vindas do lago?

— Ande! — disse Adras, interrompendo os pensamentos de Tal.

— Já, já — disse Tal. Ficou pensando um pouco mais. Não havia a menor possibilidade de ele descer daquela pedra e continuar caminhando pelo fundo do lago até a ilha. Tinha de correr o risco, mesmo com uma lua tão brilhante.

— Adras. Está se sentindo forte o bastante para ir voando, comigo, até a ilha?

— Estou — confirmou Adras imediatamente. Tal ficou um pouco preocupado, pois sabia que Adras diria qualquer coisa para sair dali.

— Está certo. Vou abrir a armadura. Assim que eu sair dela, quero que você me pegue e saia voando comigo até a margem da ilha. Até a margem. Não esqueça disso.

Adras fez que sim com a cabeça, empurrando com tanta força a cabeça de Tal para a frente que quase partiu o seu pescoço.

Tal agarrou a alça anil, puxando-a, antes que Adras balançasse a cabeça outra vez.

A armadura não abriu. Estourou, em mil pedaços. Voaram caquinhos em brasa para todo lado, caindo no lago como uma estranha chuva. Um deles caiu perto do pé de Tal e o menino pôde sentir seu calor mesmo através das cinzas e dos cristais. Adras não saiu voando, como Tal havia planejado. Ficou onde estava até que o último fragmento incandescente da armadura tivesse desaparecido.

— Lokar não me disse que seria assim — disse Tal com voz rouca. De súbito, sentia a boca seca. — Imagine se estivéssemos perto de alguém?

— Todos iam ficar furiosos — respondeu Adras. Estava se inflando lentamente, para atingir o seu tamanho normal.

— Tomara que ninguém... tenha percebido. — Tal olhou a seu redor. A superfície do lago estava calma e não havia qualquer sinal de atividade estranha nas áreas iluminadas.

Adras saiu das cinzas e ficou flutuando acima de Tal. Não parecia ter se ressentido nada por ter passado tantas horas lhe fornecendo ar, nem por ter ficado comprimido dentro daquela armadura. Mas era evidente que estava felicíssimo por ter saído dali.

Tal ergueu os braços e se encolheu, antes mesmo que Adras o agarrasse. Por alguma razão, o Pastor de Tempestades só conhecia uma técnica para carregar Tal: destroncando os seus ombros.

Duas mãos de nuvens seguraram os pulsos de Tal e veio o tremendo solavanco tão esperado. Por alguns segundos, as pernas de Tal ficaram arrastando nas cinzas, trazendo-lhe à mente imagens desagradáveis de pescarias e iscas de cores luminosas. Depois, Adras subiu mais e Tal ficou flutuando.

— Não voe alto demais — recomendou Tal quando estavam a uns quarenta ou cinquenta trechos do lago. A lua estava brilhando, com uma claridade suficiente para projetar a sombra de um Pastor de Tempestades voando pelo céu e um menino pendurado abaixo dele. Tal fitou a sombra que ondulava pelo lago. Era estranho pensar que aqui, em Aenir, sombras eram apenas reflexos escuros, e nada mais.

Ao luar, a ilha da Imperatriz parecia bem tranqüila. Olhando-a lá de cima, Tal pôde ver que a maior parte do lugar era ocupada por jardins muito bem tratados. Havia estátuas espalhadas por entre os canteiros e vários tanques de algo que deveria ser água de verdade, prateada à luz da lua. Mais adiante, no lado sul, havia uma casa em forma de L com quase todas as janelas às escuras. O teto era de telhas de cristal que deviam ser cravejadas de Pedras-do-Sol, pois cintilavam em diversas cores em vez de refletir o luar. Em frente da casa havia um pátio recoberto com um dossel de folhas de cristal. Pedras-do-Sol brilhavam sob o dossel, mas não dava para ver o que elas iluminavam.

Tudo parecia muito bonito e confortável. Mas também devia haver guardas de alguma espécie, pensou Tal. Precisaria evitá-los e dar um jeito de ter bastante tempo para falar com a Imperatriz sobre o perigo que Sushin representava, a ameaça ao Vêu e a todo o Mundo das Trevas.

Adras veio planando, como Tal recomendara, e depositou o menino bem na borda da ilha. A aterrissagem foi tão suave quanto se poderia esperar, ou seja, Tal caiu no chão. Ficou espantado ao ver que tinha aterrissado sobre grama macia. Quando se levantou viu que aquela grama

brotava diretamente da praia e da cinza. Nenhuma grama normal brotaria assim. No entanto, ela parecia bem normal exatamente como os gramados das Cavernas-Jardim do Castelo.

Não muito longe, havia um caminho. Com toda cautela, Tal atravessou o gramado até ali e examinou bem aquele caminho antes de pisar nele. Era feito de tijolos, mas não de tijolos comuns. Estes eram de cristal violeta e tinham fragmentos de Pedras-do-Sol no seu interior. Assim que pisou ali, os tijolos sob seu pé brilharam, mas nada de sinistro aconteceu.

Adras estava pairando no ar, logo atrás de Tal.

— Está um cheiro esquisito — sussurrou o Pastor de Tempestades. — De óleo.

Tal farejou o ar, mas não conseguiu sentir nenhum cheiro de óleo. Tudo o que sentiu foi o cheiro de grama fresca e o agradável perfume das flores que cresciam nos arbustos mais à frente.

Por um instante, andou pelo caminho. Ele parecia circundar a ilha. Dele partiam outros caminhos que se dirigiam para a parte mais interna. Um deles ia direto para a casa.

Tal foi por ali. Começou a andar um pouco mais devagar no ponto em que o caminho passava entre dois arbustos floridos um tanto pendentes. Alguma coisa naquele lugar o estava incomodando. Talvez fosse o luar, pensou Tal. Ele fazia tudo parecer horrível.

Só depois de ter dado alguns passos é que percebeu o que era. Soprava uma brisa suave, vinda de trás dele. E, no entanto, os arbustos estavam inclinados em sua direção.

Tal parou para fitá-los. Eram maiores que ele. Grandes arbustos carregados de folhas verdes. Ambos tinham duas grandes flores vermelhas que ficavam a uns dois terços de sua altura.

— São apenas plantas — disse ele, em voz alta. — Apenas plantas.

Mas não passou no meio deles. Enquanto estava olhando, viu uma das flores, e depois a outra, virarem-se lentamente para encará-lo. Então, com um terrível som de sucção, os dois arbustos desenterraram suas raízes e começaram a avançar, farfalhando. As raízes sobre as quais se moviam eram pontiagudas, mais parecendo múltiplas garras.

Tal recuou. Mas não tinha dado mais que uns poucos passos quando Adras disse:

— Xiii!

Tal olhou para trás. Duas das estátuas que tinha visto lá do alto estavam vindo pelo caminho. Eram humanóides, um pouco maiores que um Escolhido adulto, e feitos do mesmo metal dourado que o Navio em ruínas. Quando se aproximaram, Tal sentiu o cheiro de óleo que Adras mencionara antes. As estátuas se moviam como Tal e Adras dentro da Armadura Cromática. Devagar e desajeitadamente.

— Hora de levantar vôo — disse Tal, erguendo os braços. Adras se abaixou para agarrá-lo e, desta vez, doeu para valer, porque os pés de Tal não saíam do chão.

Olhou para baixo e viu fios violeta enroscados em seus tornozelos, formando grilhões de luz.

As criaturas floridas continuavam avançando, com as raízes pontiagudas sondando o ar à sua frente. As estátuas vinham se sacudindo atrás dele, erguendo e baixando os punhos maciços.

— Solte, estou preso aqui! Tente mantê-los afastados!

Adras o soltou. De imediato, Tal se concentrou em sua Pedra-do-Sol. Se conseguisse fazer uma Chave Violeta, poderia soltar os grilhões de seus tornozelos. Graças a Lokar, tinha alguma noção do que precisava fazer.

Mas será que conseguiria fazer isso antes que as estátuas o derrubassem a murros, ou as criaturas floridas o atacassem?

Malen ainda ficou tratando do Corvo por várias horas, depois que os membros da Resistência saíram para buscar algas-de-ar e levá-las até o posto avançado dos Homens-do-Gelo. Durante alguns instantes, Milla ficou olhando as mãos ágeis e habilidosas da Matriarca e, então, decidiu verificar se Jarnil não tinha tentado escapar dali furtivamente.

Encontrou-o na cama, dormindo. Ficou olhando para ele, perguntando-se, mais uma vez, se não deveria fazer alguma coisa. Estava quase indo embora dali quando percebeu um detalhe que a fez lembrar de algo. Jarnil estava dormindo numa posição bem estranha. Tinha as mãos unidas sobre o peito, por baixo da coberta.

Milla puxou a coberta. Como suspeitava, ele tinha nas mãos uma Pedra-do-Sol.

Jarnil não estava dormindo. Tinha ido para Aenir. Ninguém ficara protegendo o seu corpo porque ele não tinha mais Espírito-Sombra. Haviam-lhe tomado o seu na Câmara dos Pesadelos.

Nem mesmo o fato de ele ter sido banido e transformado num Inferior, e acabar se tornando um membro da Resistência, foi suficiente para pôr fim à lealdade de uma vida toda. Só havia uma razão para Jarnil ter ido para Aenir: alertar os Escolhidos sobre a invasão dos Homens-do-Gelo.

A faca de Milla passou da manga da menina para sua mão. Ela a encostou de leve na garganta de Jarnil. Mas afastou-a com um suspiro. Não ganharia nada matando o corpo de Jarnil. Nem sabia se o mataria lá em Aenir e, de qualquer maneira, ele fora corajoso fazendo o que fez. Além disso, estava adormecido e indefeso. Naquelas circunstâncias, matá-lo só lhe traria desonra.

Milla subiu de volta até o pátio central e jogou um pouco de água do poço no rosto. Depois do aviso de Jarnil, os Escolhidos retornariam rapidamente. E também ficariam sabendo da existência da fortaleza. Se Milla permanecesse ali, ficaria isolada de seu exército, já que a Fortaleza da Resistência podia facilmente ser sitiada, pois seu único acesso era aquela ponte sobre o abismo de lava.

Mas seu conhecimento do Castelo em geral e dos níveis do Povo Inferior, em particular, era muito limitado. Como podia ser uma Capitã-Mor se nem conhecia o território onde seu povo teria de lutar?

— Preciso de mapas — grilou ela, furiosa, relaxando a tensão que sentia por ter cometido o erro de deixar Jarnil sem vigilância. — Onde posso encontrar mapas?

Um ruído dentro do poço respondeu à sua pergunta. Instantaneamente. Milla recuou, de um salto, sacando a espada de chifre de Merwin com uma mão, e a faca com a outra.

Um retângulo de cristal, do tamanho de uma porta, veio lentamente saindo da água. De início, estava no sentido horizontal, mas depois começou a levantar na vertical, com água escorrendo por todos os lados. Mesmo depois que toda a água escorreu, sua face continuava líquida e brilhante.

Formaram-se runas dos Homens-do-Gelo em sua superfície.

— Podem-se encontrar mapas em diversos lugares dentro do Castelo. Tenho muitos deles dentro de mim.

Milla ficou pasma. Era o Códex dos Escolhidos, o artefato mágico que Tal e ela arriscaram a vida para trazer de volta de Aenir. Tinham-no deixado escondido no Mausoléu, lá nos níveis mais

altos do Castelo, e só depois ficaram sabendo que o Códex podia sair andando por onde bem entendesse.

— Você voltou — disse Milla.

O Códex não respondeu. Era de sua natureza responder apenas a perguntas.

— Como chego aos níveis do Povo Inferior, saindo daqui? — perguntou Milla.

Surgiram tinhas prateadas na superfície do Códex. Um mapa foi traçado. Milla o estudou atentamente. Viu que havia outro caminho para sair da Fortaleza da Resistência, mas era ainda mais estreito e difícil, e não ia além de uma parte mais distante do sistema de aquecimento.

— Qual é o melhor lugar para reunir um destacamento de quinhentos Homens-do-Gelo, de forma que se possa atacar prontamente os níveis mais altos dos Escolhidos?

Formou-se outro mapa, mostrando um salão enorme denominado Assembléia dos Mineiros. Milla sorriu observando o mapa. Mesmo que os Escolhidos retornassem, o Códex a ajudaria a derrotá-los. Havia tantos caminhos e passagens secretas que nem os Escolhidos deviam conhecer. Por outro lado, o Códex sabia tudo.

Tinha de garantir que ele ficasse por ali.

— Malen! — chamou ela, virando-se um pouco. — Malen!

Assim que ela se virou, o Códex mergulhou de novo no poço. Milla conseguiu agarrá-lo e, por um momento, segurou firme um de seus cantos. Mas ele escorregou por entre seus dedos, e escapou. Em segundos, o Códex ficou do tamanho de um peixe grande e desapareceu, deslizando, nas águas profundas do poço.

Quando Malen saiu da cabana, Milla estava remexendo inutilmente no poço e espirrou água na Matriarca.

— Capitã-Mor! — exclamou Malen, indignada.

— O Códex! Ele estava aqui!

Malen correu até o poço, mas não se via nada ali. Olhou para Milla, com os olhos azuis ficando enevoados porque ela já se preparava para transmitir às outras Matriarcas o que quer que Milla fosse dizer.

— O Códex dos Escolhidos — disse Milla. — Ele estava aqui. Saiu do poço. Pedi-lhe que me mostrasse mapas do Castelo. Diga às Matriarcas que estão com o destacamento avançado para mandarem as Donzelas Guerreiras pedirem aos Resistentes que lhes mostrem o caminho para a Assembléia dos Mineiros que fica no Nível Sete do Povo Inferior. Vamos nos encontrar lá. Diga também... que cometi um erro. Jarnil foi para Aenir, alertar os Escolhidos.

Milla fez uma pausa, esperando que Malen falasse. Mas a jovem Matriarca ficou em silêncio por algum tempo. Quando falou, foi com a estranha voz maciça de todas as Matriarcas, aquela voz que lhe dava arrepios na espinha.

— Você precisa deter o Códex se ele voltar a aparecer. Isto é de suma importância.

Malen parou de falar e quase caiu no poço. Milla a segurou.

— Desculpe — disse Malen. De repente, seu nariz parecia entupido. — Não estou... acostumada a ser o veículo da Voz. Tive apenas as lições elementares.

Naquele instante, Malen não parecia uma Matriarca. Parecia uma Garota-do-Gelo com calafrios, uma Garota-do-Gelo que não tinha lá muita confiança em sua capacidade de fazer o

que devia ser feito, mas, de um jeito ou de outro, continuaria tentando.

Milla gostou mais dela por isso.

— Como está o Corvo? — indagou.

— Acho que vai se recuperar — respondeu Malen. Ela tossiu e se aprumou. O azul de seus olhos ficou mais brilhante e ela pareceu mais confiante. — Vai dormir normalmente, agora, e deve ter condições de falar quando acordar.

— Ele pode ser removido? — perguntou Milla. — Se Bennem o carregar?

Malen franziu a testa.

— Se for necessário.

— E Ebbitt? Ele pode ser removido?

— Sabe-se lá. Ele é idoso, e se esforçou demais. Se fosse um de nós, creio que se lançaria ao Gelo.

— Mas não é — disse Milla. — E o Castelo não é um lugar tão inóspito para um velho quanto um navio. Além disso, é um homem muito sábio e poderoso em termos da Magia da Luz dos Escolhidos.

— Aqui é tudo diferente — admitiu Malen. Estremeceu, e disse: — Temo que o fato de vir até aqui possa nos modificar.

Milla ficou calada. Ela tinha mudado muito. Estava irreconhecível, a tal ponto que nem sabia mais quem era. Tinha tão poucas certezas. Uma delas era quanto a sua responsabilidade como Capitã-Mor dos Homens-do-Gelo.

— Vamos sair daqui — ordenou ela. — Todos nós, antes que os Escolhidos voltem. Bennem vai carregar o Corvo, Odris vai carregar Jarnil e Ebbitt vai nas costas de seu Espírito-Sombra. Vamos para a Assembléia dos Mineiros, encontrar o destacamento avançado — e preparar o ataque.

Adras precipitou-se lá de cima, tentando derrubar a estátua mais próxima. Esta oscilou por um momento, mas nem mesmo toda a força do Pastor de Tempestades pôde impedi-la de seguir adiante. Seus punhos possantes socaram Adras e afundaram em seu peito-de-nuvem.

— Aiii! — fez Adras, arquejando e recuando. — Doe!

As criaturas floridas também continuavam a avançar. Suas raízes, longas e pontiagudas, deslizavam à sua frente enquanto seus troncos e ramos chegavam cada vez mais perto.

Tal nem levantou os olhos. Continuou concentrado na Pedra-do-Sol e nos grilhões de luz. Eles eram violeta e tudo o que tinha a fazer era encontrar a Chave Violeta certa para soltá-los. Precisava fazer com que sua Pedra-do-Sol emitisse a luz correta.

— Não estou... conseguindo... detê-los! — exclamou Adras, ofegante, enquanto um imenso braço dourado o empurrava para o lado.

Tal ouviu a voz do Pastor de Tempestades como se ele estivesse bem longe. Toda a sua concentração, cada partícula de seu poder mental estava focalizada na Pedra-do-Sol. E a luz começou a brilhar. De início, luz vermelha. Depois, foram vindo luz laranja, amarela, verde, azul, anil... e violeta.

Mas era um violeta pálido, que não tinha a pujança e a força da verdadeira cor. Tal depositou todo o seu pensamento na pedra, tentando intensificar a luz para torná-la efetiva. Precisava obter um violeta puro para fazer a chave e escapar.

As estátuas já estavam bem perto. Uma raiz pontiaguda, que vinha mais à frente, arranhou o rosto de Tal, tirando sangue. Ele ignorou tudo aquilo. A luz ia ficando mais intensa. Estava quase conseguindo. Outra raiz lanhou sua perna. Uma flor se inclinou em sua direção e alguma parte da mente de Tal percebeu que suas pétalas eram afiadas como aço quando elas se aproximaram de seu rosto.

Então, algo se passou na cabeça de Tal. Ele se sentiu inteiramente sintonizado com sua Pedra-do-Sol, como se ele e ela fossem as únicas coisas que existissem no mundo.

Violeta, pensou Tal.

A Pedra-do-Sol emitiu pura luz violeta, brilhante.

A luz foi ficando cada vez mais brilhante. Tal teve de fechar os olhos e proteger o rosto com o braço. Tudo ficou violeta, por todo lado, e Tal não podia fitar aquela luz, nem utilizá-la para desfazer os grilhões. Num segundo, a flor estaria cortando seu rosto e as estátuas o esmagariam.

A luz diminuiu. Nenhuma flor o cortou, nenhum golpe o derrubou. Tal abriu os olhos e deixou cair o braço. As criaturas floridas estavam voltando para seu lugar, junto do caminho. As estátuas tinham dando meia-volta e recuavam, cambaleantes, para reassumir suas poses impassíveis. Adras estava flutuando logo acima do caminho, gemendo e passando a mão no peito.

Ainda havia um restinho de luz violeta. Tal olhou para baixo. Suas pernas só estavam levemente arranhadas e o sangue já estava secando. Os grilhões de luz que prendiam seus tornozelos tinham desaparecido, e o caminho reluzia inocentemente. A luz violeta vinha de sua Pedra-do-Sol.

Tal ergueu a mão, aproximando-a do rosto. Sua Pedra-do-Sol estava diferente. Em geral, era amarela, com manchas vermelhas, e, ocasionalmente, tinha lampejos de todas as outras cores.

Agora, ela toda era de um violeta intenso que descia até uma profundidade oculta que nunca tinha existido antes.

— Obrigado — disse Adras. — Essas estátuas machucam.

— Não... não sei o que fiz — disse Tal. Deixou pender a mão. A luz da Pedra-do-Sol se reduziu um pouco, mas os dedos do menino ainda estavam banhados pela luz violeta. — Venha.

Ao longo do caminho, havia muitas outras criaturas floridas, e várias outras estátuas. Tal ficou tentado a passar correndo por ali, mas não fez nada disso. Apenas continuou andando. As criaturas floridas farfalharam quando ele passou, mas não fizeram qualquer movimento de ataque. As cabeças das estátuas se viraram para vê-lo, mas elas não saíram de seus pedestais.

Avançavam, agora, bem lentamente sob a luz da lua. Tal continuava esperando que o farfalhar das criaturas floridas se transformasse subitamente numa estocada, e que as estátuas de repente comesçassem a se mover e barrassem seu caminho.

Finalmente, chegou à casa. Como havia visto lá de cima, só o pátio estava iluminado. À luz da lua, as folhas de cristal que formavam um dossel acima do pátio brilhavam em tons de verde e prateado, e tilintavam à brisa suave que soprava.

Havia várias pessoas no pátio, apesar de já ser muito tarde. Ou muito cedo, dependendo do ponto de vista.

Tal parou um pouco, perto de uma criatura florida, para fazer um reconhecimento do terreno antes de chegar ao espaço aberto. Mas não foi uma tarefa muito simples, já que, com um olho, tinha de vigiar os ramos mais próximos e, com o outro, tentar fazer sua espionagem.

Como as folhas de cristal pendiam também nas laterais, além de formar o dossel, ficava difícil ver o que estava acontecendo ali. Pelo que podia perceber, havia duas pessoas sentadas bem no meio do pátio e duas outras, junto delas, que ocasionalmente iam até a casa e voltavam.

As duas pessoas que estavam sentadas eram provavelmente Escolhidos, pois Tal podia perceber breves lampejos de luz de suas Pedras-do-Sol, mais brilhantes que as dos postes instalados nos cantos, e de coloração diferente. Quanto aos dois criados... não tinha muita certeza. Eles não pareciam ter forma humana.

Um dos Escolhidos sentados devia ser a Imperatriz, pensou Tal. Acompanhada de um cortesão e de duas criaturas, aparentemente seus criados. Quem mais poderia ser?

Olhou nervosamente à sua volta, procurando guardas. Mas não parecia haver nenhum por ali. A casa estava escura e silenciosa. Talvez, aqui, a Imperatriz confiasse inteiramente nas criaturas floridas, nas estátuas e na magia dos caminhos.

Portanto, não havia ninguém para impedi-lo de ir até lá, curvar-se diante da Imperatriz, e oferecer-lhe luz. Poderia contar-lhe sobre Sushin, o Vêu, seu pai... tudo.

— Preciso beber água — disse Adras num sussurro. Ou no que ele achava que era um sussurro. Com o susto. Tal pulou em cima da criatura florida. Se não tivesse se esquivado, teria sido cortado em pedaços.

— Não entendo esse lugar — sussurrou Tal, por sua vez, depois que recuperou o equilíbrio. Sob alguns aspectos, era pior do que estar no Gelo. Lá, pelo menos, ele sabia que não conhecia absolutamente nada. Aqui, no Território dos Escolhidos, achava-se na obrigação de estar mais familiarizado com as coisas. Devia saber por que os arpões de Pedra-do-Sol estavam no fundo do lago, por que sua própria Pedra-do-Sol tinha se tornado violeta, por que os guardiões da ilha da Imperatriz tinham mudado de idéia.

Mas não sabia. E nesse exato minuto estava duvidando que fosse uma boa idéia apresentar-se diante da Imperatriz. É claro que ela tinha o poder de pôr as coisas nos seus devidos lugares. Mas ele não tinha seguido os trâmites corretos para vê-la, mesmo que fosse impossível fazer isso com Sushin controlando a Guarda e tudo o mais. Não era um comportamento normal de Escolhido ir chegando furtivamente, no meio da noite, e dirigir-se à maior autoridade de seu povo.

No entanto, não havia outro jeito. Ele tinha escolhido assim. Precisava ser corajoso e aproveitar a oportunidade.

Pôs-se de pé e atravessou o gramado. Adras se inflou todo, atrás dele. Dirigiram-se a um portão em arco e viram-se sob o dossel de folhas de cristal.

Tal passou os olhos pelo pátio. Duas criaturas semi-humanas, esguias e de braços compridos, com grandes olhos verdes e uma pelagem negra e crespa, olharam para ele. Uma delas carregava uma bandeja de prata que continha uma garrafa, a outra, uma bandeja dourada com dois cálices de cristal. Nem uma nem outra parecia perturbada com a presença de Tal e Adras. Depois de os fitarem por um momento, voltaram a desviar os olhos.

Havia também dois Escolhidos, sentados no meio do caramanchão. Não deram a menor atenção aos recém-chegados. Estavam ambos absortos numa partida de Criaferas. O jogo estava quase terminando: todas as cartas já haviam sido jogadas e as feras já estavam no círculo de batalha. Uma coisa em forma de estrela, dotada de várias bocas, estava toda enroscada numa espécie de inseto escamoso, de duas cabeças. Este tinha uma cauda longa, com um ferrão na ponta, e, a intervalos de poucos segundos, atacava com ela, atingindo tanto a si mesmo quanto a seu adversário.

Os dois Escolhidos usavam amplas túnicas violeta e tinham várias Pedras-do-Sol. Eram ambos indescritivelmente velhos, extremamente magros e tinham cabelos brancos muito compridos. Tal custou um pouco a se dar conta que a pessoa que usava um gorro enfeitado com Pedras-do-Sol era uma mulher e, portanto, com toda a certeza, era a Imperatriz. Já seu adversário, que tinha a cabeça descoberta, era um homem. Evidentemente, eram parentes próximos. Irmão e irmã ou, talvez, mãe e filho. Eram tão velhos que ficava difícil perceber qualquer diferença de idade entre eles.

Tal se aproximou mas eles nem pareceram notar. Quando estava a uns poucos trechos de distância, o menino pôs um joelho por terra, ergueu a Pedra-do-Sol e, respeitosamente, ofereceu-lhes luz.

Naquele exato momento, a fera que parecia um inseto morreu. A que parecia uma estrela dobrou uma das pontas e executou uma estranha dancinha. Com isso, a partida estava encerrada e as duas criaturas desapareceram num turbilhão de minúsculas fagulhas de luz que ficou girando e girando naquele tabuleiro polido e, depois, voltou para o baralho.

Só então os dois Escolhidos viraram-se para Tal. Cada um deles estendeu uma das mãos: a Imperatriz, a direita, e seu parente, a esquerda. Os dois criados semi-humanos deram um cálice a cada um e verteram, ali, algo escuro e espumoso.

Depois de beberem, ambos atiraram os cálices para trás e os criados os aparam com a maior destreza.

Tal ficou esperando, ainda ajoelhado. Finalmente, voltou a oferecer luz. Pretendia oferecer um brilho laranja, adequado à sua condição mas, sabe-se lá como, a pedra emitiu luz violeta.

Aquilo chamou a atenção da Imperatriz.

— Oh! É ele! — choramingou ela. — É ele!

— Não é, não, lide — disse o outro Escolhido. — Deixe de ser boba. Quem é você, menino? Você me parece familiar. É o filho de Gronnius?

— Sou Tal Graile-Rerem — declarou Tal. — Trago notícias importantes para Sua Alteza Imperial.

— Nunca ouvi falar de você — disse o homem. — O que está fazendo aqui com notícias importantes? Transmita-as a Sushin. Estamos ocupados. Temos de terminar uma série de partidas de Criaferas. Uma melhor de cem.

— É isso mesmo, vá embora — decretou a Imperatriz. Pelo menos, Tal jurava que era a Imperatriz. Só a tinha visto de longe, antes, em eventos importantes, e ela usava os trajes de gala completos. Mas achava que Ebbitt tinha dito que ela se chamava Kathilde, e o homem acabara de chamá-la lide. — Hã... a senhora é Sua Alteza Imperial? — indagou ele, hesitante.

— Claro que sou... isto é, somos — replicou a anciã. — Por que persiste nessa dúvida... nessa traição... nesse arzinho crítico de descrédito?

— Não estou duvidando, Alteza — garantiu Tal bem rapidamente. — Só que nunca estive tão perto da senhora antes, e seu... hã... esplendor é ofuscante.

— Bem, lá isso é verdade — admitiu a Imperatriz. — Você é um menino bem-educado. Mas não me lembro de ter ouvido o nome de seus pais entre nossas personalidades da Ordem Violeta. Talvez tenham ascendido recentemente? Temos estado tão ocupados que temos ficado um pouquinho desatualizados de quando em quando.

Tal fitou a Pedra-do-Sol em seu dedo, que brilhava e vibrava em violeta. Obviamente, a Imperatriz estava pensando que ele pertencia à Ordem Violeta, filho de um Senhor-das-Sombras e sua esposa. Era hora de mudar de assunto.

— Alteza, trago notícias graves — repetiu Tal. — Há um complô das sombras de Aenir contra os Escolhidos. Algumas das Grandes Pedras foram violadas, e o Véu está ameaçado. Todo o nosso mundo está em perigo.

A Imperatriz sorriu e sacudiu o dedo na direção de Tal.

— Ora, ora. Se você quer representar um teatrinho de fantoches de luz, deve, antes, recorrer ao nosso Vizir da Luz.

— E eu vou logo dizendo que essa sua história parece bem idiota, não é nenhuma novidade e, seja como for, preferimos jogar Criaferas a ficar assistindo um rapazinho incompetente se atrapalhar todo com fantoches de luz — disse o homem.

— O senhor é o Vizir da Luz? — perguntou Tal. Sentia o peito apertado por um sentimento terrível. Ambos eram tão velhos, e pareciam não estar lhe dando a menor atenção.

— Uthern Lalis-Offin, Vizir da Luz... dela — respondeu o homem. Fez um gesto vago com a mão e sua Pedra-do-Sol emitiu um leve clarão violeta.

Ele se inclinou para a frente e por um triz não caiu da cadeira. Os dois criados peludos chegaram bem a tempo de segurá-lo.

— Cá entre nós, meu rapaz — sussurrou ele —, eu sou o mais velho. Eu é que devia ter me tornado Imperador depois que nos livramos de Mercur. Mas ela era mais cotada entre os Violeta

e os Anil.

Tal franziu o nariz quando Uthern se inclinou para trás. Aquilo não era apenas velhice. O Vizir da Luz estava bêbado e, pelo jeito, a Imperatriz também.

— Não estou inventando — insistiu Tal. — Estou dizendo a verdade. Sushin está mancomunado com os aeniranos e eles estão violando as Grandes Pedras!

Ao ouvir o nome de Sushin, a Imperatriz e o Vizir da Luz se entreolharam como crianças diante do olhar severo do professor.

— Não é problema nosso — declarou a Imperatriz. — Só os deveres cerimoniais. Tudo muito claro. Há muito tempo. Pode ir.

— Mas vocês precisam me ouvir — disse Tal, em tom premente. De um salto, pôs-se diante da Imperatriz. — A senhora precisa fazer alguma coisa! Meu pai está aprisionado na Grande Pedra Laranja! Lokar está aprisionada na Grande Pedra Vermelha. Veja!

Desfez o nó de sua camisa e tirou a Grande Pedra Vermelha. Ela brilhou luminosa quando ele a ergueu, e tanto a Imperatriz quanto Uthern choramingaram e tentaram proteger os olhos.

— Não queremos isso! — gritou a Imperatriz.

Tal ficou olhando para aqueles dois, encolhidos em suas cadeiras. Não podia acreditar que eles eram as mais altas e poderosas autoridades entre os Escolhidos, o pináculo da sociedade do Castelo. O que estava errado com eles?

— Olhem para a pedra — suplicou ele. — A senhora precisa usar a Grande Pedra Violeta para libertar Lokar! Tem de fazê-lo!

— Ela não está comigo — choramingou a Imperatriz. — Principio da dúvida.

Tal baixou a Grande Pedra e recuou.

— O que é que a senhora quer dizer com “ela não está comigo”? — sussurrou ele. — Vim de tão longe... atravessei tantos...

— Ela nunca a teve — disse Uthern, lançando um olhar vingativo para a irmã. — Mercur tinha muito chão pela frente até conseguir escapar: todo o caminho que vai dar nos níveis do Povo Inferior. Ele levou tudo consigo. A Grande Pedra Violeta, a Garra de Ramellan, o conhecimento secreto. Mas eu consegui acertá-lo enquanto fugia.

O ancião ergueu um braço esquelético e imitou o gesto de lançar um jorro de luz.

— Nunca a tive — repetiu a Imperatriz. — Ninguém pode ficar sabendo. Tínhamos combinado, Uthern. Mas você contou para a sombra.

— Não contei, não — disse Uthern, entre dentes. — Quem contou foi você. Você.

— Que sombra? — perguntou Tal rapidamente. — O que a senhora contou para a sombra?

— Sharrakor, Sharrakor, Sharrakor — cantarolou a imperatriz. — Como gostaria que ele nunca tivesse atravessado nosso caminho.

— Sharrakor? — perguntou Tal. — Seu Espírito-Sombra?

A Imperatriz e Uthern começaram a rir, uma risadinha enlouquecida que fez os cabelos da nuca de Tal se arrepiarem.

— Meu não — cacarejou a Imperatriz. Fez um gesto, designando os dois criados peludos que estavam atrás deles. — Esses são nossos Espíritos-Sombra. Ninguém para nos proteger no

Castelo. Nenhum Espírito-Sombra leal para assegurar nossa sobrevivência. Sharrakor é dono de seu próprio nariz.

Horrorizado, Tal olhou para aqueles pequenos humanóides negros. Afora o fato de, como Espíritos-Sombra conquistados, eles deverem estar protegendo os corpos dos dois Escolhidos lá no Castelo, era evidente que eram completamente inofensivos e absolutamente inadequados para serem os Espíritos-Sombra de qualquer Escolhido da Ordem Violeta, quanto mais da Imperatriz e do Vizir da Luz.

E, no entanto, todos pensavam que Sharrakor era um Espírito-Sombra conquistado, e verdadeiro servo da Imperatriz Sharrakor, que era considerado o mais poderoso de todos os Espíritos-Sombra.

— E Sushin? — indagou Tal. — O que ele é?

— Jogoete-de-Sombra — disse Uthern. Ele tinha parado de rir, e agora estava chorando, com as lágrimas escorrendo pelo rosto velho e enrugado. — Jogoete-de-Sombra de Sharrakor.

— Vocês nos traíram — disse Tal. Não podia acreditar naquilo. Eles tinham estragado tudo. Era por culpa deles que seu pai estava aprisionado na Grande Pedra Laranja. Em última análise, eram eles os responsáveis pelos desaparecimentos e pelas mortes. O Poço e a perversão da Câmara dos Pesadelos. — Vocês nos traíram a todos, e nos entregaram às sombras.

— Não — disse Kalhilde. — Sou a Imperatriz dos Escolhidos. Sou a figura máxima!

— Não — disse Uthern, mas sua voz tremia, e as lágrimas continuavam a rolar. — Sou o Vizir da Luz. Nada vai mudar. Os Escolhidos vão continuar como estão. O Castelo vai permanecer. O Véu vai resistir.

— Não vai, não! — gritou Tal. Ele próprio estava quase soluçando, mas de raiva, e não de tristeza. — Eu devia matá-los a ambos! É o que os Homens-do-Gelo fariam com os traidores!

Recuou ainda mais e ergueu sua Pedra-do-Sol. Ela brilhou com luz violeta. Tal a alimentou com a raiva que sentia e a luz violeta foi se intensificando. O menino não sabia muito bem o que ia fazer, ou que encantamento ia invocar. Apenas deixou que sua raiva, sua frustração e seu medo penetrassem na pedra.

Relâmpagos violeta brotaram da Pedra-do-Sol, estalando e faiscando. Depois de disparados, formaram uma barreira de raios violeta que ficou girando em redor de Tal. O menino tentou fazer com que parassem de girar e acertassem os dois Escolhidos, mas eles não se deixavam conduzir. E foram ficando cada vez mais altos até formar uma verdadeira tempestade de relâmpagos violeta que ficou rodopiando e brilhando sobre a cabeça de Tal.

A Imperatriz e o Vizir da Luz estavam pálidos, fitando aquilo. Caíram, então, das cadeiras, e prostraram-se aos pés de Tal, soluçando e agarrando-lhe os tornozelos.

— Poupe-nos! Poupe-nos, Mercur, Ramellan, seja lá quem você for!

Tal ficou olhando para aqueles dois Escolhidos e, depois, ergueu os olhos para aquela luz violeta que crepitava sobre sua própria cabeça. Ela tinha assumido uma forma que ele conhecia bem. A Coroa Dentada de Relâmpagos, usada pela Imperatriz no Dia da Ascensão e no Dia do Retorno às Trevas.

Por que essa estranha réplica de luz estaria pairando sobre a sua cabeça?

— Sinto muito, Alteza — soluçou Uthern. — Ela me obrigou a fazer isso!

A Imperatriz sibilou e arranhou Uthern. Num segundo, os dois estavam rolando pelo chão, trocando socos e tapas bem fraquinhos, mais parecendo filhotes de animais que gente.

Tal se inclinou para separá-los. Eles eram tão magros e leves que o menino poderia ter apanhado um com cada mão. Fez com que voltassem a sentar nas cadeiras e os criados apressaram-se em ajeitar-lhes as roupas e os cabelos.

— Por que o senhor me chamou de “Alteza”? — perguntou Tal. Toda a sua raiva tinha desaparecido, embora a coroa de luz violeta continuasse ali. Agora, sentia-se frio e duro. Sem raiva. Ou piedade.

— Você está empunhando a Grande Pedra Violeta — sussurraram os irmãos em uníssono. — Você é Ramellan, que voltou para nos punir?

Tal olhou para a pedra em seu dedo que, agora, mostrava-se em toda a sua gloriosa luz violeta. Lembrou do esqueleto no túnel do sistema de aquecimento. Com certeza, era o falecido Imperador Mercur, que não conseguira escapar aos traidores que o haviam deposto.

Lembrou também de Ebbitt dividindo a pedra ao meio. Aquilo que estava usando era apenas a metade da Grande Pedra Violeta. A outra metade estava, provavelmente, no topo do mastro do navio do Clã dos Caçadores. Ou perdida no Gelo, juntamente com Milla, pensou ele com o coração apertado.

Mas mesmo a metade da Grande Pedra Violeta devia ser o bastante para libertar Lokar e seu pai. E também para lacrar as Grandes Pedras e salvar o Vêu. E ainda para reunir os Escolhidos, conseguindo que se voltassem contra Sushin e Sharrakor.

Entretanto, só se Tal tivesse coragem e força para usar a Grande Pedra de forma adequada. Agora, não havia realmente ninguém a quem ele pudesse recorrer. Tudo estava por sua conta. Tinha de tomar as decisões acertadas, e começar agora mesmo.

Tal se sentiu como quando decidiu escalar a Torre Vermelha, numa época que parecia muito distante. Estava de novo numa situação limite, aquele momento paralisante antes de fazer alguma coisa que não podia deixar de ser feita.

Sentia que cada músculo de seu corpo estava tenso, como se todo ele fosse uma mola sendo comprimida ao máximo. O que aconteceria quando a pressão fosse liberada?

Tal fitou os dois velhos, encolhidos. O que devia fazer com eles? Qual deveria ser seu próximo passo? Compreendeu que não devia matá-los. Ele podia não ser mais um Escolhido, mas também não era um Homem-do-Gelo.

Foi impedido de tomar qualquer decisão por um grito de Adras, que tinha ido tomar água de um lago ornamental que ficava bem próximo.

Tal se virou para ver qual era o problema. Tão logo fez isso, Kathilde e Uthern deram um salto para a frente, pegando punhais de cristal que estavam no braço das cadeiras.

— Morra! — gritaram ambos.

Tal girou o corpo para trás mas foi lento demais para fazer qualquer outra coisa. Os punhais luziram, e foram atingidos por raios de luz violeta saídos da coroa que estava acima da cabeça do menino. O cristal virou pó e, então, mais raios foram disparados, atingindo a Imperatriz e o Vizir da Luz bem no coração!

Tal recuou, cambaleando, e foi seguro por Adras enquanto os relâmpagos violeta saltavam por sobre Kathilde e Uthern para atingir também seus criados. Houve uma tremenda explosão, um estrondo mais alto que qualquer trovão de Adras, e as folhas de cristal foram varridas do caramanchão.

Tal e Adras foram atirados ao chão. Através das pálpebras semicerradas, Tal viu Kathilde e Uthern serem atingidos diversas vezes por raios de luz violeta. Estes dançavam sobre ambos, atingindo cada parte de seus corpos com clarões ofuscantes e estrondos ensurdecedores. As Pedras-do-Sol das roupas dos dois Escolhidos absorveram alguns dos relâmpagos e, por uns poucos segundos, eles continuaram a lutar, tentando escapar. Mas, afinal, a última Pedra-do-Sol virou pó e a Imperatriz Kathilde e seu Vizir da Luz ficaram ali inertes.

A coroa violeta que estava acima da cabeça de Tal deslizou até eles e as tiras de luz foram se ajeitando, até assumir uma forma vagamente humana. Aquilo ficou pairando sobre os Escolhidos mortos, erguendo os braços em triunfo e, depois, desapareceu numa cascata de centelhas violeta.

— Foi você que fez isso? — perguntou Adras. — Adorei os relâmpagos.

— Não — disse Tal, exausto. — Acho que era a maldição mortal do Imperador Mercur. Eu apenas a libertei.

Levantou-se e limpou a poeira do corpo. Não foi até lá olhar os cadáveres. Não tinha sobrado muita coisa e o chão, ao redor deles, ainda estava fumegando.

— Por que você estava tão aflito, ainda agora? — perguntou Tal.

— Hã? — indagou Adras, que estava observando uns pontos chamuscados num mastro próximo. — Ah, sim. Um navio.

Apontou uma direção. Tal olhou para lá. De fato, um grande navio estava se aproximando da ilha. Estava todo iluminado por Pedras-do-Sol e lotado de membros da Guarda Imperial e outros Escolhidos. Uma figura roliça, bem familiar, estava de pé na proa.

— Sushin — gemeu Tal. Neste exato momento não era hora de enfrentá-lo, nem de tentar persuadir os Escolhidos. Não com a Imperatriz e o Vizir da Luz mortos, a seus pés.

— Espero que você não tenha absorvido água demais, e possa voar — disse Tal.

— Por quê?

— Porque temos de voar, é claro! — gritou Tal.

— Não precisa gritar — reclamou Adras. — Aonde vamos?

Tal abanou a cabeça. Estava se sentindo terrivelmente cansado novamente.

— Não sei. Temos de sair daqui antes que o navio aporte.

— Tarde demais — disse Adras. — Ele acaba de encostar.

— Não dá para entender — disse Tal. Nem se preocupou em olhar para lá. — Ele estava a

centenas de trechos daqui.

— Não — explicou Adras, com toda paciência. — O outro navio. O que eu não tinha visto antes.

Tal se virou para ver. Um outro navio, repleto de guardas, tinha ancorado na praia do lado ocidental. Os primeiros Escolhidos estavam saltando da proa. Viram o menino e ouviu-se um grito furioso.

O cansaço de Tal desapareceu. Virou-se para correr, puxando Adras pela mão.

— Venha — gritou ele, erguendo ambos os braços. — Decolagem imediata!

— Estou enjoado — declarou Adras. Mesmo assim, ergueu-se do chão e agarrou os braços de Tal, voando com ele para o céu. Mas bem baixinho. Tal foi arrastando no chão e só escapou de ser cortado em pedaços porque duas criaturas floridas se afastaram para deixá-lo passar.

— Mais alto! — berrou Tal. Por um instante, seus pés se apoiaram nos ombros de uma estátua dourada. Ele tomou impulso e, com isso, ganharam um pouco mais de altitude. Mas, logo depois, voltaram a baixar quando Adras gemeu e despencou.

Já estavam quase no lago, do outro lado da ilha, quando Adras finalmente conseguiu sair voando de maneira adequada. Rumavam para a cratera, atentos a todos aqueles Escolhidos e suas Pedras-do-Sol que tinham ficado para trás. Tal soltou um suspiro de alívio. Logo, logo, porém, o alívio virou pânico quando ele se deu conta de algo realmente terrível.

Tinha deixado cair a Grande Pedra Vermelha, quando foram derrubados, lá no pátio.

— Vamos subir bem alto — disse Tal, com amargura. — E aí, você pode me deixar cair.

— Alto quanto? — perguntou Adras.

— O bastante — resmungou Tal. Como podia ter sido tão burro? Estava tomando tanto cuidado para não perder a Grande Pedra Vermelha. Aquela Matriarca do Povo do Gelo estava certa quando profetizou: “Pedras-do-Sol caem de você, mas nas mãos dos outros”.

— Hum... Tal... por que tenho de deixar você cair? — indagou Adras.

— Não tem, não — respondeu Tal secamente. — Só estou furioso comigo mesmo. Não estou mandando você me soltar de verdade. Não tem uma nuvem ali? Vamos até lá por um instante.

— Claro — disse Adras. Havia uma nuvem alongada pairando sobre a cratera. — Por que está com raiva de você mesmo?

Tal engoliu uma resposta ríspida. Não tinha cabimento descontar em Adras.

— Deixei cair a Grande Pedra Vermelha — disse ele, soturno. — Praticamente matei Lokar como todas aquelas outras pessoas.

— A Grande Pedra Vermelha? — perguntou Adras. — É aquela Pedra-do-Sol vermelha?

Tal respirou fundo, bem lentamente.

— É, sim. É aquela Pedra-do-Sol vermelha.

— Ah, eu a apanhei — disse Adras. — Achei que você ia querer ficar com ela.

— Você a apanhou? — repetiu Tal. Levantou os olhos para o Pastor de Tempestades que sorria. — Onde ela está?

— Pus no bolso.

— No bolso? Mas você não tem bolso... ou tem?

— Quando quero ter um bolso, tenho — respondeu Adras todo prosa. — Olhe só!

Ele soltou um dos braços de Tal, que ficou pendurado, balançando loucamente. Mas o menino não se apavorou. Apenas agarrou-se um pouco mais firmemente.

Adras levou a mão à região do estômago e dois grandes dedos fofos apanharam uma pequena Pedra-do-Sol de um vermelho luminoso. E já estava estendendo a pedra a Tal.

— Não, fique com ela por enquanto — disse Tal prontamente. — Você conquistou o direito de cuidar dela.

Só não acrescentou que a última coisa que queria agora, enquanto balançava debaixo de um Pastor de Tempestades a milhares de trechos de altura, era pegar uma Pedra-do-Sol insubstituível, que estava segura por dois dedos de nuvem de tamanho avantajado, e tentar prendê-la a sua camisa.

Quando chegaram à nuvem, Tal mandou que Adras ficasse um pouquinho abaixo dela para que pudessem ver o que estava acontecendo lá embaixo. Havia muita atividade, não apenas na ilha da Imperatriz, mas em todo o Território dos Escolhidos. Pedras-do-Sol brilhavam por todo lado, nas casas, nas passarelas e nas pontes. Era uma visão bem colorida, quando se estava protegido pela distância.

Se a morte da Imperatriz deveria necessariamente causar grande comoção. Tal não podia entender por que todos estavam correndo de um lado para outro. Havia até mesmo alguns Escolhidos saindo do túnel que atravessava o paredão da cratera.

Tal e Adras ficaram algum tempo com a nuvem. O sol já tinha surgido e os últimos vestígios da escuridão da noite estavam desaparecendo da cratera lá embaixo, quando Tal finalmente entendeu o que estava acontecendo.

— Estão voltando — disse ele, não podendo acreditar no que via. — Os Escolhidos estão voltando para o Castelo. Mas ainda faltam meses para o Dia do Retorno às Trevas!

Nem mesmo a morte da Imperatriz provocaria uma volta ao Castelo. Aquilo era inusitado. Entre o Dia da Ascensão e o Dia do Retorno às Trevas, todos os Escolhidos ficavam em Aenir. E pronto. Mas era aquilo mesmo que estava acontecendo. As Ordens estavam se reunindo em suas respectivas áreas. Tal podia ver as diversas cores em suas Pedras-do-Sol, enquanto eles se agrupavam ao longo das principais pontes. Lá estavam os indivíduos de sua Ordem, a Laranja, na Ponte Oeste. Estavam todos lá.

Tal ficou olhando para baixo. Adoraria ter um telescópio. Havia várias macas entre os Escolhidos da Ordem Laranja, para os doentes e os inválidos. Sua mãe devia estar deitada numa delas. Tinha de estar. Ele se recusava a considerar a hipótese de que ela pudesse já estar morta.

Todo um grupo de Escolhidos, das fileiras mais externas da Ordem Laranja, desapareceu de repente, deixando atrás de si uma imagem residual prismática. Tal ficou atônito. Aquilo era ainda mais estranho que o fato de os Escolhidos estarem voltando para o Castelo. Havia uma seqüência determinada para essa volta. Primeiro, os indivíduos da Ordem Vermelha, dos níveis mais baixos até os mais elevados e, depois, a mesma coisa para todas as outras cores.

Um grupo de Escolhidos da Ordem Azul brilhou, subitamente, e também desapareceu. Depois, um casal da Ordem Anil e um punhado de indivíduos da Amarela.

— Vamos baixar um pouco — disse Tal. — Preciso ver isso.

Desceram, mas ninguém olhou para cima. Todos estavam concentrados demais na operação de retorno ao Castelo.

Tal ficou olhando e viu que as passagens estavam se tornando cada vez mais confusas. As pessoas pareciam estar partindo tão logo estivessem prontas. Mas várias crianças e Escolhidos doentes estavam sendo mandados de volta mesmo sem estarem prontos. Tal viu um menininho que saiu correndo de perto da mãe e foi apanhado por uma espiral caleidoscópica que indicava que a passagem tinha sido realizada.

Tal custou um pouco a perceber que o que estava vendo era pânico. Os Escolhidos estavam desesperados para voltar ao Castelo e ao Mundo das Trevas. Mas por quê? Será que os Espíritos-Sombra já tinham começado a revolta? E, por certo, também aconteceria um ataque aqui, em Aenir?

Tal sabia que o que quer que estivesse acontecendo representava uma oportunidade para ele.

Ficou olhando para aqueles grupos de Escolhidos que se reduziam cada vez mais. Se aqui estava esse caos, com todos fazendo a passagem de volta, as coisas deveriam estar ainda piores no Castelo.

Era hora de voltar e dar o antídoto contra veneno das aranhas-d'água para sua mãe. Se não o tivesse perdido. Tal apalpou o outro nó em sua camisa, aquele que não havia desfeito em momento algum. Dois frascos do precioso antídoto estavam ali. Se não tivessem se estragado

com a passagem para Aenir e, depois, a volta para o Castelo, eles poderiam tirar Graile do coma e curá-la.

— Voe para o paredão da cratera — disse Tal. — Vamos voltar para casa.

— Estamos em casa — disse Adras.

— Para o Mundo das Trevas — disse Tal. — Você vai voltar a ser um Espírito-Sombra.

— Hhhuumm! — fez Adras, bufando. Mas tomou a direção do paredão.

Para casa, pensou Tal. Onde ficava sua casa agora? Quase tudo o que ele achava que fosse verdade sobre os Escolhidos e o Castelo não passava de mentira. A Imperatriz provara ser uma usurpadora e covarde, bem como o seu Vizir da Luz. O Vizir das Trevas era um fantoche de uma sombra.

E lá no Castelo, como uma mancha escura em sua vida, havia a lembrança de seus fracassos, o acidente que provocara, e as mortes pelas quais era responsável.

Reparação, pensou Tal, desolado. Esta era a única saída. Precisava reparar o que tinha feito. Precisava libertar Lokar e seu pai, e também os outros Guardiões aprisionados nas Grandes Pedras. Precisava derrotar Sushin e Sharrakor, e salvar o Véu. Não apenas por seu povo, mas também pelos Homens-do-Gelo. Devia isso a Milla, e muito mais.

Estava tudo em suas mãos.

— Voe para aquela saliência — disse ele, apontando para o local. — Vamos fazer a passagem ali.

A Assembléia dos Mineiros era uma vasta caverna natural que, há muitos anos, havia sido adaptada para virar um esplêndido auditório. Seu piso, em declive, tinha sido transformado em amplos patamares e a rocha projetada que havia em sua extremidade sul fora esculpida para tornar-se um púlpito imponente.

Em seus tempos áureos, durante a construção do Castelo, aquele auditório reunia regularmente vinte ou trinta mil pessoas. Mas isso fora numa época bem remota e, agora, boa parte do vasto salão ficava às escuras, pois as Pedras-do-Sol instaladas no teto altíssimo já tinham se extinguido.

O Povo Inferior usava parte de um dos patamares para estocar garrafas de pedra contendo óleo mas, a não ser por isso, o aposento estava abandonado.

A Assembléia era um ponto de encontro ideal para Milla e seus Homens-do-Gelo. Tinha várias entradas e saídas, entre as quais destacava-se um amplo corredor que levava diretamente ao Ascenso Luminoso, uma das maiores escadarias do Castelo, que ia desde os níveis mais baixos do Povo Inferior até o início dos domínios da Ordem Violeta.

A estranha tropa de Milla — que incluía uma Matriarca, Espíritos-Sombra, Bennem mentalmente lesado, o corpo de Jarnil cujo espírito tinha partido, Ebbitt adormecido e o Corvo ferido — conseguira chegar até ali sem qualquer dificuldade. Tinham encontrado alguns membros do Povo Inferior pelo caminho, mas estes saíam em disparada ao verem os Espíritos-Sombra.

Afora isso, os níveis inferiores do Castelo estavam vazios. Não viram nenhum outro Espírito-Sombra e não havia qualquer sinal de alarme geral. Ninguém tentou fechar as várias portas e portões que, provavelmente, não se moviam há séculos ou, pelo menos, há décadas.

Malen instalou seus pacientes perto do púlpito, da maneira mais confortável possível, enquanto Milla e Odris examinavam os patamares do salão. Depois de verificar que não havia qualquer armadilha ali, e que seria fácil tanto atacar quanto bater em retirada a partir daquele aposento, Milla veio se juntar aos outros para esperar a chegada de seus primeiros guerreiros e falar com as Matriarcas através de Malen.

Na verdade, não foi uma longa espera — menos de oito horas dos Escolhidos —, mas pareceu uma eternidade. Milla estava plenamente consciente de que os Escolhidos, alertados por Jarnil, podiam regressar a qualquer momento. Ou que os Espíritos-Sombra independentes, que já estavam no Castelo, podiam decidir atacar tanto os Escolhidos quanto o seu minúsculo bando. O que a intrigava era saber como os Espíritos-Sombra conquistados reagiriam quando se defrontassem com seus confrades. Será que o seu vínculo iria forçá-los a lutar? Afinal, os Escolhidos usavam uma variante da Prece de Asteyr que, pelo que Milla sabia, não podia ser infringida.

Provavelmente, os Espíritos-Sombra independentes não atacariam até que o Véu tivesse sido destruído. Precisariam trazer um grande exército de Aenir para derrotar tanto os Escolhidos quanto seus Espíritos-Sombra conquistados. E não poderiam fazer isso até que o Véu tivesse sido destruído e a luz os fortalecesse.

Restava saber até que ponto o Véu já estava danificado. Milla adoraria que o Corvo estivesse consciente para poder lhe perguntar o que ele ficara sabendo lá na Torre Vermelha. Sabia que

ele e Tal tinham conseguido pegar a Grande Pedra mas era só.

Um leve ruído alertou Milla: havia movimento perto de uma das entradas mais próximas. Ela se agachou, faca e Garra em punho. Odris veio deslizando para o chão, à sua direita, e se empinou.

Um habitante do Gelo veio entrando furtivamente. Era uma Donzela Guerreira. Viu Milla e fez-lhe o sinal da boa caçada: dois dedos esticados para baixo e afastados para os lados. Milla respondeu ao gesto.

A Donzela Guerreira desapareceu novamente no vão da porta. Um momento mais tarde, estava de volta. Logo depois, surgiu uma Guerreira Mãe seguida por uma multidão de Donzelas Guerreiras e Caçadores. A Guerreira Mãe fez uma rápida saudação, batendo os punhos cerrados para Milla e, então, virou-se para mandar que seus seguidores se espalhassem pelo salão, dando um tapinha em cada um que entrava e indicando-lhes diferentes direções.

Todos os Homens-do-Gelo estavam trazendo algas-de-ar enroladas em suas mochilas, para o caso de terem de bater em retirada através do sistema de aquecimento. Milla gostou de ver aquela precaução.

Não paravam de chegar Homens-do-Gelo. Vieram mais quatro Guerreiras Mães e todas bateram os punhos cerrados para Milla, antes de irem se juntar à primeira Guerreira Mãe para, depois de trocarem algumas palavras, mandarem que suas Donzelas ou seus Caçadores fossem se unir aos diversos grupos.

Milla ficou ali, esperando pacientemente. Era sempre assim que as caçadas aconteciam. Só quando todos estivessem em seus lugares, os líderes dos grupos se dirigiam àquele que os comandava a todos.

Mas ficou surpreendida ao ver quem entrou a seguir. Era um Homem-do-Gelo gigantesco, com torso e braços nus, e que teve de baixar a cabeça para atravessar o vão da porta. Seus pés e toda a sua pele, à exceção de um pequeno círculo em torno do nariz, da boca e dos olhos, estavam tingidos de um azul profundo e intenso. Usava apenas calças, e estava descalço. As calças eram feitas com a pele escamosa e cintilante de Norrverme, um animal raro e extremamente perigoso. Presa ao pulso, ele trazia uma pesada corrente de metal dourado, cujos elos eram do tamanho da mão de Milla.

Um único homem caminhou descalço pelo Gelo e sobreviveu para continuar andando. Aquele só podia ser o famoso Cavaleiro da Espada Jarek Nadensangue. Não apenas tinha matado dois Norrvermes, mas também teve de nadar no sangue das criaturas durante três jornadas, até conseguir sair da caverna onde as feras haviam morrido. O sangue modificou sua pele para sempre, tornando-a muito forte e resistente ao frio e ao fogo.

Jarekera um Xucro. Aquela corrente era sua arma.

A seu lado, estava uma mulher miúda que, à primeira vista, parecia uma Donzela Guerreira comum. Milla percebeu, porém, que ela usava as peles de um modo estranho, tinha seis facas de formatos variados presas ao cinto e suas botas de cano curto eram feitas de couro de Norrverme.

Milla também a conhecia, pois sua lenda se fundiu à de Jarek. Aquela era Kirr, uma Donzela Guerreira que obteve permissão para sair vagando com o Cavaleiro da Espada. Era a companheira de Jarek, a única pessoa capaz de controlar, ao menos em parte, seus acessos enfurecidos. Ele nunca lhe fazia mal algum, e ela conseguia amainar sua fúria. Como as Matriarcas consideravam que esta era uma função importante, Kirr nunca havia sido convocada para se juntar a um pelotão qualquer.

Jarek e Kirr viram Milla e bateram os punhos cerrados antes de irem examinar uma outra entrada. Milla foi apanhada olhando fixo para eles. Até demorou a bater os próprios punhos respondendo à saudação de ambos. Lá na montanha, tinha visto alguns outros Cavaleiros da Espada, menos famosos, mas não imaginara que Jarek e Kirr tinham vindo se juntar ao grupo.

Entraram mais algumas Donzelas Guerreiras e, então, chegaram dois membros da Resistência, Gill e Ferek. Eles se encaminharam na direção de Milla mas hesitaram, sem saber se deviam se aproximar, pois as Guerreiras Mães não tinham feito isso.

Milla acenou para eles.

— Não se preocupem — disse ela. — As Guerreiras Mães estão apenas formando os diversos grupos. Onde estão Clovil e Tinty?

— Foram mostrar a alguns indivíduos do seu povo onde fica o lago das algas-de-ar — informou Gill. Mas não tirava os olhos de todos os Homens-do-Gelo que estavam chegando, visivelmente entusiasmada com toda aquela atividade. — Depois, vão tentar convencer alguns dos Resignados que, enfim, chegou a hora de nos tornarmos livres!

— Ótimo — disse Milla. — Fico feliz que vocês tenham voltado porque queria lhes pedir para serem nossos guias. Vamos precisar de vocês, e de todos os indivíduos de seu povo que puderem reunir, para nos mostrar como se chega às diversas partes do Castelo. Especialmente aos níveis dos Escolhidos.

— Claro! — exclamou Gill. — Meus pais foram Limpa-mesas nos Salões Vermelho, Laranja e Amarelo. Conheça esses níveis bastante bem.

Ferek se mantinha calado. Milla o viu engolir em seco e percebeu seus tiques nervosos.

— Se bem que vamos precisar também de alguém por aqui — acrescentou ela, prontamente. — Este lugar vai ser nosso navio-base, para as Matriarcas e para os feridos. Vamos precisar de um de vocês aqui, alguém que conheça esses níveis inferiores. É uma tarefa importante. Talvez, Ferek, você possa ficar aqui e fazer isso?

Há algum tempo atrás, Milla prezava a coragem acima de tudo. Mas, depois, estivera na Câmara dos Pesadelos, e descobrira o que aquele lugar podia fazer com uma criança que não soubesse chamar as Matriarcas para salvá-la dos sonhos ruins. Ferek era uma criança assim.

— Claro, claro — disse Ferek parecendo aliviado.

— Ótimo — respondeu Milla. Viu as Guerreiras Mães se aproximarem umas das outras. Agora, havia vinte delas, o que significava vinte destacamentos de Donzelas Guerreiras, duzentas e quarenta ao todo. E talvez mais uns duzentos Caçadores, além de Jarek e Kirr. — Talvez vocês deveriam ir ver como está o Corvo.

Afastou-se deles, dirigindo-se até onde estavam as Guerreiras Mães. Este seria o primeiro teste real de seu comando. Estavam, agora, em território inimigo e o grosso de seu exército ainda estava a caminho. Será que as Guerreiras Mães lhe obedeceriam?

Pelo canto do olho, Milla viu Malen sair do lado do Corvo e vir correndo. A Matriarca não ia deixar que Milla falasse com as Guerreiras Mães sozinha.

— Eu as saúdo, Guerreiras Mães — exclamou Milla, apressando-se em transpor o espaço que as separava. Pelo menos, teria trocado algumas palavras com elas antes que Malen chegasse.

— Capitã-Mor — foi a resposta. E Milla percebeu que algumas Guerreiras Mães tinham dito seu título com mais facilidade que outras.

— Venham — disse ela. — Vamos fazer um conselho de guerra. Ah, aí está a Matriarca Malen. Vou pedir a ela que se junte a nós.

Como Malen estava apenas a uns poucos trechos de distância e, obviamente, não ia ser deixada de fora, as Guerreiras Mães ficaram sabendo que aquilo significava que Milla não ia esperar pelas Matriarcas para lhes dizer o que fazer. Algumas fizeram um leve gesto de cabeça, em sinal de aprovação, mas outras tantas franziram ligeiramente as sobrancelhas, de um modo abertamente indelicado.

Elas não iam facilitar as coisas para Milla.

As Guerreiras Mães formaram um semicírculo em torno de Milla. Malen ficou no meio delas, em vez de ficar ao lado de Milla. Mesmo não querendo que a Matriarca tivesse vindo se juntar a ela, a menina se sentiu profundamente só.

Todas ficaram esperando que ela falasse.

Milla correu os olhos pelas Guerreiras Mães. Já tinha visto quase todas elas, e sabia como a maioria se chamava. Mas era tudo. Seus rostos ou seus trajes diziam muito pouco. Todas vestiam aquelas peles leves, usadas dentro dos navios, nas cores do destacamento que comandavam, e uma armadura de couro de Selski. Algumas, ainda por cima, usavam armaduras de concha-espelhada. A maior parte delas trazia espadas e facas de osso de Selski ou de Wreska, tratadas com algas luminosas fornecidas pelas Matriarcas, embora duas delas tivessem espadas de chifre de Merwin bem brilhantes.

Sem as máscaras, ficava bem mais fácil perceber as diferenças entre elas. Tinham idades que variavam de cinco ou seis circuitos mais que Milla até aquelas com muita experiência como Guerreiras Mães, que deviam estar liderando Donzelas Guerreiras no Gelo há trinta ou quarenta circuitos. Para estas, aquela seria provavelmente a última grande expedição antes de partirem, sozinhas, para enfrentar o vento e sentir o ardor do Gelo sobre a pele nua.

Milla sentiu a garganta seca, e não sabia o que dizer. Todas olhavam para ela, esperando. Nunca poderia imaginar que aquilo fosse ser pior que enfrentar um Merwin, ou escapar de um Musgabraço, em Aenir.

Mas não devia demonstrar o medo que sentia. Nem fazer qualquer exercício de Respiração Rovkir, porque todos notariam. Simplesmente, devia falar.

— Os Escolhidos foram avisados de nosso ataque — disse ela, falando depressa demais. — Acho que, neste exato momento, devem estar voltando de Aenir o mais rapidamente possível. Meu plano era atacar antes que eles soubessem que estávamos aqui mas, agora, não podemos mais contar com isso. Acho, então, que devemos tomar esses níveis mais baixos, e defendê-los até que todas as nossas tropas tenham recebido algas-de-ar suficientes para atravessar o sistema de aquecimento. As Guerreiras Mães assentiram. Não diriam nada até que Milla lhes pedisse para falar.

— Vou lhes mostrar onde estamos. Alguém tem um couro e algo para desenhar? — perguntou ela.

Imediatamente, diversos rolos de couro de Wreska lhe foram oferecidos, e uma variedade de coisas com que se podia escrever, desde o simples pedaço de carvão até um finíssimo pincel e um frasco de tinta fosforescente.

Milla esticou o couro e se ajoelhou, fazendo um esboço rápido a carvão. Traçou uma planta bem elementar da área que ficava em torno da Assembléia e, depois, um corte transversal do Castelo, indicando os níveis do Povo Inferior e as escadarias principais que conhecia.

— Chegaremos ao nível mais alto do Povo Inferior por essas escadas e essa rampa, e por quais quer outras que encontrarmos — disse ela, indicando vários pontos diferentes. — Assim, os Escolhidos não terão condições de conseguir comida ou de ter seus criados para servi-los. A maioria dos Escolhidos é indolente, e vai sofrer imensamente com isso. O que vai nos ajudar quando chegar a hora do ataque maciço. Vamos agir rápido para bloquear qualquer escada ou

passagem existente entre o Vermelho Um e o Nível Sete do Povo Inferior.

Uma Guerreira Mãe levantou a mão.

— Fale — disse Milla.

— E quanto ao Povo Inferior? Eles vão resistir?

— Talvez — disse Milla. — Mas não quero que nenhum mal lhes seja feito, a menos que não haja outro jeito. Alguns deles podem tentar ir trabalhar nos níveis dos Escolhidos, mas devemos fazê-los voltar. Haverá membros da Resistência conosco, e eles ajudarão a explicar a situação, enquanto outros vão nos guiar.

Outra Guerreira Mãe levantou a mão. Era uma das mais velhas, com muitas cicatrizes no rosto e nas mãos. Milla assentiu.

— É um plano bem simples, Capitã-Mor, mas, para ter certeza de que memorizei tudo, posso repeti-lo? Tomamos todas as escadas e as rampas existentes entre os Escolhidos e nós, matamos ou capturamos Escolhidos ou Espíritos-Sombra, ficamos de olho nos indivíduos do Povo Inferior mas devemos tratá-los bem, e antes morrer que recuar.

— É isso mesmo — disse Milla. — Temos de ocupar esses níveis, até a chegada do grosso das tropas.

Ergueu-se outra mão.

— Sim?

— Talvez fosse melhor pararmos de falar, Capitã-Mor, e sairmos logo à cata de todas as escadas e rampas, para estarmos prontos antes que o inimigo ataque.

Milla assentiu.

— Este local será o navio do nosso clã. Mandem todas as mensagens para cá. Cuidado com as sombras, pois elas são mais perigosas que os Escolhidos, apesar da sua Magia da Luz. Agora, quem vai para onde?

As Guerreiras Mães aproximaram-se ainda mais umas das outras e começaram a falar rapidamente, às vezes atropelando-se umas às outras. Mas logo tinham decidido que pelotões iriam para que lugares e, assim que algo era decidido, a respectiva Guerreira Mãe se afastava para ir se reunir com suas Donzelas Guerreiras e seus Caçadores.

Finalmente, só restou uma Guerreira Mãe. A mais velha de todas, com muitas cicatrizes. Milla lembrava de seu nome: Saylsen.

— Vou ficar aqui, com o meu pelotão, guardando o navio e a Capitã-Mor — disse Saylsen. Lançou um olhar a Malen, e Milla percebeu o ligeiro gesto de assentimento que fez a Matriarca. Era óbvio que aquilo já estava decidido.

— O que as Matriarcas disseram de nossos planos? — perguntou Milla. Viu que os olhos de Malen tinham ficado enevoados durante quase toda a reunião com as Guerreiras Mães.

— Você é que é a Capitã-Mor — respondeu Malen, numa nítida evasiva. Depois, acrescentou: — O rapaz da Resistência. O Corvo. Ele está consciente. Você não estava querendo falar com ele?

— Claro! — Milla voltou os olhos para o púlpito. Efetivamente, o Corvo estava sentado. Ferek lhe dava de beber. Gill tinha saído um pouco antes, toda orgulhosa, guiando um pelotão de Donzelas Guerreiras.

Milla também viu Jarek e Kirr. Estavam sentados numa saliência, perto do púlpito, jogando uma partida de Faca-Couro-Pedra.

Saylsen percebeu seu olhar.

— Jareke Kirr estão com o meu pelotão. Foram as Matriarcas que pediram.

Guardas, pensou Milla. Ficou imaginando se eles estariam ali para protegê-la, ou para dar proteção a Malen. Afinal, se algo acontecesse à Matriarca, Milla estaria livre para agir como bem entendesse, até que as Matriarcas mandassem uma substituta.

Aquilo a fez pensar em outra coisa.

— Há mais Matriarcas vindo aí? — perguntou ela.

— Não até que a batalha esteja ganha — respondeu Malen. — Batalhas não são lugar para Matriarcas.

— E você? — indagou Milla. Malen molhou os lábios, e pareceu perturbada.

— Como você sabe, as Matriarcas não devem nunca, participar de qualquer luta. Muito se discutiu sobre minha vinda para este lugar onde, a qualquer momento, pode acontecer uma batalha. Quanto aos feridos...

— Os feridos viverão se este for o seu destino — interrompeu Saylsen, dando de ombros. — Se não há Matriarcas, não há Matriarcas. Guerreiros lutam e guerreiros morrem.

— Eu estava falando. Guerreira Mãe — disse Malen.

Saylsen não pareceu lamentar o que havia feito. Lançou um olhar para Milla, como se lhe dissesse: Isso é trabalho nosso, não das Matriarcas.

— Venha comigo, vamos conversar com o Corvo — disse Milla dirigindo-se a Saylsen. — Ele conhece muito bem o Castelo, e é inimigo mortal dos Escolhidos.

A, cores do arco-íris se extinguíram, deixando apenas uma luz violeta constante. Tal piscou os olhos, e sentiu a lápide de pedra do sarcófago acima de seu corpo.

— Adras? — sussurrou ele. Sentiu a fria carne-de-sombra encostando em seu braço enquanto Adras veio escorregando para a lateral do sarcófago.

— Sim?

— Só para saber — sussurrou Tal. — Você está bem?

— Em Aenir é melhor — respondeu Adras. — Não gosto de ser uma sombra.

— Você vai voltar para lá — disse Tal. Falou mecanicamente, mas a frase ressoou em sua cabeça e ele parou para pensar no que acabara de dizer. O que faria com Adras? Agora, estava certo que Milla tinha razão ao dizer que os Escolhidos não deviam ter Espíritos-Sombra. Além de salvar o Véu, precisaria garantir que todos os Espíritos-Sombra dos Escolhidos fossem mandados de volta para Aenir e forçados a permanecer por lá. Todos eles, inclusive Adras.

E o que aconteceria aos Escolhidos quando todos os seus Espíritos-Sombra tivessem ido embora e — como Tal admitia que tinha de acontecer — o Povo Inferior tivesse sido libertado?

O menino abanou a cabeça. Melhor pensar como um Homem-do-Gelo e se preocupar com o Gelo que estava à sua frente, e não com o que ficasse mais atrás ou muito adiante.

— Tem alguma coisa pontuda... e quente... me espetando — queixou-se Adras. — Podemos sair agora?

— Desculpe — disse Tal. Era hora de agir, e não de ficar ali pensando.

Com o auxílio de Adras, ergueu um pouquinho a lápide do sarcófago e espiou pela fresta. O Mausoléu estava em silêncio e nenhuma luz mais forte perturbava o perpétuo crepúsculo do local. Dava para ouvir muitos gritos à distância, mas bem ao longe, e o ruído não parecia estar se aproximando.

Afastou a lápide e saiu do sarcófago. Adras veio flutuando atrás dele. A Grande Pedra Vermelha ficou lá dentro. Tal se esticou para apanhá-la.

— O bolso não funciona quando sou uma sombra — disse Adras, passando a mão na barriga.

Tal sabia que os Espíritos-Sombra tinham dificuldades em lidar com Pedras-do-Sol, embora não tivessem problemas com objetos normais do Mundo das Trevas. Supunha que isto fazia parte do mistério da transformação que sofriam entre os dois mundos, a transformação que os fazia tornarem-se Espíritos-Sombra.

Juntos, repuseram a lápide do sarcófago com a estátua do Espírito-Sombra de seu ocupante, que, há muito tempo, já tinha virado pó. Tal segurou, então, a Grande Pedra Vermelha, com a testa franzida, pensativo.

— Creio que devo libertar Lokar — disse ele, baixando os olhos para a metade da Grande Pedra Violeta que trazia no dedo. — Se é que posso fazer isso.

Adras assentiu, convicto.

— Prisão é ruim. Melhor estar livre, no ar.

— Antes, é melhor encontrarmos um lugar para nos esconder — disse Tal. Continuava

ouvindo aquela gritaria e queria saber o que estava acontecendo. Mas Adras tinha razão. Agora que sabia que podia ser capaz de libertar Lokar, devia fazê-lo o mais depressa possível.

A Antecâmara, onde os artífices do Povo Inferior faziam o grosso do trabalho com as estátuas que decoravam os sarcófagos, estava abandonada, como Tal imaginava. Encontrou um local protegido entre duas colunas de pedra ainda não esculpidas, e se agachou ali para se concentrar na Grande Pedra Vermelha.

Como antes, Lokar apareceu, nadando lentamente. Estava cantando de novo, e seu Espírito-Sombra continuava a saltar.

— Lokar! — chamou Tal. — Lokar!

Ela não lhe deu atenção.

Tal a chamou pelo nome diversas vezes, até que percebeu que, desta vez, Lokar estava muito, muito longe. Desesperado, ergueu sua própria Pedra-do-Sol pondo-a junto da Grande Pedra Vermelha, de forma que pudesse se concentrar em ambas ao mesmo tempo.

Na verdade, não sabia o que estava fazendo, mas concentrou-se na pedra violeta. Algo instintivo lhe disse para tentar fazer um jato de luz violeta que fluiria sobre a Grande Pedra Vermelha e faria recuar a própria luz da pedra.

A luz violeta surgiu e começou a escorrer para a Grande Pedra. Quando se espalhou, Lokar parou subitamente de cantar. Olhou para cima, esticou as mãos na direção de Tal e gritou:

— Alteza! Liberte-me! Liberte-me!

Pela primeira vez, Tal viu o Espírito-Sombra também parar de girar em círculos. Ele ficou imitando os gestos de Lokar, esticando as patas para o céu.

Ambos foram banhados pela luz violeta que formava uma larga faixa no vermelho da pedra. Tal, que continuava sem saber por que fazia aquilo, dirigiu a faixa de luz para trás e para baixo de Lokar. A luz se espalhou a seu redor, e ela mergulhou ali dentro.

Depois, Tal se viu no chão, com alguém deitado sobre seu peito. Conseguiu sair dali, rastejando e, gentilmente, ajudou Lokar a se levantar. Ela o agarrou, soluçando e, depois, virou-se para passar as mãos pela pedra, antes de beijar seu Espírito-Sombra.

Fora da Grande Pedra, ela era mais velha e menor do que Tal supunha. Consideravelmente mais velha que sua mãe, e tendo apenas dois terços de sua altura, Lokar era uma mulher magra, de ossatura miúda, com cabelos grisalhos cortados curto e penetrantes olhos castanhos. Usava os trajes de um Brilho da Ordem Vermelha, mas não tinha nenhuma Pedra-do-Sol. A sua havia sido tomada por Sushin quando ela foi aprisionada dentro da Grande Pedra.

Seu Espírito-Sombra era maior que ela. Era um Saltor. Criatura que, em Aenir, vive em pântanos e regiões alagadas. Tem um corpo triangular e volumoso, dotado de duas possantes patas traseiras que lhe permitem dar saltos impressionantes. As patas dianteiras são menores e têm, na extremidade, garras afiadas. O animal tem ainda uma língua comprida extremamente flexível. Os Saltores aprendem a manejar, com a língua, tanto ferramentas básicas quanto armas. Podem arremessar um pedregulho por várias centenas de trechos, habilidade que provavelmente conservam como Espíritos-Sombra.

Lokar levou um minuto para parar de soluçar e recuperar o autocontrole. Por um momento, apertou as palmas das mãos contra o rosto e, depois, se apurou e olhou para Tal.

— Obrigada — disse. Olhou a seu redor, acrescentando: — Vi luz violeta. Onde está a

Imperatriz?

Tal mordeu o lábio. Em vez de responder, estendeu a mão onde brilhava a sua parte da Grande Pedra Violeta.

Lokar parecia desnorreada mas, lentamente, pôs um joelho por terra. Instintivamente, fez um movimento para lhe oferecer luz, mas lembrou-se que não tinha Pedra-do-Sol.

— Não estou entendendo — disse. — Você é Tal, não é? Como é possível que a Grande Pedra Violeta esteja em seu poder?

— É melhor você ficar de pé, ou sentar nesta pedra — disse Tal. — É uma história um pouco complicada.

O mais rápido que pôde, Tal contou a Lokar tudo o que se passara desde o momento em que caíra da Torre Vermelha. Aquilo parecia ter acontecido há muito tempo. Quando acabou, Lokar ergueu os olhos para o teto e soltou um longo suspiro aflito.

— Então, a Imperatriz está morta — disse ela.

— E Sharrakor é quem manda efetivamente nos Escolhidos, através de Sushin. Mas por que todos voltaram antes do Dia do Retorno às Trevas?

— Acho — disse Tal, com toda cautela — que os Homens-do-Gelo devem estar fazendo algo.

Milla... Milla achava que iam fazer.

Achava difícil pronunciar o nome da Garota-do-Gelo. Aquilo o perturbava.

— O que você vai fazer agora?

— Encontrar minha mãe e dar-lhe o antídoto — disse Tal, decidido. — Depois, vou escalar a Torre Laranja e libertar meu pai da Grande Pedra. Depois, então, vou fazer o que puder para deter Sharrakor e Sushin, e salvar o Véu.

Lokar assentiu. Estendeu, então, a mão.

— Dê-me a Grande Pedra Vermelha. Agora, ela está lacrada novamente. Vou devolvê-la ao seu lugar, na Torre Vermelha, para que ela possa voltar a fornecer energia para o Véu. Mesmo que Sharrakor consiga violar as outras Grandes Pedras, ou tente pôr o Véu abaixo, a partir da Sétima Torre, a Grande Pedra Vermelha continuará a funcionar. Uma única Grande Pedra, sozinha, é capaz de manter o Véu em seu lugar por sete dias. E isso pode ser o suficiente, ganhamos algum tempo para tentar reverter a situação.

Tal lhe entregou a Grande Pedra.

— Mas você ficará sem uma Pedra-do-Sol quando a tiver devolvido ao seu lugar.

— Talvez eu consiga uma pelo caminho — respondeu Lokar. — Mas, mesmo que não consiga, repor a Grande Pedra é o que mais importa.

Ajoelhou-se de novo diante de Tal e ofereceu-lhe luz da Grande Pedra Vermelha, apesar de todas as tentativas do menino para erguê-la do chão.

— Não se ajoelhe diante de mim — protestou Tal. — Eu é que devia me ajoelhar diante de você. Você é a Guardiã da Grande Pedra Vermelha.

— Como Guardiã, posso ver que você não é apenas o detentor da Grande Pedra Violeta, mas o seu verdadeiro Guardiã — disse Lokar. — O que significa que você também é o Imperador dos Escolhidos, queira ou não. Deseje-me luz e sorte, Alteza.

— Luz e sorte — disse Tal, com a voz rouca. Ele era o Imperador dos Escolhidos? O menino que, há poucos meses, sequer podia conseguir uma Pedra-do-Sol?

— Luz e sorte para você, Alteza. E para todos nós.

Lokar se ergueu e foi embora, com seu Espírito-Sombra aos pulos, atrás dela, e Tal ficou ali, com os olhos fixos no vazio.

— Isso faz de mim o Imperador de todos os Espíritos-Sombra? — perguntou Adras, que tinha ficado interessadíssimo pelas medidas de Lokar.

— Não — respondeu Tal com uma voz distante. — E tampouco faz de mim Imperador, seja lá o que Lokar possa dizer.

Abanou a cabeça. Pensar como um Homem-do-Gelo, disse com seus botões. O objetivo imediato era chegar até sua mãe. Ela estaria provavelmente nos aposentos familiares mas, mesmo com toda aquela confusão, Sushin não ia deixar de garantir que Graile estivesse bem vigiada ou, então, haveria armadilhas por lá.

A primeira coisa a fazer era arranjar outro disfarce. Vestiria roupas de Escolhido de uma posição intermediária, e teria de descobrir como impedir que sua Pedra-do-Sol se mostrasse tão abertamente violeta.

Depois, trataria de ver exatamente o que estava acontecendo: por que todo aquele pânico em Aenir, e qual a razão da gritaria que estava ouvindo.

O Corvo estava enfraquecido, mas já tinha se recuperado. Ferek o estava ajudando a beber um pouco de água enquanto lhe contava o que havia acontecido. Quando Milla se aproximou, o Corvo empurrou suavemente a água de volta às mãos de Ferek.

— Saudações, Corvo — disse Milla. E, indicando a mulher que estava à sua direita, disse: — Esta é a Guerreira Mãe Saylsen, e acho que você já conversou com a Matriarca Malen.

— Saudações, Milla... hã, isto é, Capitã-Mor, e hã... Guerreira Mãe e, mais uma vez, saudações, Malen — respondeu o Corvo. Sua voz estava um tanto rouca, mas Milla percebeu outra diferença. O Corvo sempre tinha sido ríspido com ela, falando-lhe permanentemente em tom raivoso. Mas essa raiva tinha desaparecido. Ele parecia simplesmente cansado e fraco.

— Ferek já lhe disse que voltei, junto com meu povo, para acabar com essa história de os Escolhidos terem Espíritos-Sombra, e para salvar o Véu? — perguntou Milla. — E também ajudaremos o seu povo, se vocês estiverem de acordo.

— Claro — disse o Corvo, com um sorriso irônico. — Farei o que puder para ajudá-los se, em troca, vocês nos ajudarem a sermos livres de verdade. Isto é, se não for morto antes.

— Por que matariamos você? — indagou Milla, atônita.

— Você, pessoalmente. Não os Homens-do-Gelo — disse o Corvo. Parou de falar, pegou a água das mãos de Ferek e molhou a garganta antes de prosseguir. — Tentei matar seu amigo Tal, e roubar a Grande Pedra Vermelha.

Milla deu de ombros.

— Eu própria já tentei matá-lo, mas ele sobreviveu.

— Estou falando sério — protestou o Corvo. Abanou a cabeça como se não acreditasse no que tinha feito. — Simplesmente, enlouqueci. Achei que tínhamos de ficar com a Grande Pedra Vermelha. Tal era um Escolhido, e ficaria sempre do lado dos Escolhidos. Eu o golpeei na cabeça e, depois, atirei a faca nele.

— Você o feriu? — perguntou Milla.

— Não — disse o Corvo. — Só atingi seu casaco.

— Você devia praticar mais.

— É tudo o que você tem a dizer? Eu tentei matá-lo, de verdade. E sem nenhum bom motivo. Ferek, Tinty, Gill... todos nós teríamos morrido se Ebbitt não estivesse lá.

— É Tal quem deve perdoá-lo, ou puni-lo — disse Milla. Ela não estava entendendo por que o Corvo estava tão aflito. — E é você quem deve perdoá-lo, ou puni-lo. Eu não tenho nada com isso.

— Fui... grosseiro a seu respeito — disse o Corvo. — Insultei você, falando com Tal.

Ele baixou os olhos, incapaz de fitá-la.

— Quer lutar comigo? — perguntou Milla. Ela realmente não estava conseguindo entender o rapaz. Ele tinha lutado com Tal, tinha perdido, e por pouco não tinha morrido. Nada mais que isso. — Repita os insultos e eu o matarei. Mas, se não os ouvi, é como se nunca tivessem existido. Perderam-se no vento.

— Não sei — sussurrou o Corvo. — Só que... estou me sentindo péssimo.

Agora tudo fazia sentido. Aquilo era o resultado do ferimento na cabeça. Quando estivesse melhor, o Corvo voltaria a ser aquela criatura normalmente raivosa.

— Precisamos que você examine este mapa — disse Milla. Explicou-lhe rapidamente o que os Homens-do-Gelo pretendiam fazer e pediu-lhe que indicasse quaisquer escadas ou portas dos níveis dos Escolhidos que pudessem estar faltando ali.

Eram bem poucas. Milla as assinalou no mapa, lamentando não ter os desenhos perfeitos que o Códex poderia fazer. Se pelo menos tivesse conseguido segurá-lo naquela hora.

Quando cada nova escada, rampa ou entrada era assinalada, Milla e Saylsen discutiam brevemente para ver como defendê-la ou bloqueá-la. Então, Saylsen enviava uma de suas Donzelas Guerreiras ou um Caçador para dizer a uma das outras Guerreiras Mães que incluísse o novo local em seu setor.

O Corvo ainda estava olhando o mapa quando um Homem-do-Gelo irrompeu pelo aposento e veio correndo na direção de Milla, Saylsen e Malen. A uns poucos trechos de distância, bateu os punhos.

— Capitã-Mor, Guerreira Mãe, trago uma mensagem da Guerreira Mãe Kyal — disse ele, ofegante. — Os Escolhidos atacaram. Duas dezenas deles, com sombras, tentaram forçar o... Caracol Vermelho do Lado Oeste.

O mensageiro tropeçou no estranho nome do local, mas Milla já havia localizado o ponto no mapa, batendo com a ponta do dedo no couro.

— E? — indagou ela prontamente, no momento em que o Caçador respirou fundo.

— Vencemos — respondeu o Homem-do-Gelo, todo orgulhoso. — Capturamos quatro sombras e matamos três Escolhidos. Dois dos nossos estão feridos e um morto. A Guerreira Mãe Kyal está pedindo mais garrafas-de-sombra. Esta é a mensagem.

Milla olhou para Saylsen. Não sabia onde estavam guardadas essas coisas.

— Fale com Anriq ali — disse Saylsen, apontando com o dedo. — Ele tem quatro sacos-de-sombra. Leve três. Vá!

O Caçador bateu os punhos e saiu correndo.

Antes que alguém pudesse dizer qualquer coisa, um outro indivíduo ofegante veio correndo por um dos portões mais próximos. Também era um Caçador. Saltou o último patamar e pulou no chão com o ruído da armadura de concha-espelhada. Seu peitoral estava chamuscado por um Raio Vermelho da Destruição. Se não estivesse usando aquilo, teria sido cortado ao meio.

— Capitã-Mor! A Guerreira Mãe Verik manda dizer que mais de quatro pelotões de Escolhidos e de sombras estão atacando a Rampa de carros-pipa do Povo Inferior. Conseguiram passar pelo portão intermediário, mas continuamos detendo o portão inferior. Precisamos de escudos e sacos-de-sombra!

Milla tirou o escudo de concha-espelhada que trazia às costas e o entregou ao mensageiro. Este pareceu surpreso, mas o pegou. Saylsen deu-lhe uma garrafa-de-sombra que tirou do próprio cinto.

— Aqui está! Pegue isso, e vá correndo!

Saylsen virou-se para Milla e o Corvo.

— Havia poucos sacos-de-sombras e outras coisas do gênero para trazeremos conosco, e sei que vamos precisar de muito, muito mais. Você sabe se, por aqui, existem outras armas que possamos visar contra as sombras, Corvo?

O Corvo abanou a cabeça.

— Jarnil tinha alguns sacos-de-sombra como os seus — disse ele. — Mas não sei onde ele os conseguiu. Tenho uma Pedra-do-Sol que posso usar, um pouco.

— Eu também — disse Milla. — E ainda tenho a Garra.

— A Capitã-Mor não deve lutar. Não até que tudo esteja perdido — disse Saylsen. — A Capitã-Mor deve ficar afastada, para ter a mente clara e poder dar as instruções.

Milla franziu a testa e cerrou os punhos.

— Esta também é a vontade das Matriarcas — disse Malen. Enquanto ela falava, Milla foi sentindo aquelas palavras como uma comida indigesta em seu estômago, pesando e fazendo pressão.

— Mas a batalha acabou de começar, não é? — indagou Ferek, ansioso. — E estamos ganhando. Não estamos?

— Estamos — disse Milla, confiante. — Estamos apenas discutindo sobre o que podemos precisar fazer.

Mais alguém entrou por uma outra porta. Desta vez, era uma Donzela Guerreira. Veio correndo pelos patamares e, antes mesmo de parar, já começou a falar enquanto batia os punhos cerrados.

— Capitã-Mor! A Guerreira Mãe Granly manda dizer que muitos Escolhidos estão reunidos no alto da Escadaria Velha. Cem deles, ou mais. Alguns têm armaduras que brilham com várias cores, e há muitas sombras. A Guerreira Mãe manda dizer que morreremos bravamente, mas que isso não será o bastante. Ela pede que mais um ou dois pelotões sejam enviados para lá.

— Os Escolhidos foram muito mais rápidos do que eu imaginava — disse Milla, falando depressa demais, num claro sinal de sua agitação. Olhou para Saylsen e para Malen. — Uns cem Escolhidos, sendo que alguns deles são Guardas. Não podemos nos arriscar a mandar mais um pelotão porque isso pode ser apenas uma artimanha. Preciso ir!

— Não! — disse Malen. Aquela única palavra comprimiu o estômago de Milla como se fosse uma câimbra violenta. — Não é seguro! Mande os outros, mas você tem de ficar aqui!

— Guerras não são coisa segura — dardejou Saylsen, furiosa. — Você precisa deixar que a Capitã-Mor tome suas próprias decisões, Matriarca.

Malen parecia preocupada. Levou a mão à testa

— Vou consultar a Matriarca Mãe. Será que vocês podem fazer silêncio!

— Não há tempo para consultar a Matriarca Mãe — disse Milla, com toda calma. — Sou a Capitã-Mor dos Homens-do-Gelo, Malen. Estou usando a Garra de Danir. Nosso povo não vai morrer à toa, simplesmente porque eu não estou a seu lado. Eu vou.

Malen não tirou a mão da testa. Seus olhos começaram a ficar enevoados.

Milla ignorou a dor que sentia e começou a se afastar. Saylsen seguiu a seu lado, convocando seu pelotão com um gesto. Jarek e Kirr foram os primeiros a se aproximar, pondo-se atrás delas, depois de fazer uma rápida saudação com os punhos.

Milla continuou andando apesar da dor que a queimava por dentro. Havia também aquela voz possante das Matriarcas ecoando em sua cabeça. Perto dela, mas afastada o bastante para ficar fora do alcance da Garra, Odris estava cambaleando pelo ar, esfregando o estômago e a cabeça.

Cada passo era uma agonia. Mas Milla era orgulhosa demais para desistir. As Matriarcas tinham decidido o seu destino. Tinham lhe imposto uma grande tarefa. Não era uma tarefa que ela pudesse realizar se elas ficassem tentando controlar, à distância, tudo o que fizesse.

Deu mais um passo, e outro mais. Seu rosto estava banhado de suor e sua pele foi ficando mais branca que a neve mais pura. Ela já estava quase no limite de sua dor e de suas forças. Mais uns poucos passos, e cairia.

Ergueu o pé, empurrando-o para a frente. Quando a dor estava aumentando, e a grande voz das Matriarcas ia crescendo em sua cabeça, ouviu a voz suave de Malen que atravessou a dor e o ruído.

— Vá, Capitã-Mor. As Matriarcas lhe dizem que está livre. Livre para lutar como achar melhor.

No mesmo depósito de lavanderia que tinha usado antes, Tal encontrou trajes de Estrela Brilhante da Ordem Amarela. Depois de se trocar, o menino pôs uma bandagem ao redor da cabeça. Ninguém acharia aquilo estranho no momento atual, pensou Tal, pois continuava ouvindo a gritaria ininterrupta e o som distante de algo que só podia ser ruído de luta ecoando pela rampa da lavanderia.

Adras também estava disfarçado. Puxando seus ombros e braços, Tal ajudou seu Espírito-Sombra a assumir a aparência de um Borzog levemente desnutrido. Finalmente, Adras tinha a forma quase certa.

A Grande Pedra Violeta deu um pouco mais de trabalho para ser camuflada. Simplesmente não queria alterar sua cor e Tal precisou usar todo o seu poder mental para fazê-la voltar às cores que tinha anteriormente. Afinal, conseguiu, e a pedra ficou amarela com manchas vermelhas.

O que também o deixou feliz foi encontrar um pacote de camarões secos num outro monte de roupas. Embora em Aenir as pessoas não precisassem realmente se alimentar, Tal nem se lembrava mais de quando havia comido pela última vez em seu corpo efetivo. Engoliu rapidamente os camarões aos bocados, acompanhando tudo com água da pia que os Inferiores das lavanderias utilizavam para uma pré-lavagem das roupas.

Disfarçado e fortalecido pela comida, Tal se aventurou pelos principais níveis da Ordem Amarela. Por toda parte, havia Escolhidos que corriam, gritavam e faziam o maior alvoroço, e havia também uns poucos indivíduos do Povo Inferior que tentavam continuar suas tarefas. Tal manteve a cabeça baixa e foi andando lentamente, como se estivesse ferido.

O menino custou um pouco a perceber que estava indo na contramão do fluxo. Estava se dirigindo para os níveis mais baixos da Ordem Amarela ao passo que a maioria dos Escolhidos se dirigia para cima. Vários deles estavam acompanhados por seus Espíritos-Sombra que carregavam seus pertences de valor, e seguidos pelas crianças cujas sombras-guardiãs iam levando brinquedos e alguns de seus objetos favoritos.

Mas nem todos os Escolhidos estavam fugindo daquilo que Tal supunha ser uma batalha contra os Homens-do-Gelo. Teve de se encolher junto à parede de um dos principais corredores incolores enquanto uma tropa da Guarda, bem disciplinada, passava correndo, lado a lado com seus Espíritos-Sombra de cintura fina. Atrás deles, vinham vinte ou trinta Escolhidos de todas as Ordens, da Vermelha à Violeta, com ar determinado, levando armas improvisadas e várias Pedras-do-Sol. Seus Espíritos-Sombra dançavam a seu redor, subindo e descendo pelas paredes e pelo teto. Tal observou todos eles com o canto do olho, mas não viu nenhum sobrando. Até agora, os Espíritos-Sombra independentes que estavam pelo Castelo pareciam estar aguardando o momento oportuno.

Depois que os Guardas passaram. Tal aproveitou uma oportunidade e se aproximou de um outro Escolhido, um Ofuscador da Ordem Azul que também tinha saído da frente daquela tropa.

— Quais são as novidades? — indagou Tal. Não se preocupou em oferecer luz em sinal de respeito. Aliás, ninguém estava fazendo isso. As regras de cortesia pareciam ser a primeira coisa a desaparecer.

— Tudo na mesma — respondeu o Escolhido. — Monstros cruéis, de cara branca, nos níveis inferiores. Os Guardas vão fazê-los sair de lá.

Essa última frase foi dita num tom de absoluta confiança.

— E a Imperatriz? — perguntou Tal.

O Ofuscador o fitou sem entender nada.

— Ela anunciou que as armas da Sétima Torre serão usadas contra os invasores — disse ele. — É isso que você quer saber?

— Não — disse Tal. O que seriam as armas da Sétima Torre? — Não. Ouvi dizer... que ela estava doente.

O Ofuscador abanou a cabeça.

— Ouvi de tudo, hoje. Mas nada tão idiota quanto isso. Ei, espere! Aonde é que você vai?

Tal começara a se afastar, para ir atrás dos Guardas.

— Não é por aí, Estrela Brilhante! Seu Lumenor não lhe disse onde deve se apresentar? Estamos evacuando tudo, de Anil para baixo.

Tal não respondeu. Tentou parecer distraído e ficou olhando aquele movimento que recomeçara no sentido contrário. Ouviu alguns gritos zangados mas, quando conseguiu abrir caminho, o Ofuscador tinha desaparecido naquele mar de Escolhidos em fuga.

Finalmente, Tal se esgueirou por caminhos menos conhecidos que iam dar nos níveis Laranja. Era evidente que o Ofuscador sabia o que estava dizendo pois, quanto mais baixo Tal chegava, mais abandonado tudo estava. Ainda havia Guardas, e alguns grupos irregulares de Escolhidos que seguiam atrás deles, mas Tal tratou de ficar fora de seu caminho ou fingir estar descansando antes de continuar a subir. De qualquer jeito, eles estavam sempre apressados demais para prestar atenção nele.

Chegou enfim aos tão familiares níveis Laranja, que haviam sido sua casa boa parte de sua vida. Mas, agora, não se sentia em casa ali. Tal se deu conta de que, na verdade, também não se sentia mais um Escolhido. Com certeza, não tinha a menor vontade de se juntar aos que fugiam lá para cima, nem aos que iam lutar lá embaixo.

Quando estava para dobrar o corredor que levava aos aposentos de sua família, Tal parou um pouco. Olhou naquela direção e viu a porta tão conhecida, com o brasão familiar: a fera-sthil laranja saltando sobre uma estrela de sete pontas.

Tal ficou com os olhos marejados, lembrando do dia em que viera correndo para casa depois de ter ouvido, pela primeira vez, a notícia de que seu pai tinha desaparecido. Tinha tentado não chorar porque não queria que alguém visse a tristeza e o medo que sentia. Sushin estava esperando ali dentro.

Não era provável que Sushin estivesse esperando ali dentro, agora. Não com os Homens-do-Gelo atacando o Castelo. Mas Tal tinha certeza que ele devia ter montado armadilhas ou, talvez, deixado sombras independentes tomando conta de Graile. Ele quase tinha conseguido apanhar Tal de modo semelhante, usando seu irmão, Gref, como isca.

— Está vendo aquela porta com a fera-sthil? — sussurrou Tal, dirigindo-se a Adras. — Será que você pode passar por baixo dela, e dar uma olhada lá dentro? Tome cuidado. Deve haver armadilhas, ou inimigos.

— Adras vai quebrar as armadilhas e rasgar os inimigos em três pedaços — declarou o Espírito-Sombra.

— Ao meio, você quer dizer — corrigiu Tal.

— Não, em três. Um pedaço à direita, um pedaço à esquerda, um pedaço para pisotear — disse Adras. — É assim que fazem os Pastores de Tempestades. É isso que Odris está fazendo agora.

— Odris? — perguntou Tal. Sua voz saiu quase como um guincho, num misto de nervosismo e excitação. — Ela está no Castelo?

Adras fez que sim com a cabeça, apontando para o chão com um polegar maciço.

— Lá embaixo. Lutando. O vento está me dizendo isso.

— E Milla? — indagou Tal, ansioso. — Ela ainda está viva?

— Sei lá — disse Adras. — O vento só fala de Odris. Mas, de qualquer jeito, o vento não conhece Milla.

— Talvez Milla tenha vindo guiar os Homens-do-Gelo até aqui — disse Tal, lentamente. — Eles iam precisar de um guia, e ela seria a escolha óbvia. Talvez não tenham deixado que se lançasse ao Gelo porque precisavam dela.

Adras deu de ombros. Não tinha a menor idéia. Estava feliz por saber que Odris estava ali perto. Encontraria com ela logo.

Tal também ficou mais feliz. Na verdade, nunca tinha acreditado que Milla estivesse morta, mas tinha medo que estivesse. No entanto, se Odris estava ali, e lutando ao lado dos Homens-do-Gelo...

— Posso ir, agora? — interrompeu Adras.

— Claro, claro! — disse Tal. — Mas, tome cuidado. Destranque a porta, se ela estiver trancada, e não toque em nada suspeito.

Adras saiu fluando pelo corredor. Tal ficou esperando, ansioso, vendo-o passar por baixo da porta, com todos os sentidos em alerta. Mas não ouviu nada, e não houve nenhum sinal de qualquer armadilha ou alarme.

Passaram-se minutos. Adras não voltou. Tal continuou agachado na virada do corredor, e a tensão ia aumentando. O que teria acontecido ao Espírito-Sombra?

Passou-se mais um minuto. Tal se levantou, voltou a se agachar, se levantou de novo.

Mais um minuto se passou. Tal ficou empurrando o anel de Pedra-do-Sol para cima e para baixo do dedo, no maior nervoso. Com certeza, a essa hora Adras já devia ter aberto a porta. Algo deve ter dado errado.

Tal começou a rastejar pelo corredor, com a Pedra-do-Sol já preparada. Uma luz vermelha começava a ondular na superfície da pedra, pois Tal estava armando um Raio Vermelho da Destruição.

Estava quase chegando na porta quando ela se abriu subitamente. Por uma fração de segundo, Tal esteve disposto a disparar o Raio Vermelho sobre o que quer que saísse dali. Mas não fez nada disso, porque era Adras.

— O que você está esperando? — perguntou o Espírito-Sombra. — Já destranquei a porta há séculos. E não tem ninguém por aqui. Só alguém da sua turma, dormindo a sono solto num quarto esquisito, e quente, que fica lá atrás.

— Não é “alguém da minha turma” — disse Tal, furioso. — É minha mãe!

Milla executou a dança da morte, com o chicote de luz emitido pela Garra cortando o ar à sua volta como uma fita de gume afiado. Saiu ceifando as fileiras de Espíritos-Sombra como um Merwin atacando um rebanho de Wreskas meio adormecidas.

Enquanto ia cortando, despedaçando e estrangulando os Espíritos-Sombra, a Garra ia também desviando os raios de luz e outros encantamentos que eram atirados sobre a Capitã-Mor dos Homens-do-Gelo. Mas, por mais rápida que fosse, mais rápida que um Pulgácaro, a Garra não podia desviar completamente cada Raio Vermelho ou Rajada Azul que os Escolhidos disparavam lá de sua barricada improvisada, situada bem no alto da ampla extensão da Escadaria Velha.

Milla foi atingida por luz vermelha e teve os dois braços levemente queimados. No entanto, não recuou até que todos os Espíritos-Sombra tivessem batido em retirada. Mesmo assim, a Garra ainda tentou chicotear às suas costas, e Milla só conseguiu desviá-la quando Odris a segurou, levando-a para trás das próprias barricadas dos Homens-do-Gelo. Estas eram feitas de painéis de cristal parcialmente espelhados, escorados numa mureta de barris, caixotes e tudo o mais que puderam recolher no nível do Povo Inferior em que a escada terminava.

Quando Odris arrastou Milla dali, várias Guerreiras Mães interromperam seu próprio repouso e ergueram seus escudos de concha-espelhada para proteger a Capitã-Mor. E foi em boa hora, pois vieram mais Raios Vermelhos e Cutelos Anil, que arrancaram lascas da pedra dos degraus ao serem desviados pelos escudos.

Momentaneamente a salvo por trás da barricada, Milla e Odris ficaram de cócoras, enquanto uma dúzia de Caçadores se levantou para arremessar lanças sobre os últimos Espíritos-Sombra que ainda estavam por ali.

Saylsen veio onde elas estavam, agachada e com a cabeça apenas um pouco abaixo do nível da barricada. Quando ela estava se aproximando, mais Raios Vermelhos se entrecruzaram acima de sua cabeça.

— Muito bem, Capitã-Mor! — exclamou a velha Guerreira Mãe. — Se pelo menos esses covardes atacassem eles próprios, em vez de mandar suas sombras! Ai, eles iam ver!

Mula cerrou os dentes por um instante pois começava a sentir a dor das queimaduras nos braços.

— Eles demonstram ter bom senso — disse ela, fazendo uma careta. — Os Espíritos-Sombra não morrem facilmente, e seus amos sobrevivem à dor que eles sentem. Gostaria que tivéssemos Espíritos-Sombra que morressem em nosso lugar.

Milla olhou a seu redor. Pela sua Pedra-do-Sol, fazia quase uma hora dos Escolhidos que estavam lutando naquela escadaria, e havia muitos mortos e feridos entre os Homens-do-Gelo.

— Não há glória aqui — acrescentou ela. Não era como nas velhas histórias e lendas. — É apenas um trabalho bobo e desagradável que tem de ser feito.

Viu Malen que cuidava de uma Guerreira Mãe que estava morrendo, e arrastou-se até ela.

— Temos notícias de nosso exército? — indagou Milla.

Malen abanou a cabeça. Milla viu que suas mãos tremiam.

— Não... não sei — sussurrou Malen. — Não consigo ouvi-las no meio disso tudo. Não consigo ouvi-las!

— Não tem importância — disse Milla, tentando acalmá-la. — Simplesmente, faça o que puder pelos feridos. Já enviei mensagens. Eles trarão os outros até aqui quando chegarem.

Quando chegarem, pensou Milla. Tomara que fosse logo. Mesmo com a Garra, havia um limite para a quantidade de Espíritos-Sombra que poderia deter. Até agora, tinha havido seis ataques pela escadaria. A cada um deles, havia mais Espíritos-Sombra e, todas as vezes, eles haviam simplesmente sido obrigados a recuar.

Milla passou os olhos pela barricada, onde havia um espaço considerável depois do grupo principal dos defensores. Afora isso, o que se via era uma massa compacta de Donzelas Guerreiras e Caçadores, abaixados até que tivessem de enfrentar um novo ataque.

Logo ficou claro por que havia aquele espaço sobrando. Jarek estava lá, espiando por uma ligeira fresta entre dois painéis de cristal. Seu imenso peito azul-escuro subia e descia como um fole, e ele estava segurando a grande corrente de metal dourado esticada entre dois de seus dedos enormes. Kirr acariciava-lhe a nuca e lhe dizia algo ao ouvido. Ela havia conseguido convencê-lo a recuar depois de cada ataque, uma façanha que Milla julgara impossível tendo visto a intensidade de sua fúria e a carnificina que ele provocara entre os Espíritos-Sombra, usando a sua corrente. Como alguns tipos de luz, o metal dourado era sólido demais para Espíritos-Sombra.

Enquanto Milla estava olhando, um Raio Vermelho passou pela fresta e atingiu Jarek bem no peito. Qualquer outra pessoa teria morrido instantaneamente, mas a sua pele, impregnada pelo sangue dos Norrvermes, desviou o raio. Este bateu num barril, arrancando uma longa lasca de madeira que saiu voando pelo ar, com um zumbido terrível, e foi atingir Kirr.

Sem emitir som algum, a Donzela Guerreira desabou sobre o degrau mais próximo. Milla correu até ela, o mais rápido que podia sem se expor. Malen veio logo atrás, trazendo nas mãos seu estojinho de remédios.

Antes, porém, de chegarem lá, já sabiam que não havia nada a ser feito. A lasca de madeira era comprida como uma flecha e, por azar, atingira Kirr debaixo do braço, onde não havia armadura.

Jarek baixou os olhos para sua companheira e tocou levemente suas costas. Como ela não se mexeu, ele a virou. Milla e Malen ficaram estáticas ao perceber a loucura em seu olhar.

Jarek pôs Kirr no chão novamente. Inclinou a cabeça para trás e soltou o urro mais terrível que Homens-do-Gelo ou Escolhidos jamais haviam ouvido. Mais alto e mais feroz que o uivo do Merwin, mais profundo que o longínquo estrondo dos Selskis.

O tempo parou. Até os Escolhidos pararam de atirar Raios Vermelhos sobre a barricada.

Jarek se levantou e saiu derrubando a barricada, fazendo a enorme corrente girar acima da cabeça. E o urro terrível se prolongou, durando muito mais do que quaisquer pulmões poderiam agüentar.

Brilharam Raios Vermelhos que ricocheteavam em seu corpo, mas ele não recuou. Uma Rajada Azul explodiu sobre ele, mas ele nem vacilou.

Milla não precisou pensar duas vezes.

— Atacar — berrou ela. — Por Kirr! Atacar!

Num minuto, todos os Homens-do-Gelo estavam de pé, inclusive vários feridos. Empurrando a barricada, saltando por cima dela ou derrubando-a, todas as Donzelas Guerreiras e os Caçadores investiram escada acima, seguindo a corrente do Xucro Jarek e a terrível Garra da Capitã-Mor Milla.

Tal se dirigiu para a antecâmara com toda cautela. Apesar da condescendência de Adras, tinha certeza que havia armadilhas por ali. Não era possível que Sushin tivesse deixado Graile sem qualquer vigilância.

Mas não estava vendo nada. Não havia nenhuma Pedra-do-Sol esquisita nas paredes ou no teto. Nenhuma sombra se movia onde não seria de se esperar, não havia qualquer mancha escura que parecesse suspeita.

Verificou a porta da câmara solar. Adras já a tinha aberto e ela também parecia inofensiva.

Tal foi se esgueirando pela porta aberta, pronto para o que quer que houvesse ali. Como sempre, sentiu aquela onda de calor, e de umidade. As paredes e o teto da câmara solar eram recobertos de minúsculas Pedras-do-Sol que estavam constantemente emitindo luz e calor. A umidade se explicava pela cúpula em forma de cebola que havia no canto e que continha centenas de furinhos que exalavam vapor. Ela era diretamente conectada a um dos canos menores da tubulação do Castelo.

Graile estava deitada na cama, e não se movia. Tal sentiu uma pontada no peito ao vê-la. Ela parecia tão pálida e abatida. Por um segundo, Tal ficou apavorado, pois não conseguiu ver o Espírito-Sombra de sua mãe. Mas, depois, percebeu que ele estava debaixo da cama. Ele também tinha definhado, e agora não passava de um triste resto da grande coruja-de-sombra que fora um dia.

Tal ficou absolutamente estático, olhando sua mãe doente. Será que fora veneno de aranha-d'água que deixara ela assim? Veneno de aranha-d'água que lhe teria sido ministrado por Sushin? Ou seria outra coisa qualquer, outra coisa contra a qual o antídoto que trazia na mão não teria serventia?

Tal respirou fundo e se ajoelhou perto da cama. Abriu o frasco do antídoto e, então, ergueu a cabeça de Graile com todo cuidado, apoiando seu pescoço. Ela estava respirando muito, muito devagar, de forma irregular, e não teve qualquer reação quando ele a tocou. Sua pele também estava muito, muito fria.

Tal verteu o antídoto na boca de sua mãe e fechou-a. Depois, apertou-lhe o nariz e a sacudiu um pouco.

Durante alguns segundos, não aconteceu nada. De repente, ela tossiu, uma tosse explosiva que quase fez com que Tal a largasse. E ele acabou soltando o seu nariz. Ela tossiu de novo, um acesso tão forte que seu corpo se sacudiu todo. Então, abriu os olhos. De início, não conseguia fixar nada.

Tal descansou sua cabeça novamente sobre os travesseiros. Seus olhos foram ficando mais vivos e ela lhe sorriu enquanto ele ajustava seus travesseiros.

— Tal — sussurrou ela. — Você cresceu.

Tal também sorriu para ela, e uma única lágrima desceu pelo rosto do menino. Quando a enxugou, Graile viu o anel que ele trazia no dedo.

— Você conseguiu uma Pedra-do-Sol — acrescentou ela, com a voz tão apagada que Tal mal pôde ouvir. — Uma Pedra-do-Sol original. Agora, poderemos ir para Aenir.

Sua própria Pedra-do-Sol jazia sobre seu peito, pendurada numa corrente de prata. Quase não

brilhava mais. Tal ficou imaginando o que Sushin teria feito com ela.

— É um pouco mais complicado que isso, mãe — disse Tal, rapidamente. Deu uma olhada a seu redor. Sabia que Sushin tinha posto algum tipo de armadilha naquele quarto. — Muita coisa aconteceu. Muita, mesmo. Para começar, temos de sair daqui.

Graile concordou mas, quando tentou se levantar, ficou evidente que aquilo estava além de suas forças. Seu Espírito-Sombra, que também parecia um pouco melhor, tentou ajudá-la, mas continuava sem forças.

— Adras vai carregar você — disse Tal. — Meu Espírito-Sombra. Adras!

— Seu Espírito-Sombra! — repetiu Graile. E sorriu de novo. — Muita coisa aconteceu.

— Adras!

Adras entrou no quarto. Segurava, com dois dedos, uma lasquinha de sombra que se retorcia.

— Olhe o que achei. Havia milhares deles, mas os outros fugiram.

Tal ficou olhando aquela coisinha se contorcer. Era o menor Espírito-Sombra que já tinha visto. Nem podia ver direito o que era aquilo.

— E o Espírito-Sombra de um Frox — explicou Adras, todo gentil. — É disso que são feitos os enxames.

— Ele está falando alto — disse Graile, com um fio de voz. Tal achou que ela estivesse falando do Frox mas, depois, percebeu que era de Adras. Os Espíritos-Sombra dos Escolhidos nunca falavam em público. Só com seus senhores, e em particular.

— Adras é diferente — disse Tal, rapidamente. Nesse exato momento, os Frox que fugiram estariam provavelmente relatando a alguém o que tinha acontecido. Precisavam se apressar.

— Adras, por favor, leve minha mãe com todo cuidado — disse ele. — Ela se chama Graile. Você tem de protegê-la como se fosse eu.

— Claro — trovejou Adras. Inclinou-se junto à cama e, com a maior facilidade, pegou Graile no colo juntamente com seu Espírito-Sombra que, no último minuto, saltou sobre a barriga de sua senhora. Quando estava em plena forma, aquela coruja era do tamanho de Tal. Mas tinha se reduzido a menos de um terço da altura do menino.

— Aonde estamos indo? — sussurrou Graile. — Como você me acordou?

— Você foi envenenada com veneno de aranhas-d'água — explicou Tal, rapidamente, enquanto se dirigia para a saída. — Consegui o antídoto com... com Ebbitt... humm... vou explicar... isto é...

Foi salvo por um ruído do outro lado da porta externa. Passos.

Tal ergueu a Pedra-do-Sol. Todo o medo e a ansiedade que estava sentindo por causa de sua mãe fluíram para a pedra. Ela assimilou aquilo tudo com uma potência bruta e, num instante, o disfarce desapareceu.

O quarto se encheu de luz violeta. Graile soltou um grito de espanto.

— Violeta!

Tal praguejou.

Alguém tentava abrir a porta.

— Voltem! — sussurrou Tal. Eles foram recuando lentamente. Tal parou na porta da câmara

solar, deixando-a ligeiramente entreaberta. Sua Pedra-do-Sol, agora de um violeta vivo, estava pronta, brilhando. Mais uma vez, Tal não tinha nenhum encantamento especial para usar. Só uma raiva grande que ele deixou se acumular na Pedra-do-Sol.

A porta se abriu. Dois Guardas esgueiraram-se por ela, espadas e Pedras-do-Sol em punho.

Atrás deles estava Sushin, com o corpanzil ocupando todo o vão da porta. Usava abertamente os trajes de Senhor-das-Sombras da Ordem Violeta e, pelo corpo e pelas mãos, tinha ainda mais Pedras-do-Sol que antes.

Tal nem esperou. Mandou todo o seu ódio para a Pedra-do-Sol e disparou sobre os três Escolhidos.

Um terrível raio de luz violeta concentrada saiu voando pelo aposento. Despedaçou móveis, atingiu os Guardas e lançou-os porta afora.

O raio fez Sushin cambalear para trás, e todas as suas Pedras-do-Sol brilharam absorvendo o choque. Antes que Tal pudesse disparar outro raio, Sushin atirou algo em sua direção. Uma bola, mais ou menos do tamanho de um fruto-d'água.

Ela bateu no peito de Tal e estourou, exatamente como um fruto-d'água. O líquido jorrou sobre o rosto de Tal e foi escorrendo por suas faces. Mas estava misturado com alguma coisa, alguma coisa que tinha um cheiro horrível e familiar. Por um momento, Tal não conseguiu identificá-lo. Depois, se lembrou.

Era veneno de aranha!

Um segundo mais tarde. Tal sentiu o veneno correndo por suas veias. Ele devia agir mais lentamente do que quando injetado por uma aranha mas, provavelmente, tinha menos de um minuto antes de ficar inconsciente.

Bateu a porta e recuou, cambaleando. Adras estava depositando Graile na cama, já bocejando.

— Mãe! — disse Tal, fazendo um esforço para falar enquanto a escuridão começava a tomar conta de sua cabeça. — Finja que continua doente. Quando puder, desça para os níveis do Povo Inferior. Diga aos Homens-do-Gelo que você é a mãe de Tal. Peça-lhes que levem você até Milla, se ela estiver viva. Diga-lhe que Lokar foi libertada. Leve a metade violeta...

Tentou retirar a Pedra-do-Sol do dedo, mas já era tarde demais. O anel estava muito justo, e suas mãos estavam sem forças. Lembrou-se, então, do último frasco do antídoto que ainda estava amarrado à sua camisa.

Seus dedos enfraquecidos se atrapalharam com o nó.

Estava quase conseguindo desfazê-lo quando a escuridão tomou conta dele.

FIM.